UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA HUMANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA/FFLCH USP

PRISCILLA PACHI

A precarização na base da mundialização contemporânea: a imigração haitiana na metrópole de São Paulo

(versão corrigida)

São Paulo
2019

PRISCILLA PACHI

A precarização na base da mundialização contemporânea: a imigração haitiana na metrópole de São Paulo

(versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. César Ricardo Simoni Santos

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

PACHI, PRISCILLA
Pp A precarização na base da mundialização contemporânea: a imigração haitiana na metrópole de São Paulo / PRISCILLA PACHI ; orientador PROF. DR. CÉSAR RICARDO SIMONI SANTOS. - São Paulo, 2019.
163 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Imigração Haitiana. 2. Cidade Global. 3. Mercado de trabalho. 4. Precarização . 5. Imigração como negócio. I. SANTOS, PROF. DR. CÉSAR RICARDO SIMONI, orient. II. Título.

fflch UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): ___PRISCILLA PACHI_____

Data da defesa: __07_/__10_/_2019___

Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof. Dr. CÉSAR RICARDO SIMONI SANTOS__

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, _12_/_11__/__2019_____

_____

(Assinatura do (a) orientador (a)

PRISCILLA PACHI. **A precarização na base da mundialização contemporânea: a imigração haitiana na metrópole de São Paulo**. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. _____ Instituição_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. _____ Instituição_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Prof. Dr. _____ Instituição_____

Julgamento_____ Assinatura_____

Dedico este trabalho à mamãe e ao papai (*in memorian*), Dô, Vinha, Bibi, Dida, Ricardo e Pedro

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe que sempre me apoiou e me incentivou nos estudos e ao meu pai (*in memorian*) que, apesar do pouco tempo que a vida nos permitiu convivermos juntos, sempre acreditou em mim.

Aos meus ancestrais (Borgia e Pachi) que, como imigrantes, instigaram a minha curiosidade e o desejo por estudar as migrações.

Ao meu amado filho Pedro que soube entender a importância deste momento em minha vida e respeitou os meus momentos de desespero, dedicação e ausência.

Ao meu esposo Ricardo que sempre me apoiou nos meus anseios e esteve ao meu lado apesar de muitas vezes eu estar ausente e dedicada à produção acadêmica.

Ao Fernando, meu irmão, pelo apoio nas leituras e discussões sobre o meu tema de pesquisa.

À minha irmã Flávia e meu cunhado Mattew que, mesmo distantes, sempre torcem por mim e me ajudam no que for preciso.

À minha sobrinha Beatriz que, mesmo sem saber, foi um exemplo de luta e perseverança que me inspirou e me fez chegar onde cheguei.

À Vera Aguiar, amiga e companheira que sempre me ajudou em casa para que eu pudesse me dedicar à esta dissertação.

Ao amigo Olivier pelo apoio e pela leitura das traduções.

Ao César, meu orientador, que foi fundamental para me dar o direcionamento correto da pesquisa, as indicações de leitura e pelo seu comprometimento na minha orientação.

Aos amigos geógrafos Flávio Lima, Alex Dias de Jesus e Vagner Zamboni Berto pelas orientações, pela leitura crítica, pela orientação cartográfica e pela amizade expressa em gestos e no companheirismo.

Ao Prof. Dr. Luis Antônio Bittar Venturi que muito me incentivou em continuar meus estudos na Geografia e pela amizade que temos há tantos anos.

Ao Prof. Dr. Carlos de Almeida Toledo pelas orientações valiosas que me deu desde o meu “re-ingresso” no departamento de Geografia.

A todos os colegas e integrantes do grupo de estudo Limiares do Laboratório de Geografia Urbana da USP.

Aos colegas do Grupo de Estudos CEM/LABUR em especial à Profa. Dra. Léa Francesconi pela leitura e debate sobre o meu projeto de pesquisa.

À minha amiga e "irmã" Luciana Pacífico pelo apoio, escuta e conselhos.

À historiadora e pesquisadora em Imigração Haitiana, Fabiana Nogueira, pelas trocas de informações e aos amigos geógrafos, Ricardo Chiquito e Marisa Fiers pela amizade.

À CAPES, pela concessão de bolsa que resultou nesta dissertação. Ressalto que as opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de minha responsabilidade e não necessariamente refletem a visão da CAPES.

A todos os integrantes e colaboradores da Missão Paz, em especial, à Ana Paula Caffeu e Claudia Nieto que muito me ajudaram com os dados desta instituição para a minha pesquisa e se tornaram grandes amigas.

Aos amigos da ONG Sietar Brasil que sempre confiaram no meu trabalho voluntário e entenderam o meu momento de ausência.

Ao imigrante haitiano e fundador da USIH, Fedo Beacourt, pelas informações e pela entrevista concedida para esta pesquisa.

A todos os imigrantes haitianos e sujeitos de pesquisa que gentilmente me concederam entrevista e aos que pacientemente me ouviram e contribuíram em meus treinamentos, espero ter podido minimizar algumas das angustias e ter dado um pouco de leveza à dura vida deles na cidade de São Paulo.

M i g r a n t e

Nos pés, doloridos e cansados,
as chagas vivas de caminhos inóspitos,
mas também a força indomável de prosseguir.

Nas mãos, inermes e vazias,
a impotência da falta de trabalho,
mas também a ânsia febril de criar algo novo.

Nos olhos, tímidos e ansiosos,
as lágrimas ainda quentes da separação,
mas também o horizonte de um feliz recomeço.

Nos ouvidos, atentos e atordoados,
o rumor da dor, da fome e da guerra,
mas também a melodia de um amanhã recriado.

Na boca, seca e cerrada,
o sabor amargo de uma solidão sem palavras,
mas também o tempero de uma resistência de aço.

No coração, apertado e oprimido,
o sofrimento de uma existência despedaçada,
mas também o sonho de replantar as próprias raízes.

Na mente, perdida e nublada,
as asas quebradas pela pobreza e a violência,
mas também a vontade indômita de levantar voo.

Na alma, angustiada e ressequida,
feridas mal cicatrizadas pelo desenraizamento,
mas também a utopia universal
do reino de justiça e solidariedade, luz e paz.

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs
Roma, 28 de fevereiro de 2017

RESUMO

PRISCILLA PACHI. **A precarização na base da mundialização contemporânea: a imigração haitiana na metrópole de São Paulo**. 2019. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta pesquisa analisará a imigração haitiana na metropole de São Paulo a partir das crises econômica e política de 2014. Aspectos dessa imigração, tais como a rota migratória, o perfil dos imigrantes, as atividades laborais exercidas e as dificuldades de vida na metrópole são abordadas com base na centralidade do trabalho e nas suas repercussões no que tange à habitação e à segregação socioespacial. Com relação ao mercado de trabalho, analisamos os binômios emprego/desemprego, formalidade/informalidade e a precarização das formas de reprodução da vida no contexto da divisão internacional do trabalho. Foram utilizados registros e dados de pesquisa do OBMigra, da Polícia Federal e do Eixo Trabalho da Missão Paz para compor a nossa análise. Pesquisa de campo com base em observação, análise documental e entrevistas foram realizadas na região central da cidade de São Paulo e compuseram o nosso estudo. Aspectos do atual estágio do processo de globalização foram mobilizados a partir do tensionamento com o conceito de cidade global tal como apresentado por Saskia Sassen durante os anos 1990. Nesse movimento observado a partir da perspectiva do migrante a noção de uma "globalização por baixo" nos termos de Alain Tarrius teve especial importância revelando a precariedade de vida que se manifesta como resultado dos baixos salários e da superexploração dessa força de trabalho. As redes sociais são apresentadas como elementos fundamentais no planejamento do projeto migratório que, geralmente é familiar, e como estratégia de sobrevivência no país de destino. Por se tratar de um projeto familiar, as remessas para o país de origem são importantes para a manutenção da vida dos que ficaram na origem e nos demonstram uma trama de negócios que envolve agências internacionais de envio e recebimento de valores. Remessas de valores também são enviadas aos imigrantes no Brasil para a garantia de suas necessidades básicas enquanto não se inserem no mercado de trabalho e nos indicam que a origem das remessas não se originam somente no Haiti, mas são originários em outros países que apontam uma rede global de transferências de valores.

Palavras-chave: Imigração Haitiana. Cidade Global. Mercado de Trabalho. Precarização. Imigração como negócio

ABSTRACT

PRISCILLA PACHI. **Precarization on the basis of contemporary globalization: Haitian immigration in the metropolis of São Paulo**. 2019. 161 f. Dissertation (Master degree) - Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2019..

This research will analyze Haitian immigration in the metropolis of São Paulo since the economic and political crises of 2014. Aspects of this immigration, such as the migratory route, the profile of the immigrants, the labor activities carried out and the difficulties of life in the city are based on the centrality of work and its repercussions on housing and socio-spatial segregation. With regards to the labor market, we analyze the employment / unemployment, formality / informality and precarious forms of reproduction of life in the context of the international division of labor. Records and research data of the OBMigra, the Federal Police and the Labor Center of the Peace Mission were used to develop our analysis. Field research based on observation, documentary analysis and interviews were carried out in the central region of the city and are a part of the study. Aspects of the current stage of the globalization process were mobilized from the tension with the concept of global city as presented by Saskia Sassen during the 1990s. In this movement observed from the perspective of the migrant the notion of a "globalization from below" in the Alain Tarrius's terms have been particularly important in revealing the precariousness of life that manifests itself as a result of low wages and overexploitation of this labor force. Social networks are presented as fundamental elements in the planning of the migratory project, which is usually familiar, and as a strategy of survival in the destination country. Because it is a family project, remittances to the country of origin are important for the maintenance of the lives of those who stayed at the origin and demonstrate a business network that involves international agencies of sending and receiving of monies. Remittances are also sent to immigrants in Brazil to guarantee their basic needs while not entering in the labor market and indicate that the source of remittances does not originate only in Haiti but also in other countries that point to a money transfer network.

Keywords: Haitian immigration. Global City. Job market. Precariousness. Immigration as a business

RÉSUMÉ

PRISCILLA PACHI. **La précarisation sur la base de la mondialisation contemporaine: l'immigration haïtienne dans la métropole de São Paulo**. 2019. 161 f. Mémoire de maîtrise - Faculté de Philosophie, Lettres et Sciences Humaines, Université de São Paulo, São Paulo, 2019.

Cette recherche analysera l'immigration haïtienne dans la métropole de São Paulo depuis les crises économiques et politiques de 2014. Elle aborde des aspects tels que la route migratoire, le profil des immigrants, les activités exercées et les difficultés de la vie citadine essentiellement centrée sur la valeur travail, ses répercussions sur le logement et la ségrégation socio-spatiale. En ce qui concerne le marché du travail, nous analysons l'emploi / le chômage, son formalisme / l'absence de formalisme et l'aspect précaire de la reproduction sociale dans le contexte de la division internationale du travail. Cette analyse s'appuie sur les enregistrements et les données de recherche de l'OBMigra, de la Police Fédérale et de l'axe du travail de la Mission de Paix. Ces informations ont été complétées par des recherches sur le terrain basées sur l'observation, des analyses documentaires ainsi que par des entretiens menés dans la région centrale de la ville de São Paulo. Les aspects relatifs à l'étape actuelle du processus de mondialisation se sont appuyés sur la tension avec le concept de ville globale présenté par Saskia Sassen dans les années 1990. Dans ce mouvement, on a observé du point de vue du migrant la notion de la « mondialisation par le bas » selon les termes d'Alain Tarrius qui ont été particulièrement importants pour révéler la précarité de la vie du fait des bas salaires et de la surexploitation de cette main-d'œuvre. Les réseaux sociaux sont présentés comme des éléments fondamentaux de la planification du projet migratoire, qui concerne généralement une famille, et comme une stratégie de survie dans le pays de destination. S'agissant d'un projet familial, les envois de fonds pour le pays d'origine sont importants pour assurer le quotidien des proches qui sont restés; ces transferts monétaires montrent un réseau d'entreprises impliquant des agences internationales d'envoi et de réception de valeurs. Des envois de fonds sont également envoyés aux immigrants au Brésil pour garantir leurs besoins essentiels dès lors qu'ils ne sont pas insérés dans le marché de travail. Ces envois nous indiquent que leurs origines ne proviennent pas uniquement d'Haïti, mais bien d'autres pays pointant vers un réseau global de transfert de titres.

Mots-clés: Immigration haïtienne. Ville mondiale. Marché de travail. Précarisation. Immigration en tant que *business*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Passaporte haitiano com o visto brasileiro 40
Figura 2: Haitianos na Missão Paz 42
Figura 3: Cartaz com os dado da USIH disposto na entrada da instituição 56
Figura 4: Escuta de imigrantes na Missão Paz - projeto piloto em parceria com a ONG SIETAR 60
Figura 5: Cartaz elaborado com palavras que expressaram um dia de escuta 61
Figura 6: *Slide* utilizado nos treinamentos interculturais da Sietar Brasil na Missão Paz .. 98
Figura 7: Madames Saras em frente à Missão Paz 121
Figura 8: Treinamento intercultural. 05 set. 2018 144

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Postos de trabalho que mais contrataram haitianos 84
Tabela 2:Local de moradia em São Paulo 117
Tabela 3: Locais que os haitianos frequentam e circulam em São Paulo 120

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Haiti e República Dominicana – América Central 30
Mapa 2: Mapa das principais rotas migratórias de haitianos para o Brasil 37
Mapa 3: Novas rotas de entrada de imigrantes haitianos em território brasileiro 43
Mapa 4: Distritos de moradia dos haitianos na cidade de São Paulo, 2019 117
Mapa 5: Distritos frequentados pelos haitianos na cidade de São Paulo 119
Mapa 6: Representação da capilaridade da W. Union na cidade de São Paulo. 2019 131
Mapa 7: Representação da capilaridade da MoneyGram na cidade de São Paulo 133

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número total de solicitações de refúgio de haitianos, por ano de solicitação, 2010-2014 35
Gráfico 2: Total de vistos emitidos pelo Ministério das Relações Exteriores, entre 2012 e 2016* 41
Gráfico 3: Evolução do PIB Brasileiro em % 50
Gráfico 4: Criação formal de empregos 51
Gráfico 5: Intensificação da imigração Sul-Sul - Aumento das imigrações para o Brasil com as cinco nacionalidades mais atendidas pela Missão Paz desde 2015 62
Gráfico 6: Gênero dos nossos sujeitos de pesquisa 63
Gráfico 7: Faixa etária entre os homens 64
Gráfico 8: Faixa etária entre as mulheres 64
Gráfico 9: Cidade de origem dos sujeitos de pesquisa 65
Gráfico 10: Expectativas com relação ao Brasil 66
Gráfico 11: Países para os quais almejaram migrar inicialmente 67
Gráfico 12: Total de imigrantes haitianos no Brasil com vínculo no mercado formal de trabalho, Brasil, 2011-2014 81
Gráfico 13: Contratações de imigrantes por meio da Missão Paz 81
Gráfico 14:Imigrantes haitianos contratados por meio da Missão Paz 82
Gráfico 15: Tempo de escolaridade 85
Gráfico 16: Salário médio dos imigrantes haitianos 86
Gráfico 17: Salário recebido pelos haitianos conforme nossa pesquisa 86
Gráfico 18: Ocupação das mulheres no Haiti 88
Gráfico 19: Ocupação dos homens no Haiti 88
Gráfico 20: Total de imigrantes haitianos com vínculo formal de trabalho, segundo horas semanais trabalhadas, Brasil, 2011-2014 91
Gráfico 21: Informações recebidas sobre o Brasil da rede migratória 106
Gráfico 22: Haitianos que possuíam parentes ou amigos no Brasil antes de migrarem 107
Gráfico 23: Haitianos que receberam ajuda da rede migratória no Brasil 108
Gráfico 24: Formas de ajuda que receberam da rede migratória 109
Gráfico 25: Sujeitos de pesquisa que receberam recursos de fora do país 124
Gráfico 26: Origem das remessas para o Brasil 126
Gráfico 27: Haitianos que enviaram remessas para o Haiti 127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CONARE	Conselho Nacional de Refugiados
CNig	Conselho Nacional de Imigração
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CRAI	Centro de Referência em Atendimento ao Imigrante
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
TEM	Ministério do Trabalho e Emprego
MINUJUSTH	Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti
OBMIGRA	Observatório das Migrações Internacionais
OIM	Observatório Internacional de Migrações
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONGs	Organizações Não Governamentais
PL	Projeto de Lei
PLS	Projeto de Lei no Senado
RNE	Registro Nacional de Estrangeiros
RN	Resolução Normativa
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USIH	União Social dos Imigrantes Haitianos
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **19**

1.SÃO PAULO E A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO **24**

1.1. IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL 28

1.2. AS CRISES ECONÔMICA E POLÍTICA E O FLUXO MIGRATÓRIO HAITIANO PARA O BRASIL 45

2. FORMAS DE CONHECIMENTO DOS SUJEITOS DESTA PESQUISA **55**

2.1. MIGRAÇÃO E TRABALHO 68

2.2. PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E DA MÃO DE OBRA IMIGRANTE EM SÃO PAULO 77

3. SÃO PAULO CIDADE GLOBAL **95**

3.1. REDES DE SOLIDARIEDADE E TRABALHO 102

3.2. MIGRAÇÃO E ESPAÇO 113

4. FLUXOS DE REMESSAS PARA O EXTERIOR E DO EXTERIOR PARA O BRASIL **123**

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS **137**

REFERÊNCIAS **145**

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PESQUISA **157**

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO **159**

APÊNDICE C – SOLICITAÇÃO DE USO DOS DADOS DA MISSÃO PAZ **160**

ANEXO A – FICHA DE CADASTRO – EIXO TRABALHO **161**

..... **161**

ANEXO B – COMPROMISSO DE CONDUTA ÉTICA DO REPRESENTANTE AO SELAR FUTURO CONTRATO DE TRABALHO **162**

ANEXO C – CADASTRO DO EMPREGADOR **163**

INTRODUÇÃO

Segundo dados do Ministério da Justiça, 43.871[1] haitianos entraram no Brasil pela fronteira do Acre de 2010 a 2015 e aproximadamente 93.000[2] entradas de haitianos foram registradas de 2010 a 2017 pela Polícia Federal em todo o território nacional. A situação vivenciada por esses imigrantes em São Paulo permitiu formular algumas indagações que foram utilizadas como mote para aprofundamento desta pesquisa. Nessa dissertação pretendemos analisar mais detidamente as relações entre a imigração haitiana e a dinâmica do trabalho na metrópole de São Paulo, que mostrou importantes impactos nas questões ligadas à habitação e à segregação urbana dessa população. Para compreendermos o binômio migração e trabalho, além de pôr em questão as dinâmicas socioespaciais urbanas, observou-se a relação entre os arranjos que definem a especificidade local e suas interconexões numa dimensão geopolítica e geoeconômica na escala mundial.

Vários são os estudos que foram feitos sobre a imigração haitiana no Brasil por diversas áreas do conhecimento, no entanto, percebe-se que a maioria desses estudos teve como base a chegada de haitianos no Brasil a partir de 2010 até 2015. Buscando oferecer elementos adicionais e complementares, nossa pesquisa utiliza um recorte temporal diferente, isto é, baseamo-nos na análise dessa imigração a partir de 2014 até os dias atuais. Muito nos interessa este período para que possamos compreender os impactos das recentes crises política e econômica no Brasil que afetaram este fluxo migratório e a vida dos imigrantes no país.

No final de 2013 fui convidada para ser voluntária na Missão Paz[3] por meio da ONG SIETAR Brasil[4] e desde 2014, estou engajada num trabalho que consiste em treinamentos de conteúdo intercultural para os imigrantes e refugiados de língua francesa nessa instituição em São Paulo. A partir de então, tive a oportunidade de acompanhar a chegada dos imigrantes haitianos que, naquela época, vinham em grande número para o Brasil em busca de uma nova oportunidade para suas vidas, prejudicadas por uma sucessão de acontecimentos de ordem política, econômica e social.

---

[1] MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Governo brasileiro garante direitos para imigrantes haitianos. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/noticias/governo-brasileiro-garante-direitos-para-imigrantes-haitianos>. Acesso em 6 mar. 2016.

[2] Dados do SINCRE. Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros. http://obmigra.mte.gov.br/index.php/microdados. Acesso em: 18 fev.2019

[3] A Missão Paz é uma obra dos Missionários de São Carlos - Scalabrinianos. Com larga vivência junto aos migrantes, imigrantes e refugiados em São Paulo.

4 A SIETAR Brasil é uma Organização Não-Governamental – ONG – composta de membros filiados que se dedicam à pesquisa, ao treinamento e às atividades educacionais no campo das relações interculturais.

A experiência com o trabalho voluntário e o fato de testemunhar o desespero dos imigrantes haitianos por encontrarem emprego para se manterem na cidade e poderem enviar remessas para os que ficaram no Haiti, levaram-me a querer entender o quê de fato ainda os impulsionava a migrar para o Brasil num momento em que já se anunciava a crise. Foi a partir daí que surgiu o anseio por fazer a pesquisa de Mestrado. Além dos treinamentos interculturais, engajei-me em outro projeto na própria Missão Paz que durou cerca de um ano e meio e consistia na escuta de grupos de imigrantes e refugiados de diversas nacionalidades, mas em sua maioria participavam haitianos que, vislumbravam nesse espaço a oportunidade de falarem e compartilharem suas angustias, sofrimentos e sonhos. Em 2017 o projeto atendeu 24 grupos de escuta o que garantiu o atendimento de 227 imigrantes por sete voluntários.

Apesar do recorte temporal estar definido e limitar a nossa análise, não deixaremos de abordar e citar informações e estudos anteriores ao período citado para que possamos compreender este fluxo e sua evolução ao longo de sua história. Desse modo, esta pesquisa visa a análise do fenômeno imigratório haitiano em tempos de reconhecida crise na metrópole de São Paulo, dados referentes ao Estado de São Paulo e à União foram usados para a sua compreensão.

Cabe ressaltarmos que consideramos nossa área de pesquisa a metrópole de São Paulo e entendemos que se trata de um espaço metropolitano. Contudo, por se tratar de um estudo que envolve a proximidade dos sujeitos de pesquisa com os locais que habitam e circulam, frequentemente nas referências de entrevista e na própria construção do imaginário do imigrante a noção de cidade pareceu refletir melhor a relação que possuem com o espaço urbano, logo o espaço vivido. Por isso, recorreu-se à noção de cidade para preservar este sentido de proximidade capturado pelos entrevistados tanto nas suas falas quanto pela pesquisa a partir de um universo de experiências sobre o qual se tornou objeto deste trabalho.

Quanto à inserção desses imigrantes no mercado de trabalho, analisamos os binômios emprego/desemprego, formalidade/informalidade e a precarização do trabalho nas formas de reprodução dessa força de trabalho.

Por meio de pesquisas quantitativas, qualitativas e observações de campo verificamos como alguns conceitos, como o de rede de solidariedade, são aplicados aos haitianos e como São Paulo pode, realmente e de que forma, ser concebida como cidade global quando a análise tem como parâmetro as dificuldades de inserção desses imigrantes na metrópole e a miserabilidade vivenciada por eles como resultado dos baixos salários e do desemprego.

Realizamos trinta e cinco entrevistas com os haitianos, as entrevistas seguiram um roteiro de perguntas (vide no Apêndice A), mas os imigrantes ficaram livres para darem suas respostas, opiniões e impressões com relação ao país, à metrópole de São Paulo, suas dificuldades e sobre o seu cotidiano. As entrevistas foram feitas em francês.

Como nos ensina Sayad (1998), o imigrante não deve ser considerado um objeto de pesquisa, mas sim sujeitos sociais. Desse modo, conduzimos a pesquisa, as nossas entrevistas e as escutas tendo como eixo condutor que todos imigrantes são sujeitos ativos em nossa sociedade e possuem uma história de vida e uma cultura diferente da nossa que deve ser respeitada.

Logo, procuramos analisar a metrópole paulistana dialogando com o conceito de cidade global desenvolvido por Saskia Sassen, mas a partir dos imigrantes, ou seja, o que os atrai e até que ponto a dinâmica da cidade global os remete à situações de precariedade no cotidiano e em suas inserções laboral e social.

Com base na história do capitalismo recente, as principais causas apontadas para a imigração são: as dificuldades de vida, a pobreza, a busca por um futuro melhor e até mesmo o anseio de conquistar alguma fortuna fora do país de origem. Estas causas não diferem da motivação pela qual os mais diversos grupos de imigrantes buscaram e buscam no Brasil, um novo começo de vida, um trabalho que garanta o sustento deles e de suas famílias.

Segundo Oliveira (2015) “observa-se que os fatores estruturais motivadores da emigração estão fortemente presentes em todos os países de origem: exclusão, exploração da força de trabalho, falta de infraestrutura básica e de serviços.” (OLIVEIRA, 2015, p. 139)

Com relação ao parágrafo acima podemos nos questionar: até que ponto esses fatores mencionados na origem também não se repetem no país de destino? E como, portanto, diante disso, se justifica todo o processo de imigração para o Brasil?

Povoa Neto (2007) nos apresenta os três grandes troncos teóricos relacionados aos estudos migratórios.

Em primeiro lugar, cita a perspectiva estruturada em torno da concepção neoclássica do espaço e das migrações e aponta para que segundo essa vertente,

> (...) as migrações não têm uma expressão apenas demográfica, mas principalmente econômica, representando deslocamentos espaciais de trabalhadores no espaço geográfico. O migrante significa, segundo tal abordagem, um portador de trabalho, fator produtivo que, em combinações adequadas com a terra e o capital, apresenta interesse para os processos de desenvolvimento econômico. O espaço pode ser tido, para os neoclássicos, como “equilibrado” ou “desiquilibrado” conforme a combinação de fatores esteja mais ou menos próxima de um determinado “ótimo” (POVOA NETO, 2007, p. 49).

Para tal concepção o espaço geográfico tenderia a uma homogeneização onde não existiriam mais desequilíbrios locais relativos aos fatores produtivos. São considerados neoclássicos os modelos que trabalham com fluxos, distâncias e volumes da matéria no espaço físico. Essa concepção desconsidera a dimensão histórica das migrações onde o fenômeno migratório aparece como somente uma busca por melhores condições de vida em decorrência da remuneração obtida com o trabalho. A ênfase da concepção neoclássica é a da autonomia e da decisão do indivíduo em migrar inserindo-se na dinâmica do mercado capitalista. (POVOA NETO, 2007)

O segundo tronco teórico é o de concepção histórico-estrutural das migrações. Essa concepção analisa a migração como fenômeno social e a ênfase é dada para os aspectos estruturais do movimento ou da expulsão de determinada localidade como, por exemplo, do campo para cidade. No destino este tronco faz o estudo somente da adaptação dos grupos. Essa perspectiva trata da saída de trabalhadores que estavam socialmente inseridos numa sociedade tradicional para buscarem trabalho no seio do capitalismo.

O terceiro tronco de análise baseia-se na teoria marxista do trabalho e na mobilidade do trabalho.

Póvoa Neto, 2007 destaca que:

> O mesmo busca ressaltar que as migrações não podem ser encaradas fora da realidade do trabalho social, e sim como pressupostos econômicos do mesmo. A atenção às migrações conduz necessariamente, portanto, às condições em que ocorre a produção e se estruturam as relações de trabalho em um determinado espaço. (PELIANO, 1990, p.120 apud POVOA NETO, 2007)

E também:

> A análise da obra de Marx leva Gaudemar a designar como mobilidade do trabalho, a qualidade que permite o uso capitalista dos corpos dos trabalhadores, nas localizações, condições de intensidade e ritmos de produção requeridos para a máxima produção de valor. Não se trata apenas de uma descrição de deslocamentos espaciais de trabalhadores; mais que isso, o conceito marxista de mobilidade do trabalho refere-se à "trave mestra de toda a estratégia de desenvolvimento capitalista" (GAUDEMAR, 1976, p. 51 apud POVOA NETO, 2007)

Como nos aponta Sayad no volume especial da revista Travessia de janeiro de 2000:

> A busca do trabalho – no sentido conhecido em nossa economia, no sentido entendido pela teoria econômica, que é a teoria da economia moderna – tem se ampliado na medida mesma da expansão da economia da qual ela é o vetor, a economia capitalista, a única, aliás existente de vocação mundial, impondo-se em todos os lugares por si mesma, e pelo simples fato de se propor. (SAYAD, 2000, p. 8 – 9)

Ainda segundo Sayad:

> O trabalho é a razão de ser do imigrante, ele dá conta de sua presença que, na falta deste motivo, estaria confinada ao absurdo aos olhos da razão do Estado Nacional. O trabalho contém em si, a partir de nossa representação atual do mundo, toda inteligência do fenômeno migratório, da emigração e da imigração que, sem ele, seriam incompreensíveis e intoleráveis sob todos os pontos de vista, intelectual, ética, econômica, cultural e, não apenas, politicamente. (SAYAD, 2000, p.21)

Com base no exposto acima e tendo em vista a importância da variável trabalho e da força de trabalho do imigrante para a economia globalizada e para o nosso estudo, trabalharemos com a noção de mobilidade do trabalho segundo a teoria marxista e o materialismo histórico dialético, onde o imigrante é portador de trabalho "livre" e peça fundamental para as estratégias de acumulação do capital. Segundo Sayad (1998), o imigrante existe enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e onde se precisa dele sendo que, a falta de trabalho faz o imigrante desaparecer.

Para que possamos fazer uma análise dos processos migratórios não podemos desconsiderar os sujeitos implicados nesses movimentos assim como, dispor de um quadro da situação da época em estudo tanto do país onde se dá a emigração, bem como daquele que recebe os imigrantes para que se compreenda os conteúdos de todo o processo. Isso permite, até certo ponto, um esclarecimento sobre os motivos que conduziram a saída em massa de indivíduos de um país e a atração exercida pelo país receptor. Em nosso caso, essa análise permitirá compreender em quais condições os haitianos deixaram o Haiti e o que os atraiu para uma nova vida no Brasil, além disso, em qual situação o Brasil recebeu esses imigrantes e quais as condições do país frente ao aumento desse fluxo migratório. A maior parte desse perfil de estudo nem sempre considera os processos socioespaciais implicados na chegada desses imigrantes, motivo este que pretendemos analisá-los.

No atual contexto mundial das migrações, os deslocamentos das pessoas não se limitam somente a uma mudança e a uma ocupação territorial diferente da sua origem, mas os deslocamentos devem ser analisados mediante as suas características e impactos sociais, econômicos, culturais e políticos. A partir dessa abordagem, e tendo como base que o principal objetivo da nossa pesquisa foi analisar a imigração haitiana pós crises econômica e política de 2014 com o intuito de desvendar como esses imigrantes "sobrevivem" na metrópole de São Paulo, acreditamos ser possível realizar uma reflexão de cunho geográfico sobre as relações entre imigração/trabalho e seus diversos impactos na reprodução do espaço urbano de São Paulo em articulação com o mundo globalizado.

1. São Paulo e a história da imigração

A história de São Paulo e o seu desenvolvimento se confundem com a história da imigração no Brasil. A importância dos mais diversos fluxos de imigrantes que aqui desembarcaram e contribuíram para construção da metrópole é fundamental para entendermos a multiculturalidade e as marcas deixadas no espaço por cada um dos coletivos que vieram e viveram na cidade desde o século XVIII.

Para que possamos contextualizar esta relação precisamos, antes de tudo, lembrar que mesmo antes do fim da escravidão, que marcou um dos maiores fluxos de entrada no país, já contávamos com a presença de imigrantes no Brasil vindos de diversas origens. Depois disso, os imigrantes que vieram a partir do séc. XIX foram os europeus, com destaque para os italianos que sofriam com a crise econômica e o desemprego gerado pelo início da industrialização na Europa. Além disso, a Itália ainda não estava unificada e eram cobradas altas taxas e impostos dos pequenos proprietários que se endividavam por meio de empréstimos com o objetivo de competirem com os grandes proprietários de terras que aumentavam a produção e ofereciam produtos mais baratos. Essa parcela da população estava disposta a abandonar o campo a caminho da cidade em busca de trabalho ou lançar-se num projeto migratório de maior porte rumo ao exterior. Na cidade eram mal pagos na indústria e vários foram os italianos que decidiram abandonar tudo e partiram rumo ao Brasil, Argentina e Estados Unidos. Os italianos começaram a emigrar para o Brasil a partir de 1870, os primeiros que chegaram, vinham do Norte da Itália e posteriormente, já no século XX, chegaram os do Centro-Sul e do Sul do país.

Com todas as dificuldades e os fatores internos vivenciados pela Itália, várias campanhas patrocinadas pelo próprio governo brasileiro foram feitas no país europeu para estimular a vinda de italianos para trabalharem nas fazendas de café de São Paulo e Minas Gerais. Outro fator importante era que o estado de São Paulo subsidiava as passagens de famílias inteiras até o Brasil, isso facilitava a vinda de pessoas que não tinham condições de pagar suas passagens. Logo, podemos dizer que na Itália havia muitas pessoas em busca de trabalho e de novas oportunidades de vida e o Brasil, principalmente São Paulo e outros estados do Sudeste e Sul, necessitava urgentemente de mão-de-obra para o trabalho na produção de seu principal produto de exportação da época, o café e para diversas outras atividades ligadas à agricultura e ao crescimento das cidades a partir do momento em que as indústrias já sinalizavam o seu potencial de crescimento.

Com o fim da escravidão em 1888, ao invés dos agricultores integrarem os ex-escravos nas atividades já conhecidas e trabalhadas por eles como o cultivo do café, preferiram optar pela mão-de-obra imigrante. Uma das linhagens da política que prevaleceu naquele período era de seletividade dos imigrantes com o objetivo de branqueamento da população brasileira, outra linhagem era o povoamento de lugares isolados e a utilização da mão-de-obra branca e imigrante nas fazendas de café.

A seletividade se dava pela cor da pele e por darem preferência pela imigração de famílias inteiras de imigrantes ou colonos, como eram chamados os italianos. A importância de virem com a família era para que os fazendeiros também fizessem uso da mão-de-obra feminina e infantil nas lavouras.

Os imigrantes desembarcavam no porto de Santos e seguiam de trem até o Brás, onde ficavam na Hospedaria dos Imigrantes, atualmente este local abriga o Museu da Imigração. Partiam da Hospedaria para as lavouras de café situadas no interior paulista. Entretanto, alguns deram preferência por se estabelecerem na cidade de São Paulo atuando no comércio e nas indústrias que surgiam. Vários bairros se consolidam com a presença desses imigrantes como Bom Retiro, Brás, Bexiga e Barra Funda.

Ao chegarem no campo ou na cidade deparavam-se com condições precárias, exaustivas jornadas de trabalho e tinham que lutar pela sobrevivência da família. Disputavam com os ex-escravos trabalhos menos qualificados e mal pagos.

Inicialmente, os italianos tinham longas jornadas de trabalho que podiam chegar a catorze horas ao dia. Devido às péssimas condições de vida que enfrentavam, muitos decidiram retornar para a Itália ou migrarem para outros países.

Depois dos italianos e tendo em vista a continuidade do projeto de branqueamento da população, o Brasil recebeu outros imigrantes provenientes de países europeus e asiáticos como os alemães, espanhóis, sírios e libaneses. Em 1908 inicia a imigração japonesa com a chegada ao Brasil do navio Kasato Maru e os japoneses também foram absorvidos como mão-de-obra nas fazendas de café do oeste paulista.

Além dos fluxos de imigrantes vindos de vários lugares do mundo, São Paulo recebeu a partir da década de 1940 fluxos internos de brasileiros vindos do Norte e Nordeste do Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida, esses grupos se estabeleceram na capital e no seu entorno e foram empregados como força de trabalho no setor da construção civil e na indústria.

Atualmente deparamo-nos com novos fluxos de imigrantes que chegam ao Brasil, mas sobretudo em São Paulo. Sassen (2016) considera que o momento é de expulsão social e

é preciso considerar as principais tendências internacionais dos deslocamentos em países pobres nos últimos anos. Fatores como a pobreza, conflitos políticos e armados e os desastres ambientais são capazes de impulsionar sozinhos as dinâmicas globais de expulsão e intensificarem os seus impactos sobre segmentos da população excedente global, sobretudo no Sul global.

Nesse contexto Abdelmalek Sayad caracteriza e define o imigrante como "força de trabalho provisória, temporária, em trânsito", cuja condição é revogável a qualquer tempo (SAYAD, 1998, p. 54-55). Não se trata, portanto, de qualquer trabalho, mas daquele em que o mercado absorve a mão-de-obra do imigrante. E ainda, a possibilidade de um estrangeiro se estabelecer em solo alheio só ocorre em sua relação estreita com o mercado de trabalho. A condição de imigrante é uma condição social, enquanto a definição de estrangeiro é um termo jurídico (SAYAD, 1998, p. 243).

A partir de 2010 passamos a receber vários haitianos no Brasil motivados por uma série de acontecimentos políticos, sociais, econômicos e ambientais. Esses haitianos estão concentrados nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mostrando, após os séculos XIX e XX, novamente a importância da imigração na história dessas localidades.

Como no final do século XIX o que vemos hoje é o Brasil repetir um discurso de inclusão e de acolhimento aos imigrantes, mas na realidade permanece o discurso de seletividade que disfarça a exclusão e o racismo.

A chegada de negros haitianos coloca esta questão em evidencia por se tratar do primeiro grande fluxo de negros para o Brasil após o fim da escravidão. Este fluxo contradiz a política de branqueamento imposta aos imigrantes nos séculos passados e revela o preconceito dos brasileiros. Retoma-se a discussão relativa à entrada de imigrantes desejáveis e não desejáveis para o país.

> Hoje, os atores sociais responsáveis pelos maiores aumentos em números absolutos do fluxo de entrada de imigrantes no Brasil são, em primeiro lugar, latino-americanos, mas também asiáticos, africanos, (principalmente das ex-colônias portuguesas) e refugiados políticos de diferentes nacionalidades. Uma imigração, portanto, de caráter diferente daquela histórica, uma vez que circunscrita a contextos periféricos. (VILLEN, 2014, p.85-86)

São Paulo retoma sua história migratória destacando-se como um polo de atração de imigrantes do Sul global após a eclosão da crise econômica de 2008 que se iniciou nos países desenvolvidos do Norte. Presenciamos, a partir deste ano, um fluxo de brasileiros emigrados

retornando ao país e outro de pessoas vindas de países desenvolvidos em busca de oportunidades de trabalho e de negócios.

Podemos considerar a metrópole de São Paulo como um exemplo de metrópole que recebe um fluxo variado de imigrantes que tem por objetivo o mercado de trabalho. Utilizamos o termo variado por identificarmos imigrantes qualificados que são destinados à trabalhos específicos e muitas vezes já chegam ao Brasil com um contrato de trabalho pré-estabelecido e para suprir, conforme justificativas dadas pelas próprias empresas, uma carência de mão-de-obra qualificada do mercado interno; por outro lado, recebemos imigrantes vindos de países da periferia do capitalismo, "não brancos", alguns com boa qualificação, mas que destinam-se aos trabalhos menos qualificados, precários e mal remunerados. Muitos deles encontram na informalidade a única maneira de sobrevivência.

> Desconsiderados os dados referentes ao refúgio, os países mais representativos dessa modalidade de imigração são: Bolívia, Paraguai, Peru e Haiti. No caso deste último, há tanto um fluxo de indocumentados quanto de imigrantes com vistos de caráter "humanitário", categoria criada especificamente para o Haiti após o terremoto de 2010. Isso fez convergir a necessidade dos haitianos de sair do país em busca de melhores condições de vida e a demanda de força de trabalho pelo mercado brasileiro. (VILLEN, 2014, p.92)

Presenciamos, no sistema capitalista neoliberal em que vivemos, um aumento da migração em escala global onde as restrições de entrada nos países do Hemisfério Norte se intensificaram após os atentados terroristas de 11/09/2001 dificultando a livre circulação de pessoas tão defendida no início da globalização. Fato é que as fronteiras se fecham nos países desenvolvidos e a alternativa para muitos migrantes é o Sul global onde o Brasil está inserido.

Sassen (2016) aponta que os países do Sul global abrigam 80% dos refugiados do mundo e que os 48 países menos desenvolvidos concederam asilo à quase metade desses refugiados.

Veremos mais adiante que esta nova face da migração é fundamental para que a engrenagem capitalista se mantenha viva e gerando lucros para os acionistas das grandes empresas: os imigrantes sejam eles qualificados ou não, são necessários e complementares para o bom funcionamento das cadeias produtivas globais.

Sayad (1998) aponta que os países dominantes, ou seja, os desenvolvidos e do hemisfério Norte, produziriam apenas estrangeiros e os países dominados, isto é, as ex-colônias, países subdesenvolvidos e do hemisfério Sul produziram imigrantes. Seja qual for a nomenclatura adotada, todos fazem parte de uma economia global e possuem um papel definido na divisão internacional do trabalho e ainda, segundo o mesmo autor, a migração é

um “fato social total” no qual “o imigrante antes de nascer para a imigração, é primeiro um emigrante” (SAYAD, 1998, p. 18). Logo, não podemos dissociar as relações e implicações desses dois fenômenos.

Tendo como orientação que a migração é um “fato social total”, a chegada dos fluxos migratórios traz consigo um grande impacto em diversas áreas como na economia, no acolhimento das escolas públicas, nos abrigos e alojamentos públicos e das entidades que trabalham com migrantes, nos atendimentos do SUS, na percepção da sociedade e na necessidade de se criar políticas públicas para o atendimento das necessidades dessa população. Cabe ainda ressaltar que o recebimento de grandes fluxos migratórios e de refugiados causa um impacto econômico muito maior nos países subdesenvolvidos e do Sul global do que nos países desenvolvidos.

São Paulo foi e é produzida por distintos processos históricos de imigração, as crises econômicas e a falta de emprego/trabalho motivaram os deslocamentos.

Podemos dizer que atualmente a metrópole recebe imigrantes de várias nacionalidades mas, no caso dos haitianos e de imigrantes oriundos do continente africano, trata-se dos primeiros grandes fluxos de imigrantes “não brancos” desde a abolição da escravidão. Além desses imigrantes, observa-se o aumento da chegada de fluxos de latino-americanos que contribuem para intensificar a rota das imigrações Sul-Sul.

1.1. Imigração haitiana para o Brasil

Tendo em vista os vários estudos que já foram realizados sobre a imigração haitiana desde 2010, pretendemos contextualizar de forma sucinta esta imigração e sua evolução até os dias atuais.

Antes de iniciarmos essa explicação, cabe primeiramente destacarmos que a inserção do Brasil na rota de imigração haitiana, conforme nos aponta Cotinguiba (2014), não é um fenômeno recente e ocorre de forma constante há pelo menos um século, mas torna-se uma novidade quando associada ao aumento dos números de haitianos que entraram no Brasil nos últimos anos.

A situação política e social do Haiti é crítica desde a sua origem. Colonizado por franceses, o país teve sua independência em 1804, por meio de um levante de escravos que conquistou o poder na Revolução Haitiana e tornou-se a primeira república das Américas a abolir a escravidão. Apesar da sua independência, o Haiti por muito tempo não foi

reconhecido como independente pelas grandes potências. Em repressão à Revolução, o país sofreu um bloqueio econômico e comercial que durou aproximadamente vinte anos.

Desse modo, “o Haiti inicia sua existência de país livre entrincheirado numa América escravista e racista, que não aceita a sua existência e impõe embargo econômico, e o condena ao fracasso.” (NOGUEIRA, 2017, p. 50)

Para que a França reconhecesse a independência do Haiti, uma alta indenização foi cobrada do país que, se sujeitou a pagar com o intuito de obter reconhecimento de país independente pela França e pelo continente europeu.

Localizado na América Central, com uma posição privilegiada para o comércio e transporte de mercadorias, mas com uma situação política interna debilitada, o Haiti passou por várias invasões e tentativas de ocupação sendo que, a de maior duração foi a dos Estados Unidos (1915-1934). No período de 1957 a 1986, o país é governado por François Duvalier (Papa Doc) e pelo seu filho Jean-Claude Duvalier (Baby Doc); juntos exerceram um longo período ditatorial no país caribenho. François Duvalier foi eleito presidente de forma democrática em 1957 declarando-se seguidor do vodu e com a promessa de devolução do poder aos negros, os reais promotores da liberdade no Haiti.

> Com um discurso bem articulado colocando-se ao lado da população negra e pobre contra a opressão dos políticos, militares e da elite mulata, Duvalier, que ficou conhecido como Papa Doc, ressuscitou os temas de mistificação do povo haitiano. Segundo Hurbon, ele manipulou uma herança ideológica sedimentada por um século, cujos temas circulavam na vida cotidiana, na literatura e nos discursos políticos. Esses temas são, entre outros, nação; classe e raça. Uma vez no poder, Papa Doc se tornou um ditador antimulato, anticomunista e submisso ao governo estadunidense. Restringindo a autonomia de muitas instituições – forças armadas, igreja, escolas, partidos – e cerceando as liberdades individuais e de os opositores do regime. (NOGUEIRA, 2017 p. 61)

Mapa 1: Haiti e República Dominicana – América Central

Fonte: Faria (2012)

> Em 1964, Duvalier mudou a constituição e tornou a presidência vitalícia, para isso vinculou-se às oligarquias, à hierarquia eclesiástica, à tecnocracia estatal e aos setores centrais da burguesia. Aliando-se aos Estados Unidos, retirou todas as taxas dos alimentos importados, fazendo com que o pequeno proprietário não conseguisse competir com os produtos dos Estados Unidos. Além da expropriação de milhares de camponeses, doou aos seus aliados as terras expropriadas, cerca de 120 mil hectares, uma parcela importante das áreas cultiváveis do país. Assim, grande parcela da população foi diretamente atingida pelo regime ditatorial de Duvalier. (NOGUEIRA, 2017, p.61).

Com a morte de Papa Doc em 1971, seu filho Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc, foi nomeado presidente vitalício dando continuidade à ditadura exercida pelo seu pai. Baby Doc aproximou-se ainda mais dos Estado Unidos e levou o país à uma forte crise que gerou, por um lado o aumento dos preços dos alimentos e fome aos seus habitantes e, por outro lado o enriquecimento do governo ditatorial de Baby Doc. Em 1986, Baby Doc deixa o governo depois de vários levantes da população e foge para a França.

Sucessivas crises políticas e várias intervenções militares fizeram e fazem parte da história do Haiti. Em 1994, uma intervenção militar estrangeira devolve ao poder Jean-Bertrand Aristide, presidente deposto em 1990.

Aristide assumiu com uma política neoliberal que beneficiava os interesses dos americanos e desagradava a população. A política econômica seguida por ele gerou uma ampla crise social e econômica que ocasionou a sua saída do poder em 2003 deixando o país frente ao grande descontentamento da população.

Em 30 de abril de 2004 o Conselho de Segurança das Nações Unidas cria a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH, liderada pelo Brasil. Os principais objetivos da missão eram: estabilizar o país, pacificar e desarmar grupos guerrilheiros e rebeldes, promover eleições livres e formar o desenvolvimento institucional e econômico do Haiti.

Com uma atuação controversa, a ONU e outros países defendem a intervenção, mas para a população haitiana, principal envolvida nesse processo, a MINUSTAH comete diversos abusos de poder e com isso, gera o aumento da violência.

A MINUSTAH existiu no país caribenho por treze anos, mas a ONU continua atuando no Haiti por meio de uma nova missão internacional, a MINUJUSTH – Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti.

Como não bastasse a situação política, civil e econômica, em 12 de janeiro de 2010, um forte terremoto atinge o país. Várias pessoas ficam desabrigadas e a principal cidade, Porto Príncipe, é completamente destruída. As condições precárias passaram a afetar a vida dos sobreviventes.

Estima-se que o evento deixou 316.000 mortos, 300.000 feridos, 1,3 milhão de deslocados, 97.294 casas destruídas e 188.383 danificadas na área de Porto Príncipe e em grande parte do sul do Haiti (FARIA, 2012).

Segundo Déus (2017);

> Antes do referido terremoto, o país já estava enfrentando problemas de diversas ordens, que podem ser sintetizados na palavra insegurança: pública, política, socioeconômica, alimentícia, educacional, relativa à saúde, ao saneamento básico, entre outros fatores. O terremoto apenas agravou o difícil quadro do país, deixando tanto o Estado quanto a população numa situação de perplexidade. Assim, diante dos grandes danos causados pelo terremoto, o Estado se tornou impotente não só para atender às novas demandas da população, mas também para negociar com a comunidade internacional e controlar as ONGs que atuaram no Haiti, principalmente depois da tragédia. Ou seja, o terremoto apenas agravou e dificultou ainda mais a possibilidade de uma atuação política adequada e eficaz por parte do Estado. (DÉUS, 2017,p.209)

Atualmente, o desemprego atinge entre 70 a 80% da População Economicamente Ativa do Haiti. Com uma população de aproximadamente 10 milhões de pessoas, estima-se

que apenas 180 mil possuam empregos formais; 80% da população vive com menos de 2 dólares por dia, ou seja, abaixo da linha da pobreza.[5]

"Mesmo nos anos que se seguiram ao terremoto, a promessa de reconstrução do país não aconteceu de forma eficiente, deixando de incluir grande parte da população que permaneceu à margem." (NOGUEIRA, 2017, p. 79)

Desse modo, com a Região Metropolitana de Porto Príncipe destruída, seus habitantes passaram a migrar para outras regiões do país e para outros países em busca de trabalho, melhores condições de vida e dignidade. Assim, muitos haitianos viram na emigração uma possibilidade de reconstrução de suas vidas abaladas, principalmente pela tragédia do terremoto, e encontraram no Brasil um destino alternativo e diferente dos que já estavam habituados, como a República Dominicana, os Estados Unidos, a França, Bahamas e a Guiana Francesa.

O grande fluxo imigratório de haitianos para o Brasil e seu aumento é comumente associado ao terremoto que destruiu Porto Príncipe, capital do Haiti, em 2010, impondo severas limitações à sobrevivência e subsistência de seus habitantes. De acordo com Cotinguiba (2014), o terremoto tornou-se argumento explicativo do governo brasileiro e foi reforçado pela mídia de modo geral. Fato é que a entrada desses imigrantes no país intensificou-se em 2011 e 2012. Dados do Ministério da Justiça indicam que 43.871[6] haitianos entraram no país de janeiro de 2010 a julho de 2015. Os haitianos ultrapassaram os portugueses em 2013 e tornaram-se o maior grupo de estrangeiros com vínculo formal de trabalho no Brasil[7].

Interessa-nos destacar, que "um dos primeiros grandes fluxos de chegada de pessoas de nacionalidade haitiana ao Brasil data de janeiro de 2010, no entanto, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há registro da presença de haitianos no país, desde a década de 1940". (HANDERSON 2015a, HANDERSON, 2015b apud HANDERSON, 2016, p84). O ineditismo do porte desse aumento do fluxo migratório haitiano e a complexidade que o envolve é um tema que necessita, portanto, de abordagem sistemática nos diversos campos das ciências sociais, sobretudo na sua dimensão geográfica. De acordo com Germani (1974), é necessário ter como parâmetro para análise dos processos

---

[5]http://www.ihu.unisinos.br/noticias/538630-medo-de-ebola-agrava-preconceito-contra-imigrantes-negros. Acesso em: 20 jan.2016

[6]MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Governo brasileiro garante direitos para imigrantes haitianos. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/noticias/governo-brasileiro-garante-direitos-para-imigrantes-haitianos. Acesso em: 6 mar. 2016.

[7]SANTINI, D. Sistema nacional de empregos não funciona e imigrantes ficam sujeitos a aliciadores. In**:** **Repórter Brasil**. Disponível em:<http://imigrantes.webflow.io/>. Acesso em: 6 mar. 2016.

migratórios não somente os fatores de repulsão e de atração que levam contingentes de população a procurarem outros lugares para se fixar. Deve-se considerar, nesta perspectiva, condições sociais, culturais, econômicas e políticas tanto no país de origem quanto no destino, isto é, no sistema como um todo.

Andreani (2000), por sua vez, sustenta que as migrações devem ser entendidas como itinerário de promoção social e de sobrevivência. Em geral, elas são consequência de situações extremas nas quais os indivíduos veem como única saída a partida para outro lugar.

Segundo Oliveira (2015) "observa-se que os fatores estruturais motivadores da emigração estão fortemente presentes em todos os países de origem: exclusão, exploração da força de trabalho, falta de infraestrutura básica e de serviços." (OLIVEIRA, 2015, p. 139)

Estudos recentes dedicados à imigração haitiana como os de Cotinguiba (2014) e de Moraes, Andrade e Matos (2013) fazem uma investigação ampla das razões da emigração e dos fatores de atratividade na sociedade brasileira para os haitianos. Nesse sentido, essas pesquisas apontam as dificuldades históricas vividas pelo Haiti desde sua constituição como país independente no século XIX, sua forma de inserção nas relações capitalistas internacionais e as dificuldades geradas internamente pela persistência da desigualdade social e pela instabilidade política, que forçam a população haitiana a buscar alternativas fora de seu país. Na perspectiva brasileira, a primeira década do século XXI é marcada por uma ampliação da inserção internacional do país e por um crescimento econômico propiciado pela estabilidade institucional e pela alta do preço das *commodities* no mercado internacional. Um dos indicadores e passos importantes para a moderna diplomacia brasileira tem como exemplo sua atuação no Haiti.

Os movimentos migratórios acompanham a história dos haitianos desde o início do séc. XX, o primeiro grande fluxo componente desta tradição migrante parte rumo ao país vizinho, a República Dominicana, em busca essencialmente de trabalho (COTINGUIBA, 2014).

De 1915 a 1928, mais de 200.000 haitianos imigraram para Cuba, legal ou ilegalmente, sobretudo na Província do Oriente, compondo assim, o segundo grande fluxo emigratório de haitianos (MAGALHÃES; BAENINGER, 2016).

Com a presença norte-americana no Caribe, os Estados Unidos como potência econômica passa a operar o imaginário haitiano e muitos se lançam à aventura migratória para este país sendo este, o terceiro fluxo emigratório.

> Entre os anos de 1960 e 2010, a população imigrante nascida no Haiti e residente nos Estados Unidos passa de 5.000 para 606.000 pessoas, constituindo com isto 1,5% de toda a população imigrante norte-

> americana. Atualmente, são 664.000 os haitianos residentes nos Estados Unidos (MAGALHÃES; BAENINGER, 2016, p.238).

O quarto processo histórico de emigração haitiana inicia-se em 2010 rumo ao Brasil. “Este fluxo é formado a partir de transformações processadas no interior do capitalismo mundial, especialmente relacionados à elevação das seletividades migratórias nos destinos clássicos de migração haitiana como os Estados Unidos e a França.” (MAGALHÃES; BAENINGER, 2016, p. 238)

Desde 2004, o Brasil detém a liderança da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). Além disso, organizações brasileiras como Pastoral da Criança, Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (Gapa) e empresas como a Embrapa passaram a atuar no país, o que teria motivado o aumento do interesse pelo Brasil por parte dos haitianos. Pode-se dizer que o discurso do crescimento econômico associado às possibilidades de trabalho e a relativa facilidade para a concessão de visto sejam atrativos para os haitianos. Some-se a isso as restrições à imigração em outros países da América do Norte e da Europa, como aponta Cotinguiba (2014).

Além das relações entre os dois países terem se intensificado com a entrada das forças armadas brasileira liderando e atuando na MINUSTAH e a presença de empresas também brasileiras no Haiti, outro fator que sempre aproximou e povoou o imaginário dos haitianos com relação ao Brasil foi o futebol. Os haitianos admiram o futebol brasileiro e a população se divide entre torcedores do nosso futebol e do argentino como nos relatou um dos nossos sujeitos de pesquisa, o Sr. Fedo Beacourt, presidente da USIH (União Social dos Imigrantes Haitianos).

Desde o início da presente década, o Brasil vem recebendo fluxos migratórios diversificados. Com a eclosão da crise econômica mundial de 2008, em que os países emergentes não foram tão afetados como os países desenvolvidos, houve um aumento desses fluxos migratórios para o Brasil.

No caso dos haitianos, chegam ao Brasil contando com a possibilidade de encontrarem emprego e pelo imaginário que possuem do país ser uma “democracia racial”, mas que se desconstrói quando se deparam com a realidade da vida cotidiana. No entanto, muitos chegaram sem ao menos saberem do que se tratava o Brasil e o que encontrariam, vinham acompanhando uma leva de imigrantes, todos com a esperança de uma mudança de vida.

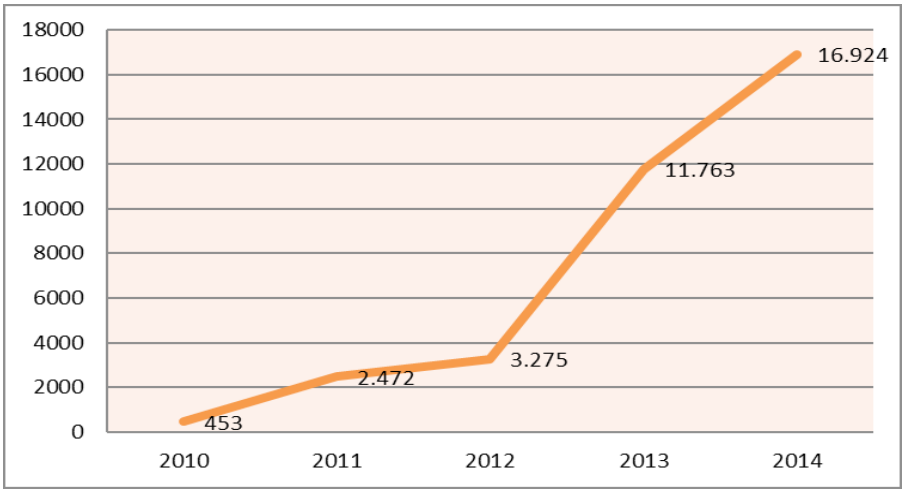
As primeiras informações com relação à chegada desse fluxo de imigrantes no Brasil, como nos aponta Nogueira (2017) se deu na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul.

> Entre fevereiro e março de 2010, diversos jornais do país noticiaram a detenção de grupos de haitianos indocumentados em Corumbá e arredores. No dia 19 de março de 2010, o jornal O Estado de S. Paulo, relatou a detenção de 22 haitianos em Corumbá, afirmando que a Policia Federal suspeitava que estivessem sendo aliciados por traficantes de cocaína, o que foi negado nos depoimentos colhidos. A reportagem afirmava ainda que o grupo foi multado em 163 Reais e que devia deixar o país em dois dias. (NOGUEIRA, 2017, p.106)

No entanto, a partir de 2010, a maioria dos haitianos, chegava à fronteira Norte do Brasil nos estados do Acre e Amazonas, comumente pelo município de Tabatinga (AM), na fronteira com o Peru e seguiam para Manaus por via terrestre. Destinavam-se posteriormente aos Estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Em sua maioria, os haitianos que chegaram ao Brasil entre 2010 e 2012 nem residiam no Haiti, mas em países próximos como a República Dominicana, Equador, Cuba e Chile.

Com o decorrer do tempo, o fluxo de imigrantes haitianos para o Brasil foi se ampliando. “Ao final de 2011, havia referências de mais de 4.000 haitianos no país. Esse número não parou de aumentar, chegando a mais de 20.000 em 2013, a aproximadamente 55.000 em 2014 e a 65.000 ao final de 2015”. (FERNANDES; FARIA, 2017, p. 150)

Gráfico 1: Número total de solicitações de refúgio de haitianos, por ano de solicitação, 2010-2014



Fonte: Ministério da Justiça, Departamento de Polícia Federal, Sistema de Solicitação de Refúgio,
2015. (apud TONHATI; CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2016, p, 27)

Observa-se no gráfico acima que, além do aumento do fluxo de haitianos vivendo no Brasil também houve um aumento das solicitações de refúgio no mesmo período analisado,

corroborando assim, para a definição do Brasil como uma nova rota de destino para os haitianos a partir de 2010.

Cabe ressaltar que, no caso da imigração haitiana para o Brasil, a imprensa no Haiti e o governo brasileiro tiveram papel fundamental no que diz respeito aos discursos de acolhimento e possibilidades de trabalho no país. A própria presidenta Dilma Rousseff proferiu um discurso em primeiro de fevereiro de 2012 no qual dizia que o país estava aberto para receber os cidadãos haitianos que optassem em buscar oportunidades no Brasil.

O aumento no fluxo de entrada de haitianos no Brasil revelou a deficiência do país no trato legal da questão migratória e dos problemas relacionados à acolhida de imigrantes em território nacional. A presença de imigrantes e refugiados em situações de vulnerabilidade e indocumentados apontou a necessidade de revisão e de atualização da política e da legislação migratória que não estavam de acordo com o aumento das migrações e dos deslocamentos da atualidade.

O caminho percorrido pelos haitianos no início da imigração, em 2010, era sofrido e várias foram as violações as quais passavam com os "coiotes" que, aproveitando-se da falta de visto e da vulnerabilidade dos migrantes, extorquiam-nos no trajeto e na fronteira brasileira com promessas falsas de facilidades que poderiam obter com o pagamento dos serviços que eles se comprometiam em prestar.

> A ação de "coiotes" no processo migratório era patente (OIM, 2014). Eles atuavam inicialmente fazendo os imigrantes acreditarem que o Brasil não fora afetado pela crise econômica de 2008, que havia insuficiência de mão de obra e que a empregabilidade era instantânea no país, com salários mensais que poderiam chegar a U$ 1.000. Para ter acesso a este "Eldorado Brasileiro" os custos podiam variar de U$ 2.000 a U$ 4.500 (OIM, 2014 apud FERNANDES; FARIA, 2017).

O trajeto dos haitianos iniciava-se em Porto Príncipe por via aérea e chegavam após conexão na Cidade do Panamá em São Domingo (República Dominicana) ou em Quito (Equador) e alguns ainda iam diretamente para Lima (Peru), posteriormente, ou seja, em 2012, o Peru passou a exigir visto dos haitianos, dificultando esta rota de chegada ao Brasil. Em Quito ou em Lima, prosseguiam por terra até cruzarem a fronteira do Brasil em Tabatinga (AM), Assis Brasil (AC), Brasiléia[8] (AC) ou Epitaciolândia (AC).

[8]Localidade onde é possível fazer a solicitação de refúgio no posto da Policia Federal.

Mapa 2: Mapa das principais rotas migratórias de haitianos para o Brasil

Fonte: Fernandes, Castro (2014)

Em território brasileiro, os haitianos tinham como única saída a solicitação de refúgio, já que entravam no país sem visto. Porém, cabe ressaltar que os haitianos não são considerados refugiados conforme o previsto na Convenção de 1951[9] e pela legislação nacional.

Conforme a Lei n. 9.474, de 22.7.1997, será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

> I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;
>
> II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

[9] http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/direitos/tratado12.htm. Acesso: 10 ago.2017

> III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país (BRASIL, Art. 1, Lei n. 9.474, 1997)10.

A solicitação de refúgio foi a forma encontrada pelos haitianos para garantirem a obtenção de documentos e a estada em território nacional, "uma vez que a detenção e a criminalização de solicitantes de refúgio não são aceitas no Brasil". (FERNANDES; FARIA, 2017, p.152)

Deste modo, o CONARE (Comitê Nacional para Refugiados) não encontra amparo para deferir seus pedidos e a alternativa encontrada foi a da Resolução Recomendada nº 08/06, do Conselho Nacional de Imigração, que assim preceitua:

> Art. 1º Recomendar ao Comitê Nacional para os Refugiados - CONARE, órgão vinculado ao Ministério da Justiça, o encaminhamento ao Conselho Nacional de Imigração – CNIg, dos pedidos de refúgio que não sejam passíveis de concessão, mas que, a critério do CONARE, possam os estrangeiros permanecer no país por razões humanitárias.

Ressaltamos que Conselho Nacional de Imigração (CNIg) é um dos órgãos responsáveis pela gestão da política migratória no Brasil. Criado em 19 de Agosto de 1980 pela Lei n° 6.815, Estatuto do Estrangeiro. "Atualmente, o CNIg é um órgão colegiado, quatripartite, vinculado ao Ministério do Trabalho (MT), que conta com o apoio administrativo da Coordenação Geral de Imigração (CGIg)". (TONHATI; CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2016, p. 29)

Logo, como alternativa emergencial para regularizar a situação dos inúmeros haitianos que chegavam ao Brasil optou-se pela criação do visto humanitário que, reconheceu os direitos dos imigrantes, trazendo uma resposta para os pedidos de refúgio. Tal concessão tem caráter humanitário, e foi concedida devido às dificuldades enfrentadas por esse país em decorrência do terremoto de 2010 e das subsequentes crises humanitárias que se desdobraram, como por exemplo, no mesmo ano o surto de cólera, que matou mais de 8.000 pessoas. E, ainda, em 2012, os furacões, Issac e Sandy, que atingiram o país, vindo a destruir a produção agrícola, principal fonte de recursos econômicos da população. Ao conceder o visto humanitário, os haitianos passariam a ter a possibilidade de trabalhar legalmente no Brasil.

Em janeiro de 2012, o CNIg anunciou a Resolução n. 97/2012, que dispõe sobre a concessão do visto permanente a nacionais do Haiti.

> Art. 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões

---

[10] http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm. Acesso: 10 ago.2017

> humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.
>
> Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.
> Art. 2º O visto disciplinado por esta Resolução Normativa tem caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe.
>
> Parágrafo único. Poderão ser concedidos até 1.200 (mil e duzentos) vistos por ano, correspondendo a uma média de 100 (cem) concessões por mês, sem prejuízo das demais modalidades de vistos previstas nas disposições legais do País. (FERNANDES; FARIA, 2017, p. 154)

A solicitação do visto humanitário deve ser feita no Haiti, em Porto Príncipe, ou em outros países identificados como países de trânsito, como Republica Dominicana (São Domingos), Equador (Quito) e Peru (Lima), antes de ingressarem no território brasileiro.

Com a proposta de conceder vistos brasileiros em Porto Príncipe, os objetivos do governo federal seriam: a organização da imigração e a diminuição da ação dos coiotes

> A tentativa de aplicar a RN nº. 97 para resolver o problema, que se tornou questão de calamidade pública nas cidades fronteiriças e nos polos de atração, como Manaus, não gerou o efeito desejado. O número de imigrantes haitianos que chegavam pela fronteira Norte continuou crescendo e a emissão de 100 vistos por mês pelo Consulado em Porto Príncipe revelou-se claramente insuficiente. Já em novembro de 2012 não havia mais disponibilidade de agendamentos para a emissão do visto durante 2013. Assim, para 2013, a disponibilidade de horários esgotou-se, levando o Consulado a abrir uma lista de espera. (FERNANDES; FARIA, 2017, p.155)

Segundo Fernandes; Faria (2017) contrariamente ao que se esperava, as filas no consulado brasileiro em Porto Príncipe não paravam de crescer, os haitianos continuaram vindo para o Brasil sem visto e consequentemente os “coiotes” ampliaram sua ação nas fronteiras de entrada do Brasil e passaram a atuar também em outros países que não configuravam anteriormente na rota de entrada para o Brasil como é o caso da Argentina, Bolívia e Venezuela que também fazem fronteira com o Brasil e passaram a ser uma nova rota usada por eles.

Visando aumentar a emissão de vistos e inibir a imigração irregular para o Brasil, o governo brasileiro na figura do CNIg, por meio da RN n.102 de abril de 2013 retirou a restrição do número máximo de vistos a ser concedido por ano em Porto Príncipe e passou a conceder vistos para haitianos também em outras localidades.

Em 2015, com o intuito de aumentar a capacidade de concessão de vistos no Consulado brasileiro em Porto Príncipe, o Itamaraty e a OIM (Organização Internacional de Migração) firmam um contrato que permitiu criar um centro de processamento de vistos. Desse modo, a documentação dos candidatos era analisada antes de ser enviada ao consulado para registro, isso permitiu aos haitianos maior agilidade no serviço e uma maior concessão de vistos.

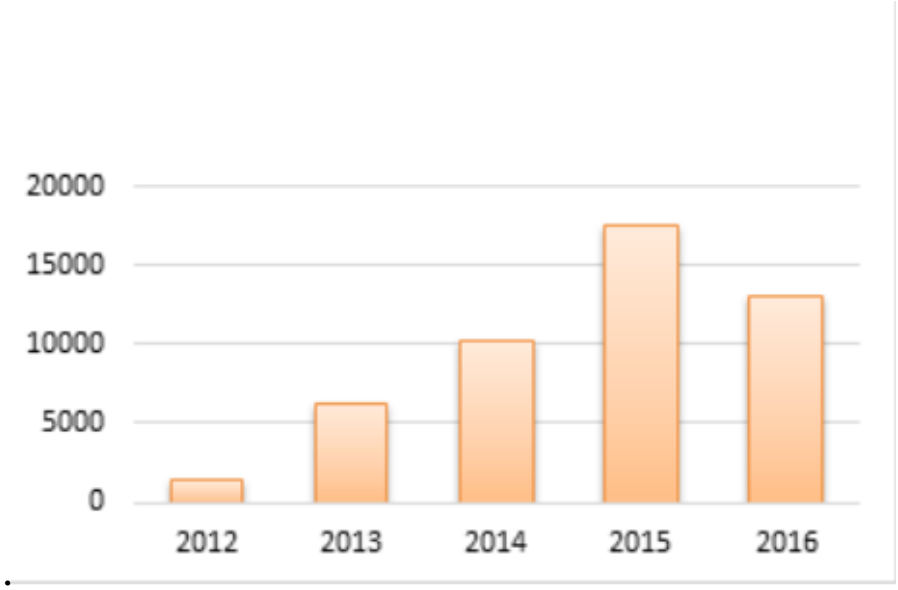
Além do Brasil, em 2010, Equador, Peru, Chile e Argentina não exigiam visto de turismo para a entrada de haitianos em seus territórios. “Apesar das facilidades, apenas o Brasil se tornou o destino final da imigração haitiana em grande volume.” (FERNANDES; FARIA, 2017, p. 156)

Figura 1: Passaporte haitiano com o visto brasileiro

Foto: Priscilla Pachi, 2017.

Com base no gráfico a seguir observamos como as ações do governo permitiram entre os anos de 2015 e 2016 aumentar a concessão de vistos correspondendo à demanda dos haitianos nos consulados brasileiros em Porto Príncipe e nas demais capitais dos países da América Latina.

Gráfico 2: Total de vistos emitidos pelo Ministério das Relações Exteriores, entre 2012 e 2016*



Fonte: Ministério das Relações Exteriores, 2016 (apud TONHATI; CAVALCANTI; OLIVEIRA, 2016, p, 24)
* No ano de 2016 foram considerados somente os dados até maio.

O fato é que de dezembro de 2010 até dezembro de 2014 passaram pelo Acre 39 mil haitianos cujo objetivo era o de chegar ao Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. A maioria buscava a cidade e o estado de São Paulo o que acabou se tornando um motivo de desavença entre os governos do Acre e São Paulo, pois os haitianos eram colocados em ônibus e despachados para a capital paulista sem que o governo do estado de São Paulo e a prefeitura do município fossem avisados.

Os haitianos que vinham do Acre utilizavam transporte gratuito até a capital paulista e a viagem durava quatro dias, chegavam de madrugada e desembarcavam no terminal Barra Funda sem dinheiro e sem informação de onde buscar ajuda na capital. O estado do Acre recebeu do Governo Federal R$3.385 milhões para o custeio da viagem para São Paulo. Porém, deveria garantir condições dignas de viagem como alimentação, higiene e o embarque se daria somente após a obtenção dos documentos como protocolo de ingresso no país, carteira de trabalho e CPF. No entanto, chegavam sem documentação alguma além do passaporte, do pedido de refúgio e os documentos acabavam sendo providenciados em São Paulo.

Sem ajuda do governo, recebiam abrigo e eram acolhidos pela pastoral na Igreja Nossa Sra. da Paz no Glicério, região central de São Paulo. O trabalho com os imigrantes, intitulado Missão Paz, gastou R$2 milhões por ano para abrigá-los. O espaço que comporta 110 pessoas

chegou a abrigar quase 350 haitianos que foram dispostos em salões e espaços da igreja. Durante o período que ficavam na igreja recebiam comida, suporte psicológico e jurídico, cursos gratuitos de português, treinamento intercultural sobre o Brasil no qual é explicado, de forma resumida, como funciona a sociedade brasileira, os costumes e as diferenças culturais, além de serem encaminhados para entrevistas de emprego com empregadores devidamente cadastrados pela instituição.

Figura 2: Haitianos na Missão Paz

Fonte: Priscilla Pachi, 2014.

Em São Paulo, o haitiano obtinha o protocolo do RNE (Registro Nacional de Estrangeiros), o CPF e a carteira de trabalho bem como, os direitos previstos na Constituição Federal, no que diz respeito ao refúgio.

De posse da documentação, mesmo sendo o protocolo do RNE, podiam trabalhar de forma legal no Brasil e recorriam à Missão Paz para que a instituição os auxiliasse na busca por um emprego. No início, antes das crises econômica e política no Brasil e com os preparativos dos grandes eventos (Copa do Mundo e Jogos Olímpicos) que ocorreriam no país, havia facilidade de absorção dessa força de trabalho em alguns setores da economia como a construção civil e serviços.

Muitos chegavam em São Paulo, recebiam informações da possibilidade de trabalho em outros estados da região sul e sudeste e seguiam, principalmente para o estado de Santa Catarina para trabalharem na construção civil e nas indústrias de abates de aves e frigoríficos (MAGALHÃES, 2016). Desse modo, cabe salientar que apesar de São Paulo ser um grande

polo receptor de imigrantes e com mercado de trabalho mais aquecido, a cidade também é um local de trânsito para as demais cidades e estados do sul e do sudeste do Brasil.

As medidas adotadas pelo governo federal no que diz respeito à regularização dos haitianos no Brasil, seja por visto humanitário ou por residência permanente e pela regularização e ampliação da emissão de vistos a partir de Porto Príncipe, geraram como consequência a diminuição deste fluxo migratório na região Norte. Os imigrantes passaram a chegar diretamente por via aérea em São Paulo, reduzindo assim os custos, o tempo de viagem e a ação dos coiotes na fronteira. Podemos dizer que, com base no exposto acima, a entrada de haitianos no país como solicitantes de refúgio está controlada e a via utilizada por eles, na sua grande maioria, é legal.

As rotas iniciais dos haitianos se alteraram e segundo pesquisa de campo e entrevistas, as mais comuns desde o aumento da concessão de visto são feitas por avião da seguinte maneira: Porto Príncipe – Curaçao - Manaus – São Paulo ou Porto Príncipe – Panamá - São Paulo.

Mapa 3: Novas rotas de entrada de imigrantes haitianos em território brasileiro

Fonte: Priscilla Pachi, 2018.

A imigração haitiana foi o grande desafio para a política migratória brasileira. Embora já houvessem alguns haitianos no Brasil, só depois do terremoto de 2010 é que este fluxo

migratório ganhou corpo e revelou a necessidade de se discutir políticas permanentes de inserção social do imigrante. Apesar do aumento da entrada de haitianos já em 2010, a prefeitura de São Paulo foi surpreendida pelo contingente de haitianos que chegou à cidade entre 2013 e 2014, o que levou a Coordenadoria de Políticas para Migrantes (CPMIG) a trabalhar em caráter emergencial para colocar em funcionamento aparelhos públicos capazes de atender à nova demanda. (PACHI, 2017)

Vários foram os gargalos revelados com a imigração haitiana no acolhimento, na defasagem das leis (municipal, estadual e federal), na falta de políticas públicas e na reação da sociedade com a presença de um fluxo de imigrantes "negros", com costumes, língua e cultura diferentes da nossa que invadiu as ruas do centro da cidade e de vários outras regiões, modificando o cotidiano da capital paulista.

A pressão exercida pela sociedade civil por meio dos imigrantes, ONGs, pesquisadores e instituições ligadas à igreja como a Missão Paz e a Cáritas, aliada ao fomento da imprensa em retratar esta imigração, fizeram com que a partir da vinda dos haitianos, a política migratória tomasse novos rumos. Não seria possível a aprovação da Lei Municipal de Migração em São Paulo, se não fosse a atuação da sociedade civil e a gestão de uma prefeitura aberta à proposta de encontrar soluções, mesmo que emergenciais, para a questão migratória que carecia de um tratamento adequado desde a década de 1980. (PACHI, 2017)

Além da promulgação da Lei Municipal de Migração 16.478/2016, outro avanço foi conquistado em 2017, ou seja, a aprovação da Lei Federal de Migração 13.445/17 que, apesar de vetos importantes, substitui o antigo Estatuto do Estrangeiro, resquício da ditadura militar.

A nova lei da Imigração no. 13.445 de 2017 se aproxima do debate dos direitos humanos e reforça o que foi estabelecido na Constituição de 1988, no que tange ao artigo 5º: " Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade" (BRASIL, 1988).

Além disso, a nova lei declara que os imigrantes passam a ter direito de acesso aos serviços públicos oferecidos pelo país conforme o artigo 3º. Inciso XI: "acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social". (BRASIL, 2017).

Atualmente, verificamos que, apesar das crises econômica e política vivenciadas pelo Brasil, os haitianos continuam chegando em São Paulo, em número muito reduzido se

comparado ao momento da "diáspora[11] haitiana" em direção ao Brasil, mas continuam chegando em busca de trabalho e melhores condições de vida. Desse modo, a retomada do Brasil como destino imigratório ganha impulso e o país se coloca atualmente como o principal destino na América Latina para os recentes fluxos migratórios do mundo e do eixo Sul-Sul.

Com a mudança no cenário econômico e as dificuldades vivenciadas no Brasil a partir de 2014, como o aumento do desemprego, os escândalos de corrupção, a crise na educação e na saúde pública e a quebra de vários estados da federação, algumas dúvidas com relação à imigração haitiana se colocaram para a pesquisa tais como: os haitianos que chegaram nos últimos tempos, possuem ciência das crises política e econômica brasileiras? Estão vindo para o Brasil e utilizando o país como trânsito? Para qual destino? Como estão vivendo desempregados? Como essa situação ajuda a definir a forma de inserção econômica dos imigrantes? Como estão funcionando as chamadas redes de solidariedade e migratória em São Paulo? De que forma estão se inserindo no espaço urbano? O que esses imigrantes esperam do Brasil?

Tentaremos abordar e refletir essas questões ao longo desta dissertação com intuito de encontrarmos possíveis caminhos que possam embasar nossa análise sobre a imigração haitiana nos últimos anos.

1.2. As crises econômica e política e o fluxo migratório haitiano para o Brasil

Primeiramente cabe compreendermos as atuais crises econômica e política pelas quais o Brasil está passando para que possamos dedicar a nossa análise ao entendimento da imigração haitiana contemporânea. Não pretendemos fazer uma análise profunda sobre as crises, mas sem conhecer algo de sua natureza seria impossível entender os desdobramentos dos fluxos migratórios e as consequências enfrentadas pelos haitianos neste momento.

Em 2008 uma forte crise econômica iniciada nos Estados Unidos e na Europa trouxe consequências para todo o mundo. O Brasil neste período, governado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), foi um dos últimos países a sentir os reflexos desta crise.

---

[11] O fluxo de haitianos para o Brasil a partir de 2010 é considerado como uma diáspora pela maioria dos pesquisadores que dedicam seus estudos a esse tema. Recomendamos ver: BAENINGER, R. (org et al). **Imigração haitiana no Brasil.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

Sassen (2016) nos explica a crise de 2008 e suas consequências:

> Em suma, a chamada crise de 2008 conteve várias crises diferentes. Uma foi a crise das hipotecas subprime pela qual passaram as pessoas que obtiveram essas hipotecas e que depois as perderam. Uma segunda crise surgiu do fato de que as milhões de execuções hipotecárias foram um sinal de que algo estava errado. Mas essa crise por si só não teria provocado o colapso do sistema financeiro: levou a uma crise de confiança na comunidade de investidores. E isso, por sua vez, fez com que aqueles que haviam comprado swaps como seguros contra os que viam como o fim do ciclo de crescimento quisessem descontá-los. E foi isso que gerou a crise maior, porque os vendedores de swaps não estavam preparados para um desembolso súbito tão grande. A decisão de vários governos de resgatar os bancos com dinheiro dos contribuintes, sem garantia alguma por parte dos bancos que os fundos dos resgates voltariam a circular na economia, levou a mais quedas do crescimento econômico e ao aumento da pobreza de cidadãos e governos. Para governos e lares superendividados, foi o empurrão definitivo." (SASSEN, 2016, p.173)

Grande produtor e exportador de produtos agrícolas, o Brasil, no final da década de 1990 até o início de 2012 foi beneficiado pelo alto preço das *commodities* no mercado internacional e pelo aumento da demanda da China por produtos como soja, café, minério de ferro e petróleo. Nesse período o governo estimulou ainda mais a política de exportações e de crédito com o intuito de financiar o desenvolvimento do país e fomentar as ofertas e a criação de empregos.

Foi a partir do governo Lula que o Brasil despontou para o cenário internacional como um país em pleno desenvolvimento e de economia e negócios promissores. Além disso, o Brasil estava prestes a sediar a Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016 que colocaria o país definitivamente no centro das atenções em escala mundial.

Com a fartura advinda da exportação das *commodities*, o modelo econômico adotado por Lula favoreceu a expansão do consumo também entre as camadas de mais baixos rendimentos. Programas sociais foram expandidos e o salário mínimo aumentou 72,31%, de 2003 a 2014[12]. Muitos brasileiros deixaram a extrema pobreza e passaram a ter condições de comprar produtos que não consumiam antes. Como resultado dessa época, o Brasil deixou de integrar o mapa mundial da fome.

O acesso ao consumo principalmente de mantimentos não diminuiu a imensa desigualdade social que sempre existiu no Brasil, no entanto, garantiu à muitas famílias o direito de incluírem em seus cardápios produtos que até então não podiam consumir.

---

[12]http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-05/entenda-crise-economica. Acesso em: 23 set.2017

Para combater os efeitos da crise financeira mundial, o modelo econômico escolhido e adotado pelo país baseou-se em medidas que focavam sempre estimular o consumo e para que isso ocorresse, o governo reduziu as taxas de juros, cortou impostos, concedeu desonerações fiscais a alguns setores da economia, incentivou a liberação de crédito pelos bancos públicos para financiar o desenvolvimento e expandiu o gasto por meio de programas de investimento em infraestrutura. Com tudo isso, a economia não perdeu fôlego e o país continuou a crescer acima da média mundial.

Foi nesse cenário de fartura econômica e de emprego aliado à preparação dos grandes eventos que os primeiros haitianos vitimados pelo terremoto que devastou o Haiti em 2010 começaram a chegar ao Brasil e a se instalarem pelo território nacional. Conseguiam muitos empregos na construção civil nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo e no abate de aves nas indústrias do Sul em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A crise econômica, que iniciou no hemisfério Norte, estendeu-se por outros países e continentes e acabou chegando ao Brasil. Em 2011, já no governo da presidenta Dilma Rousseff, as *commodities* sofrem uma grande desvalorização que afeta a economia brasileira, dependente da exportação de produtos como soja e minério de ferro.

Para Antunes e Druck (2014) a crise atual estrutural é simultaneamente uma crise da acumulação do capital até agora nunca vista, manifesta-se pelo seu caráter universal, com alcance global e sendo sua escala temporal extensa, contínua e permanente.

Com o intuito de tentar diminuir os efeitos da crise que definitivamente chegara para se instalar no país, o governo brasileiro manteve as medidas que já estavam sendo adotadas para estimular a produção e o consumo; optou novamente pela redução de impostos, desonerações fiscais além de fomentar ainda mais a liberação de crédito. Contudo, ao mesmo tempo em que tratava a crise com medidas para o aumento do consumo, o governo passou a gastar cada vez mais e a receita com a arrecadação de impostos diminuiu, isso fez com que a dívida interna crescesse e as soluções até então adotadas não surtissem mais efeito. Com o impacto sobre as contas públicas e a piora da economia nacional o Brasil deixou de ser um país atraente para os investimentos internacionais e muitos investidores e empresas diminuíram ou retiraram seus investimentos do Brasil acarretando o aumento do desemprego e a diminuição de ativos no mercado financeiro nacional.

Em meio à conturbada situação econômica, a presidenta Dilma Rousseff vence novamente as eleições em 2014 e assume o seu segundo mandato em 2015 com a missão de fazer ajustes e equilibrar as contas públicas. Logo após a sua reeleição, os primeiros resultados da Operação Lava Jato começam a vir à tona expondo o envolvimento de políticos,

servidores públicos e empresários no desvio de dinheiro da Petrobras (empresa estatal de economia mista que opera em vários países, no segmento de energia, exploração e produção de petróleo, gás natural e seus derivados) na qual empreiteiras pagavam propina para os executivos da estatal e agentes públicos em troca de contratos bilionários.

> No fim do primeiro governo de Dilma, em 2014, a dívida tinha crescido de 51,3% para 57,2% do PIB. Em 2015, saltou para 66,2%. O percentual é bem menor do que o do Japão (229%) ou o da Grécia (179%), por exemplo. A diferença é que, enquanto em vários países desenvolvidos as taxas de juros são nulas ou negativas, no Brasil a taxa de juros fica acima de 14%, o que encarece muito o pagamento da dívida e amplia o risco de calote13.

Assim sendo, em 2014, o quadro econômico e político do Brasil tornou-se bem diferente do prometido pelo governo e encontrado pelos haitianos anos atrás, no início dessa imigração. Relativamente ao primeiro trimestre de 2014, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro recuou 1,6%14 no período correspondente a 2015.

> A situação das famílias, de acordo com os dados da Confederação Nacional do Comércio, é grave. A percentagem com algum tipo de dívida flutua em torno de 60%, entre 2011 e 2014. Esse quadro muda radicalmente após 2015 com o choque de juros e o aumento dos spreads. A percentagem de famílias endividadas dá um salto brusco para 67% e passa a cair, indicando que aquelas que podem começam a se livrar das dívidas. Ao mesmo tempo, a inadimplência aumenta substancialmente tanto em relação aos atrasos, de 18% para 25% de todas as famílias endividadas[15].

Com base nas atuais crises enfrentadas pelo país, é preciso encontrarmos as explicações para as formas de inserção desses imigrantes nas tramas da sociedade urbana brasileira em meio à conturbada situação que assola não somente os imigrantes, mas também os brasileiros.

Em paralelo à crise econômica e às investigações da operação Lava Jato instala-se uma grave crise política no governo que culmina com o impeachment da presidenta. Com 61 votos favoráveis e 20 contrários, o plenário do Senado Federal aprova em 31 de agosto de 2016 o impeachment de Dilma Rousseff concretizando dessa forma, o mais recente golpe da oposição e seus aliados contra governo.

---

[13] http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-05/entenda-crise-economica. Acesso em: 23 set. 2017

[14] BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de inflação**. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms/relinf/port/2015/06/ri201506P.pdf. >. Acesso em: 6 mar. 2016.

[15] https://www.cartacapital.com.br/economia/crise-economica-como-chegamos-ate-aqui-e-como-supera-la. Acesso em: 23 set. 2017

Com a realização do golpe, o então vice-presidente, Michel Temer, assume a Presidência da República em definitivo até o fim do mandato, em 2018.

Em pouco tempo de governo, o presidente Michel Temer, também é indiciado na operação Lava Jato e faz de tudo para permanecer no governo até o final de seu mandato, para isso, não mediu esforços na liberação de verbas e na compra de votos de parlamentares. A melhora dos índices econômicos e a diminuição do desemprego tão esperados por aqueles que apoiaram o golpe revelam-se contrários às expectativas do empresariado e da população que aguardava por um verdadeiro milagre econômico com a saída de Dilma Rousseff.

Podemos assim dizer que os seguintes termos definem a situação em que o país se encontra: recessão, inflação em alta, aumento do desemprego e dívida elevada. Este é o cenário da atual crise econômica brasileira, ou seja, a mais grave dos últimos anos. Urgem as necessidades de reformas para a arrecadação de receita com o intuito de diminuir as dívidas do Estado e a retomada da economia. Tentativas desastrosas de reformas afetam a população e seus direitos adquiridos. A reforma da previdência continua em discussão e nos termos que foi apresentada, prejudica a expectativa de aposentadoria da população, privilegia as elites e alguns grupos que não estão nem mesmo incluídos nesse debate. A reforma trabalhista pouco debatida foi aprovada no congresso e se pauta na retirada de direitos dos trabalhadores.

Em consequência à crise econômica, muitas empresas fecham, diminuem o quadro de funcionários ou terceirizam suas equipes, diminuem a produção e as vendas gerando desse modo, o aumento do desemprego.

Frente ao cenário econômico de crise do emprego, muitos imigrantes haitianos foram demitidos e não conseguiram outro trabalho. A opção de uma nova migração surge rumo ao Chile como alternativa na busca por trabalho e alguns se aventuraram rumo aos Estados-Unidos, mas ficaram retidos na fronteira com o México.

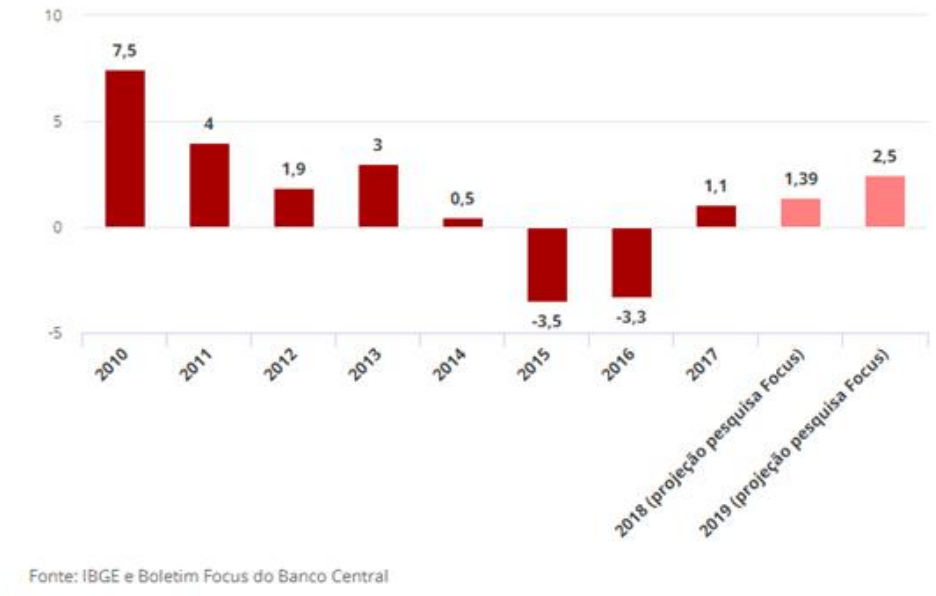
Como nos ensina Sayad (1998), a falta de trabalho faz o imigrante também desaparecer. “Foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; e ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que decreta a sua negação ou que o empurra para o não – ser” (SAYAD, 1998, p. 55).

Outro fator que dá sinais de piora é o aumento da inflação que gera a elevação dos preços principalmente dos gêneros alimentícios da cesta básica. Com o intuito de controlar o aumento da inflação o governo aumenta as taxas de juros o que dificulta ainda mais o acesso ao crédito e ao consumo.

Todo esse cenário desencadeia numa recessão e numa piora no resultado do PIB. Com relação à confiança do comércio e do consumidor os principais bancos do país apontam uma

previsão de crescimento do PIB para 2019. “O Bradesco elevou a previsão para 2,8%, de 2,5%, e o Itaú Unibanco subiu de 2% para 2,5%”[16].

Gráfico 3: Evolução do PIB Brasileiro em %



Fonte: G1 de 30 de novembro de 2018 [17]

Chegamos ao final de 2018 com um crescimento inferior ao esperado e com a economia brasileira estagnada devido à incerteza sobre a realização das reformas já mencionadas e por ser um ano eleitoral conturbado, as taxas de juros permaneceram elevadas e a greve dos caminhoneiros prejudicou vários setores da nossa economia. Paralelo à economia nacional, no cenário mundial várias moedas foram desvalorizadas. O Real teve uma pequena desvalorização se comparado às outras moedas de países emergentes, mas também sofreu o impacto da economia global.

Com relação ao mercado de trabalho, apesar de constatarmos uma redução da taxa de desocupação para 11,6% no trimestre encerrado em novembro de 2018,

---

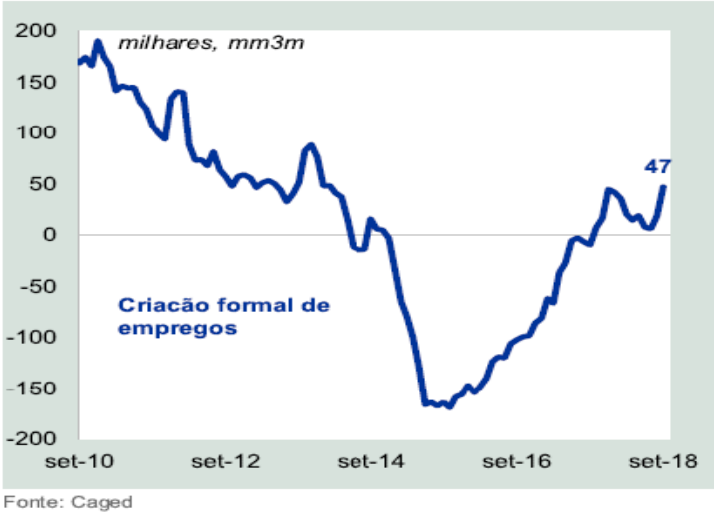
[16] https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/11/30/brasil-deve-ter-crescimento-moderado-a-partir-de-2019-dizem-analistas.ghtml. Acesso em: 28 jan. 2019

17 https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/11/30/brasil-deve-ter-crescimento-moderado-a-partir-de-2019-dizem-analistas.ghtml. Acesso em: 28 jan. 2019

> (...) houve um aumento de 1,1 milhão de pessoas ocupadas frente ao trimestre fechado em agosto. No entanto, a maior parte dessas ocupações foram geradas no mercado de trabalho informal com o aumento de 528 mil pessoas trabalhando por conta própria e cerca de 498 mil empregados no setor privado sem carteira de trabalho18.

O gráfico abaixo nos mostra a evolução da criação formal de empregos de setembro de 2010 a setembro de 2018 revelando a retomada dos índices a partir de 2017.

Gráfico 4: Criação formal de empregos



Fonte: Extraído e adaptado da Pesquisa Macro – Brasil do Banco Itaú / BBA de 09 nov. 2018

> Ainda que a taxa de desocupação tenha caído em relação ao mesmo trimestre de 2017, quando foi 12,0% e frente a 2016 (11,9%), ela ainda representa quase o dobro do patamar de 2014, antes da crise econômica, quando registrava 6,5%. Em números absolutos são 12,2 milhões de pessoas em busca de trabalho no país.[19]

A informalidade aparece como uma forma de driblar o desemprego, um meio de sobrevivência da população e com isso, ela atinge nível recorde na série histórica da pesquisa, iniciada em 2012.

O aumento da informalidade e o "emprego" no setor privado sem carteira de trabalho assinada nos revelam a precariedade do trabalho e o crescente número de pessoas que se encontram nessa situação. Os imigrantes fazem parte dessa realidade devido a uma série de questões que incluem, em muitos casos, a falta de documentação e a sua vulnerabilidade,

---

[18] https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23465-desemprego-cai-para-11-6-mas-informalidade-atinge-nivel-recorde. Acesso em: 30 jan. 2019

[19] https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23465-desemprego-cai-para-11-6-mas-informalidade-atinge-nivel-recorde. Acesso em: 30 jan. 2019

aceitam trabalhos precários e inferiores para a sua sobrevivência. Trataremos desse tema com maior aprofundamento no capítulo dedicado ao trabalho e à precarização.

Apesar dos prognósticos mais otimistas[20], o que vemos desde 2014 é a economia brasileira numa espiral onde a população sofre com o desemprego e com o aumento dos preços e deixam de consumir; as empresas diminuem a produção e deixam de investir; há menor arrecadação de impostos, queda na exportação e o país deixa de aplicar seus esforços em melhorias; o PIB não cresce.

Além das delicadas questões políticas e econômicas citadas até agora e que nos faz refletir o que ainda atrai imigrantes, sobretudo os haitianos, para o Brasil, recentemente mais uma decisão política e diplomática controversa pode trazer consequências para os imigrantes e para os brasileiros que moram no exterior.

Seguindo o perfil conservador do atual governo, o Brasil anunciou no início de janeiro de 2019 que está fora do Pacto Global da Imigração, acompanhando a política de alguns países desenvolvidos como os Estados Unidos.

Em 09 de janeiro de 2019 em sua conta no *Twitter*, o presidente Jair Bolsonaro publicou:

> "O Brasil é soberano para decidir se aceita ou não migrantes. Quem porventura vier para cá deverá estar sujeito às nossas leis, regras e costumes, bem como deverá cantar nosso hino e respeitar nossa cultura. Não é qualquer um que entra em nossa casa, nem será qualquer um que entrará no Brasil via pacto adotado por terceiros. NÃO AO PACTO MIGRATÓRIO."21

---

[20] Com base no relatório do Banco BBA, podemos dizer que as projeções para 2019 são as seguintes: crescimento do PIB de 2,5%, taxa de câmbio de 3,90 reais por dólar, inflação de 4,2% e a taxa Selic em 6,5%. Além disso o Comitê de Política Monetária (Copom) vê menos riscos para a inflação e mantém projeções em torno da meta para os próximos anos. O cenário projetado pelos analistas e pelos bancos são otimistas para 2019 e 2020 no entanto, outros fatores também podem influenciar e, até mesmo, modificar o alcance do tão esperado crescimento para o mercado. Um dos fatores mais prováveis para a mudança das projeções é a de deterioração do cenário político, em tão pouco tempo de governo o novo presidente e sua família já são "investigados" em casos de corrupção e o presidente e seus ministros já deram declarações que afetam a diplomacia e consequentemente o comércio internacional que, pode comprometer a balança de comercial. Tomando em consideração que o cenário permaneça conforme o esperado pelos analistas e que os acontecimentos seguirão sem grandes problemas e turbulências políticas, espera-se que o país volte a crescer em ritmo um pouco maior em 2019 comparado à 2018. Outra consideração a ser feita e que impediria o crescimento da economia seria a não concretização das reformas fiscais e da previdência, caso isso ocorra, haverá uma tendência de deterioração e comprometimento das contas públicas e para viabilizar o controle das despesas previsto na emenda constitucional que estabeleceu o teto de gastos, principalmente a partir de 2020. O aumento da dívida pública aumentaria as dúvidas sobre a retomada da atividade econômica.

[21] https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1082924268361519104: Acesso em: 07 mar.2019

O Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular (GCM), também conhecido como Pacto Global de Migração da ONU é um documento que traz um conjunto de diretrizes para a colaboração das questões migratórias. O Pacto não tem caráter vinculante, ou seja, não obriga os países que o assinaram a implementar outra política que não aquela que já é praticada pelo próprio país. Desse modo, o Pacto não coloca em risco a soberania dos países e tem por objetivo aumentar a cooperação internacional tendo em vista que os fluxos de migrantes e refugiados cresceram nos últimos anos e que os países desenvolvidos têm adotado uma política de não acolhimento. Trata-se de um acordo multilateral que visa fortalecer os direitos humanos, colocando o foco no indivíduo e em seus direitos. O Pacto foi negociado por 193 países durante dois anos e assinado por 164 no dia 10 de dezembro de 2018 no Marrocos.

Para várias entidades e especialistas que atuam com questões migratórias, a decisão do Brasil em sair do Pacto Global poderá gerar um grande impacto aos brasileiros que vivem no exterior, pois o acordo protege as pessoas de não serem discriminadas e terem seus direitos respeitados.

Contrariamente ao “avanço” que havíamos presenciado com a nova Lei de Migração que substitui o antigo Estatuto do Estrangeiro e ilumina questões relativas aos direitos humanos, o atual governo reafirma uma postura conservadora e retrógrada ao deixar o Pacto das Migrações e tratar novamente a migração como uma questão de defesa nacional, onde o migrante é visto como uma ameaça à segurança e à soberania do país.

O Brasil, como já mencionado no capítulo 2, é um país que historicamente recebe imigrantes desde o século XIX e tem acolhido pessoas de diversas nacionalidades, que aqui chegam e que serão impactados com a nova política de acolhimento e austeridade do governo atual.

> Um relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), especificava no final de 2016 que "65,6 milhões de pessoas, uma em cada 113 pessoas de todo o mundo, foram forçadas a deixar os locais de origem por diferentes tipos de conflitos." Dessas, "22,5 milhões são refugiados e 2,8 milhões solicitantes de reconhecimento da condição de refugiado", lê-se no mesmo relatório sobre um país historicamente sustentado na imigração desde a chegada dos portugueses em 1500. De acordo com o Relatório de Migração Mundial 2018, da Organização Internacional para as Migrações, agora liderada pelo português António Vitorino, residiam no Brasil no início de

> 2016 cerca de 713 mil estrangeiros, o que reflete um aumento de 20% durante o período de 2010 a 2015.[22]

Segundo relatório feito pela Frontex — Agência de Fronteiras da União Europeia —o número de brasileiros impedidos de entrar em países europeus em 2018 aumentou em 62% em comparação ao ano anterior.

> Foram pelo menos 4.984 brasileiros barrados nas fronteiras europeias em comparação com os 3.086 pegos em 2017. Com o aumento, o Brasil se tornou o sétimo país com mais número de cidadãos rejeitados. Em 2017, era o décimo na lista. O principal motivo da proibição para entrar na Europa foi a falta de documentação adequada ou de visto de permanência. Além disso, pelo menos 1.926 brasileiros foram deportados de países europeus. O Brasil ficou em oitavo lugar no ranking de deportados, sendo o único do continente americano.[23]

Infelizmente com a saída do governo brasileiro do Pacto Mundial de Migração essa situação pode vir a piorar e a discriminação sofrida pelos brasileiros a aumentar.

Com um cenário político e econômico conturbado, vivenciamos também um retrocesso social em que direitos estão sendo retirados e a população, seja ela brasileira ou migrante, fica à mercê de decisões e medidas de austeridades que impactam o cotidiano de todos.

A força de trabalho e sua mobilidade se inserem nessa discussão e com isso, buscamos esclarecer as motivações para a imigração no Brasil associadas às muitas mazelas da nossa sociedade. Pretendemos entender como os haitianos continuam chegando ao Brasil tendo em vista a situação a qual nos encontramos. Os estudos nas diferentes áreas das ciências humanas destacam as abordagens históricas, econômicas, políticas e culturais, mas pouco se fala dos aspectos espaciais associados à dinâmica do capital. É necessário aprofundar a discussão no caminho já apontado por Cotinguiba (2014), que confere peso a essa dinâmica, que inclui a formação dos núcleos urbanos e a associação entre a figura do imigrante e a do trabalhador. Nesta perspectiva, a Geografia tem muito a contribuir.

---

[22] https://pt.euronews.com/2019/01/10/saida-do-pacto-das-migracoes-pode-sair-caro-aos-brasileiros-emigrados. Acesso em: 01 fev.2019

[23] https://noticias.r7.com/internacional/cresce-o-numero-de-brasileiros-barrados-nas-fronteiras-da-europa-07032019. Acesso em: 07 mar.2019

2. Formas de conhecimento dos sujeitos desta pesquisa

Descreveremos nesse capítulo a metodologia de pesquisa adotada, isto é, porque, quando, como e onde realizamos o campo e os dados obtidos serão abordados em seus respectivos capítulos conforme o assunto analisado.

Determinamos como objetivo dessa pesquisa a compreensão de um fenômeno imigratório cuja amplitude e significação só podem ser captadas pela utilização de métodos condizentes com a complexidade inerente aos fatos, que integram aspectos históricos, sociais e espaciais de sociedades diversas, no caso a haitiana e a brasileira, e sua inserção nos desdobramentos do capitalismo contemporâneo. Como explica Alves-Mazzotti (1998), as pesquisas qualitativas são, em geral, multimetodológicas por incluir grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Nesse sentido, esta pesquisa procura articular métodos qualitativos – observação, entrevistas e pesquisa bibliográfica e documental – e quantitativos, por meio da aplicação de questionários e análises baseadas na estatística descritiva (LEVIN; FOX; FORDE, 2002). Em nossa perspectiva, a combinação de modelos se torna útil para potencializar o conhecimento e dispor de enfoques complementares (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

Tendo em vista que há cinco anos realizo um trabalho voluntário na Missão Paz, a amostra para a fase quantitativa foi formada a partir dos dados disponíveis do total de imigrantes atendidos por esta instituição em São Paulo, mais especificamente pelos atendimentos do chamado “Eixo Trabalho”, por dados oficiais obtidos no Ministério do Trabalho, Policia Federal e nos institutos que trabalham e analisam as migrações como o OBMigra (Observatório das Migrações).

Optamos em analisar os dados do “Eixo Trabalho” até 2018 e cruzá-los com os dados que obtivemos em nossa pesquisa e com a pesquisa do OBMigra de 2016 para elaborarmos uma análise das especificidades dessa imigração.

Como a pesquisa é predominantemente qualitativa, formamos amostras não probabilísticas, que seguiram um procedimento de seleção sem a pretensão de realizar inferências estatísticas, mas obter uma descrição do grupo estudado. Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p. 271) explicam que a constituição dessas amostras depende da decisão do pesquisador e sua vantagem está no fato de propiciar a obtenção de casos ricos para a coleta e análise dos dados.

Buscamos na etapa qualitativa, como foi exposto acima, articular técnicas de observação, entrevistas, pesquisa bibliográfica e documental. O trabalho voluntário na Missão Paz possibilitou que fosse feita a observação *in loco* dos processos de acolhimento e integração dos imigrantes haitianos. Segundo Alves-Mazotti (1998, p. 164), entre as vantagens da observação pode-se destacar os seguintes aspectos: a) independência do nível de conhecimento ou da capacidade verbal dos sujeitos; b) verificação na prática da sustentação de certas respostas; c) identificação de comportamentos não intencionais e exploração de tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir; d) registro do comportamento em seu contexto temporal-espacial. Em nossa pesquisa, a opção é de realizar uma observação participante, por permitir a coleta de dados que não são facilmente acessíveis. Neste tipo de observação, o pesquisador deve desenvolver uma relação de confiança com os participantes de modo que suas realidades sejam efetivamente mostradas (PATERSON; BOTTORF; HEWAT, 2003).

Entre os meses de fevereiro de 2017 a junho de 2018, desenvolvemos a coleta dos dados quantitativos e colocamos em prática nossa segunda técnica, as entrevistas no espaço da Missão Paz e no entorno da igreja Nossa Senhora da Paz, no bairro do Glicério, onde também se localiza a sede da USIH (União Social dos Imigrantes Haitianos). A escolha do bairro do Glicério se deu por se tratar do lugar de maior concentração de imigrantes haitianos recém-chegados à capital paulista e pelo fato de eu estar diretamente em contato com a Missão Paz. É importante ressaltar que a existência de uma associação em prol dos haitianos confere a eles uma maior união para o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência e permanência em território brasileiro.

Figura 3: Cartaz com os dados da USIH disposto na entrada da instituição

Fonte: Priscilla Pachi, 2018.

Optamos por entrevistas semiestruturadas a partir das quais é feita a utilização de técnicas de entrevista para a coleta das falas. Segundo Sampieri et al. (2006), as entrevistas semiestruturadas se apoiam em um roteiro de assuntos e questões previamente elaborado em conformidade com os objetivos da pesquisa e no decorrer da conversa o pesquisador tem liberdade de introduzir mais questões tal qual o assunto vá se desenvolvendo a fim de apurar com maior precisão informações que considerar relevante para os propósitos da investigação.

As entrevistas permitem o tratamento de temas complexos em profundidade. Além disso, levantamos características essenciais para a análise do perfil dos entrevistados como gênero, idade, escolaridade que foram exploradas juntamente com questões relativas à moradia, mercado de trabalho e inserção social. Conseguimos com isso, ter o mapeamento e o aprofundamento das questões que levantamos para posterior análise.

Como explica Alves-Mazotti (1998, p. 168), na entrevista o pesquisador tem como objetivo compreender o significado atribuído por sujeitos a eventos, situações, processos e personagens que fazem parte de sua vida cotidiana. Nesse caso, o uso de entrevistas se justifica pelo fato dessa técnica se adaptar ao perfil do estudo, em que a vivência dos sujeitos e o significado de sua experiência ganham importância para a definição de suas relações com o espaço. Os participantes selecionados compuseram uma amostra – não probabilística e por julgamento. Duarte (2011) afirma que as entrevistas em profundidade visam captar informações confiáveis e relevantes para a pesquisa e não se tem, neste caso, a pretensão de ter representatividade estatística. Para a realização das entrevistas, foi elaborado um roteiro de perguntas abertas, de modo que fosse criado um espaço de expressão para o entrevistado (MEDINA, 2002) e que possibilitasse ao entrevistador aprofundar tópicos e descobrir novas formas de abordagem do tema de pesquisa.

A escolha dos entrevistados se deu no pátio da igreja e a abordagem foi direta, sem nenhuma seleção pré-estabelecida, visamos com isso tentar ao máximo termos vários perfis de escolaridade, de experiência profissional e de vida. Alguns dos entrevistados já me conheciam por terem participado do meu treinamento intercultural o que tornou a aproximação mais fácil. Porém, muitos dos que foram abordados, ficaram desconfiados; alguns se negaram a responder as perguntas e outros pediram para que a entrevista não fosse gravada. Desse modo, preferimos anotar as respostas salvo a entrevista do presidente da USIH que não somente foi permitida a gravação como também nos trouxe, como era do nosso interesse, muitas outras informações que ultrapassaram o limite das perguntas. Outro agravante que gerou desconfiança foi a solicitação da assinatura do “termo de consentimento” do uso das informações fornecidas com base na entrevista (vide em Apêndice), interpretamos como

desconfiança e receio do uso que seria feito das respostas, mas 90% dos entrevistados assinaram e receberam uma cópia do termo.

A partir do momento que não definimos critérios para a escolha dos entrevistados, podemos dizer que prevaleceu a heterogeneidade do grupo em termos de gênero, grau de escolaridade, local de origem no território haitiano, as rotas de chegada ao Brasil, a condição social e as diferentes buscas e possíveis atuações no mercado de trabalho.

Cabe ressaltar que não tivemos dificuldade em encontrar haitianos na Missão Paz dispostos a nos conceder entrevistas, afinal os que ali se encontravam estavam em situação de desemprego e o local serve para os encontros da comunidade e para a troca de informações. Essa mesma facilidade não se deu no bairro e nos locais de comercio onde trabalham porque ou estavam trabalhando e diziam não terem tempo para responder às perguntas ou desconfiados, arranjavam no trabalho uma desculpa para não responderem.

Como nos aponta Sayad (1998), o imigrante existe para o trabalho, de forma que a expressão imigrante trabalhador é redundante. Na ausência do mesmo, os haitianos procuram estar no pátio da igreja para trocarem informações com seus nacionais ou quiçá, tentarem a sorte de aparecer alguma proposta momentânea e inesperada, seja de emprego ou de um "bico" que possa garantir algum ganho na semana. Podemos afirmar que o tempo do imigrante é totalmente voltado para a busca de trabalho.

Além das entrevistas, fizemos uso de algumas técnicas de pesquisa como a observação direta, conversas formais e informais; o trabalho que desenvolvi como voluntária na Missão Paz de escuta de imigrantes e a participação dos mesmos nos treinamentos que ministrei nos deram subsídios para o nosso entendimento sobre a dinâmica desse fluxo migratório.

Demos também atenção à pesquisa bibliográfica e de documentos. De acordo com Oliveira (2007), a pesquisa bibliográfica visa o estudo e a análise de documentos no domínio científico, como livros, periódicos, artigos científicos, e foi possível incluir nesta lista teses e dissertações. O objetivo é conhecer e analisar o conhecimento científico utilizado pela comunidade acadêmica e disponível sobre o tema, dado que a imigração haitiana para o Brasil é um fenômeno recente e desperta a atenção de pesquisadores em diferentes campos das ciências sociais.

A pesquisa de documentos, por sua vez, caracteriza-se, segundo Oliveira (2007), "pela busca de informações em documentos que não receberam tratamento científico". Foram incluídas nesta categoria relatórios, reportagens de jornais, gravações, fotografias, entre outros. Alves-Mazotti (1998) explica que regulamentos, atas de reuniões, relatórios, arquivos, pareceres podem trazer informações sobre princípios e normas que regem o comportamento

de grupos sociais. Nesse sentido, fizemos o levantamento dos registros dos dados dos imigrantes haitianos na instituição de acolhimento com a qual trabalhamos, a Missão Paz, de modo a compreender os critérios utilizados para classificação e registro da história de vida desses imigrantes e obter informações sobre sua inserção na sociedade brasileira. Também pudemos dispor de informações sobre as formas de contratação e o processo de adaptação ao trabalho. Paralelamente, mapeamos onde circulam e habitam os nossos sujeitos de pesquisa na metrópole de São Paulo.

O uso de métodos quantitativos e qualitativos possibilita maior amplitude, riqueza de informações, profundidade e rigor na pesquisa, além de propiciar a compreensão acurada de uma realidade socialmente construída. Segundo Creswell e Plano Clark (2011), a integração em desenhos metodológicos mistos é um conceito que pode ser compreendido e realizado pelos pesquisadores de diferentes modos. A integração pode abranger paradigmas teóricos, problemas de pesquisa, métodos e análise de dados. No que se refere aos dados, segundo estes autores, pode haver conexão, integração ou incorporação. Em nossa análise, os dados quantitativos e qualitativos apontaram tendências e questões que buscamos entender, interpretar e analisar em profundidade com o intuito de desvendar alguns assuntos que, inicialmente, não faziam parte do nosso arcabouço de pesquisa e que foram revelados durante a mesma e permitiram a avaliação dos resultados e elaboração das conclusões.

Conforme nos ensina Sayad (1998) o itinerário epistemológico dos estudos migratórios é também um ponto de encontro de inúmeras disciplinas: história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia, antropologia, linguística, ciência política, entre outras.

Com base no exposto acima e considerando os imigrantes sujeitos e protagonistas do processo migratório buscamos apreender o movimento migratório haitiano para o Brasil, mas principalmente para São Paulo. Para entender melhor o que os demais pesquisadores de outras ciências do conhecimento estão discutindo a respeito, fez parte da nossa metodologia de pesquisa a participação em vários eventos, encontros, simpósios e seminários nos diversos *campi* de universidades e centros de estudos que debatem a migração em São Paulo. A decisão na participação desses eventos teve como objetivo conhecer os diferentes debates que estão sendo desenvolvidos no tocante ao tema das migrações e sobre o fluxo migratório haitiano nas áreas do direito, da psicanálise, nas ciências sociais, nos encontros religiosos ecumênicos, nas relações internacionais, entre outros. Além disso, participamos de rodas de conversa com imigrantes e por um ano, participei de um projeto piloto de escuta feito para os imigrantes, em sua maioria haitianos, no espaço da Missão Paz em São Paulo.

Como mencionado, no campo, realizamos as observações, entrevistas e a escuta dos imigrantes. No que diz respeito à escuta, o trabalho foi desenvolvido entre os anos de 2017 e início de 2018 pela mesma ONG SIETAR, que é responsável pela organização das palestras/treinamentos interculturais. Os encontros aconteciam semanalmente e devido à falta de voluntários dispostos à escuta, esses encontros passaram a ser quinzenais. Minha participação se deu entre uma e, às vezes, duas vezes ao mês durante todo o projeto; as sessões eram de aproximadamente duas horas e meia e o objetivo era o de dar a palavra aos imigrantes para que pudessem trocar suas experiências, angustias, tirarem duvidas ou simplesmente terem um espaço para serem ouvidos e entenderem que os problemas enfrentados por eles são, em sua grande maioria, os mesmos de todos os outros imigrantes. No dia da escuta, alguns apareciam porque já haviam se programado para o dia, outros que se encontravam no pátio da igreja eram convidados a participar e se juntavam ao grupo. Muitos apareciam semanalmente para darem sua contribuição. Esses encontros contavam com a participação de dez a quinze participantes. Vinham num primeiro momento curiosos e para ocuparem o tempo ocioso que tinham naquele dia. Com o passar do tempo e conhecendo o trabalho que desenvolvíamos faziam questão, não somente de participarem, mas de tentarem ajudar os que haviam chegado há pouco tempo ou que estavam participando pela primeira vez do grupo.

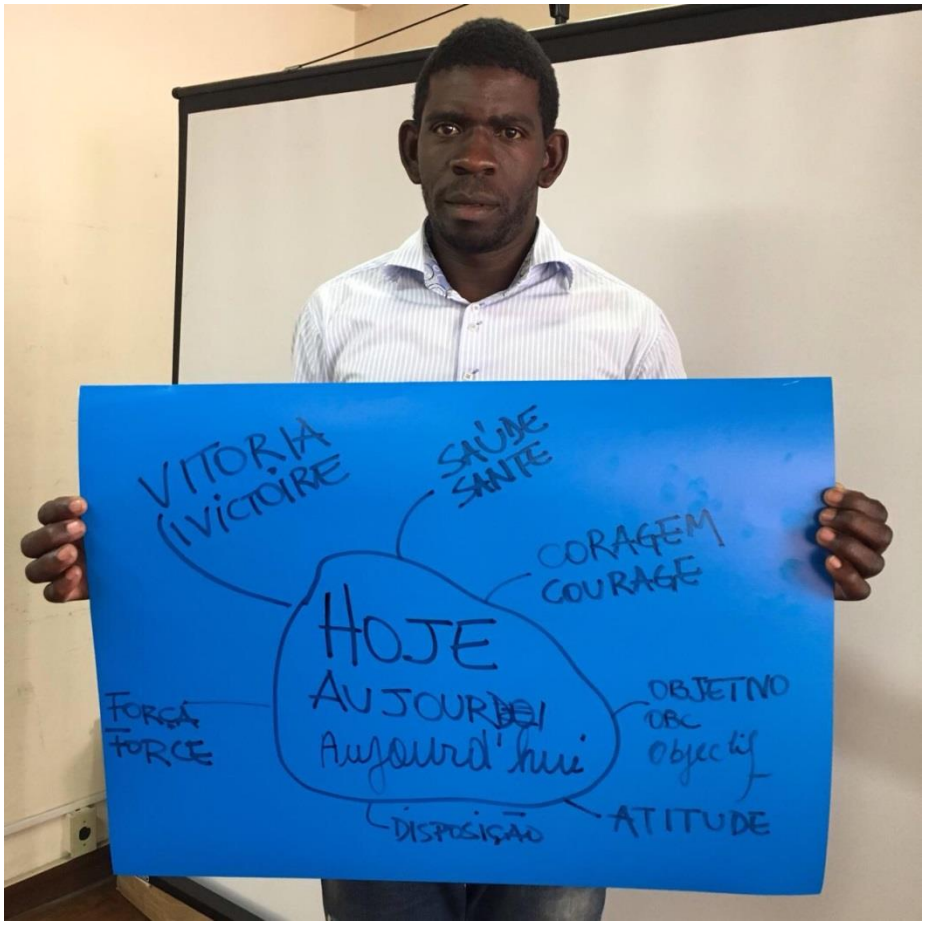
Figura 4: Escuta de imigrantes na Missão Paz - projeto piloto em parceria com a ONG SIETAR

Fonte: Priscilla Pachi, 2017

No momento da entrevista, assim como no processo de escuta, que foram realizados no espaço da Missão Paz, pudemos vivenciar situações inesperadas e, muitas vezes, relatos de desespero carregados de muita emoção e angustia ao ponto de chorarmos juntos e estabelecermos contato físico, seja num abraço afetuoso ou no toque das mãos.

Muitos foram os imigrantes que, tendo participado uma vez do grupo de escuta, decidiam voltar ao saberem a data a qual eu estaria novamente presente, dirigindo a sessão. Os que voltavam participavam ativamente, davam relatos se algo havia mudado desde o último encontro e como estavam lidando com as dificuldades. Continuavam desempregados, mas voltavam, pelo apoio que sentiam durante a escuta e para ajudar os recém-chegados em São Paulo com seus relatos. Laços de amizade e de cooperação nasciam desses encontros.

Figura 5: Cartaz elaborado com palavras que expressaram um dia de escuta



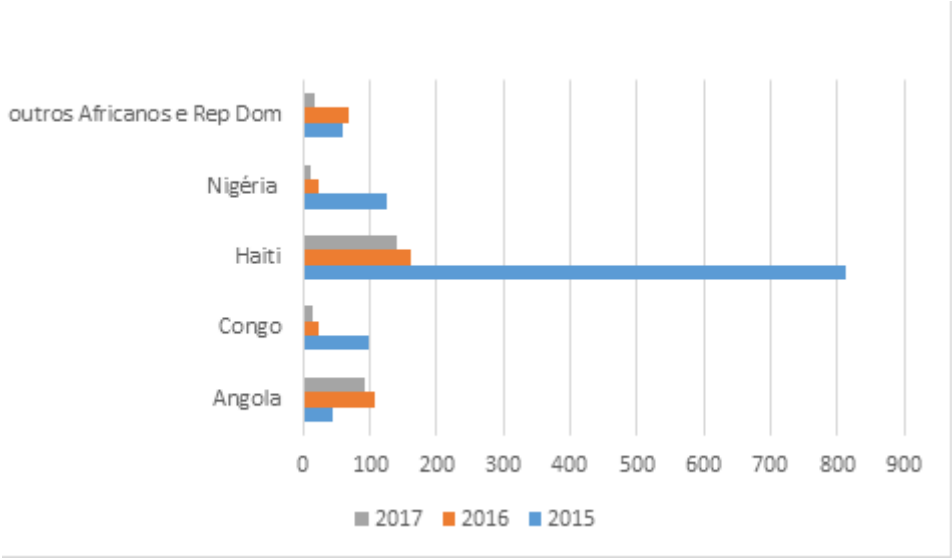
Fonte: ONG SIETAR, 2017

Com relação às entrevistas, acreditamos que a postura do pesquisador é a de se colocar aberto para o novo e desconhecido e, nas palavras de Sayad com a alteridade para lidar com o outro. Nesse sentido, podemos dizer que a relação de pesquisa é também considerada uma relação social entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa.

É importante ressaltarmos que a pesquisa realizada e a sua análise teve a intenção de delinear o perfil dos imigrantes haitianos que chegaram ao Brasil pós crise política e econômica de 2014 e entender como se dá a inserção na sociedade, a busca por trabalho e as formas de sobrevivência desse grupo enquanto não exercem uma atividade remunerada.

Apesar da atual crise econômica enfrentada pelo Brasil nos últimos anos, vemos que as migrações Sul-Sul têm se intensificado e que a busca por trabalho é a principal característica dessas migrações. Os haitianos, em número menor ao que presenciamos até 2015, continuam chegando e outros imigrantes de outras nacionalidades, provenientes principalmente de países africanos, dão uma nova paisagem ao espaço da Missão Paz com a mistura de idiomas e culturas diferentes.

Gráfico 5: Intensificação da imigração Sul-Sul - Aumento das imigrações para o Brasil com as cinco nacionalidades mais atendidas pela Missão Paz desde 2015



Fonte: Dados fornecidos pelo Eixo Trabalho – Missão Paz, 2019

Como ressalta Sayad:

> "O trabalho é a razão de ser do imigrante, ele dá conta de sua presença que, na falta deste motivo, estaria confinada ao absurdo aos olhos da razão do Estado Nacional. O trabalho contém em si, a partir de nossa representação atual do mundo, toda inteligência do fenômeno migratório, da emigração e da imigração que, sem ele, seriam incompreensíveis e intoleráveis sob todos os pontos de vista, intelectual, ética, econômica, cultural e, não apenas, politicamente." (SAYAD, 2000, p.21)

Com base no exposto acima e tendo em vista a importância da variável trabalho e da força de trabalho migrante para a economia globalizada, podemos dizer que, segundo a teoria marxista e o materialismo histórico dialético, a mobilidade do trabalho faz do migrante um

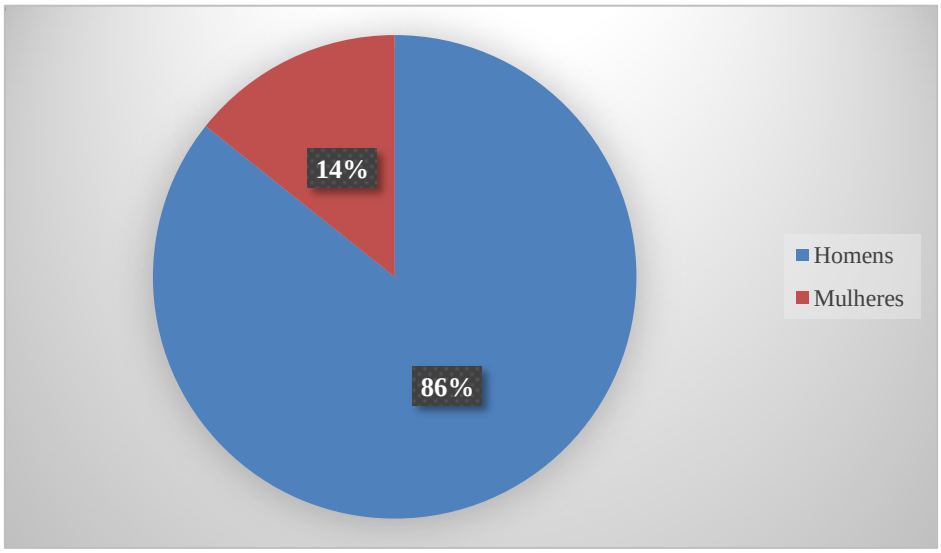
portador de trabalho “livre” e peça fundamental para as estratégias de desenvolvimento do capitalismo e segundo Sayad (1998), o imigrante existe enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e onde se precisa dele sendo que, a falta de trabalho faz o imigrante também desaparecer.

Desse modo, apresentaremos os dados gerais que obtivemos com as nossas entrevistas e nos capítulos seguintes, abordaremos questões especificas que também nos foram relatadas e que julgamos serem importantes para o nosso estudo e para a compreensão desse fenômeno migratório.

Os relatos concedidos durante as entrevistas e por meio da escuta são extremamente ricos e nos revelam detalhes de como viviam no Haiti, a decisão de vinda para o Brasil, o que e quem foi deixado na origem, a dor da separação, a angustia com o futuro e a dificuldade de se manterem ativos e sobrevivendo diante de tantas adversidades que encontram no Brasil e em São Paulo.

Foram entrevistados 30 homens e 5 mulheres totalizando um número de 35 entrevistas realizadas entre abril de 2017 e junho de 2018. Indo na mesma direção de várias pesquisas que tivemos acesso como a do CNig (2016), do Ministério do Trabalho e de pesquisadores envolvidos com a imigração haitiana, o perfil dos nossos sujeitos de pesquisa é, em sua maioria, 86% de homens que vieram sozinhos.

Gráfico 6: Gênero dos nossos sujeitos de pesquisa

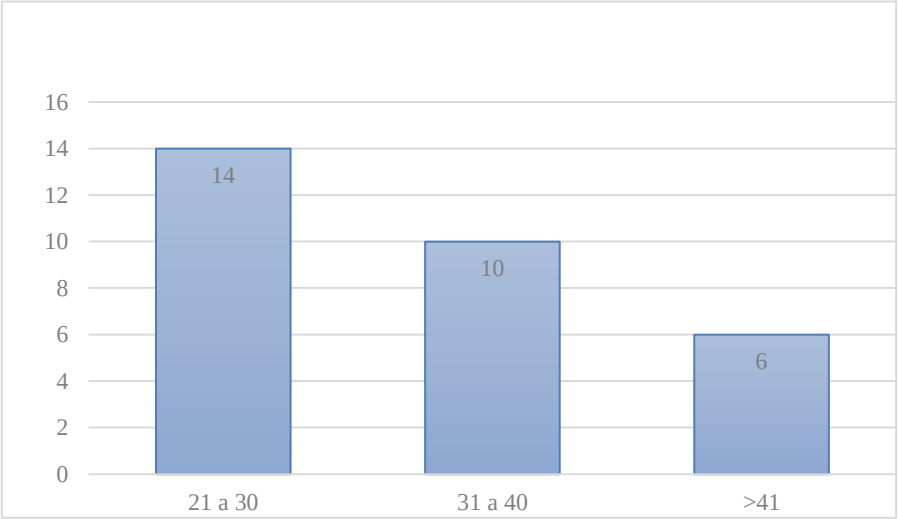


Fonte: Pesquisa Priscilla Pachi (2017-2018)

A faixa etária onde se encontra a maioria dos entrevistados é de 21 a 40 anos, ou seja, idade economicamente ativa para o trabalho. Entre as mulheres, a faixa é de 21 a 30 anos, vieram sozinhas ou para encontrar o companheiro que já estava no Brasil. Podemos dizer com base na nossa amostragem que o caráter dessa imigração é laboral com predomínio de homens em idade compatível ao mercado de trabalho, o que justifica a nossa preocupação e a importância dada à variável trabalho em nossa pesquisa.

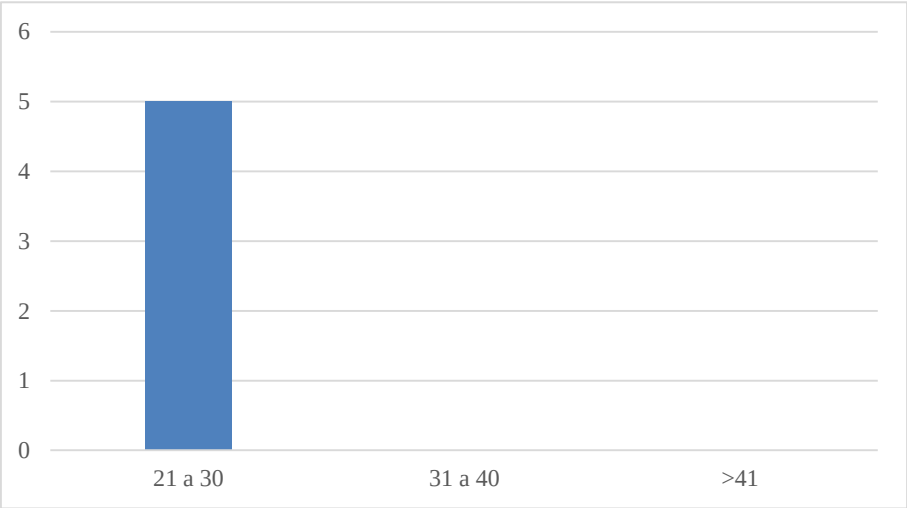
As imigrantes haitianas entrevistadas, apesar de algumas terem relatado que possuem um parceiro, não estavam com seus companheiros no momento da entrevista.

Gráfico 7: Faixa etária entre os homens



Fonte: Pesquisa Priscilla Pachi (2017-2018)

Gráfico 8: Faixa etária entre as mulheres

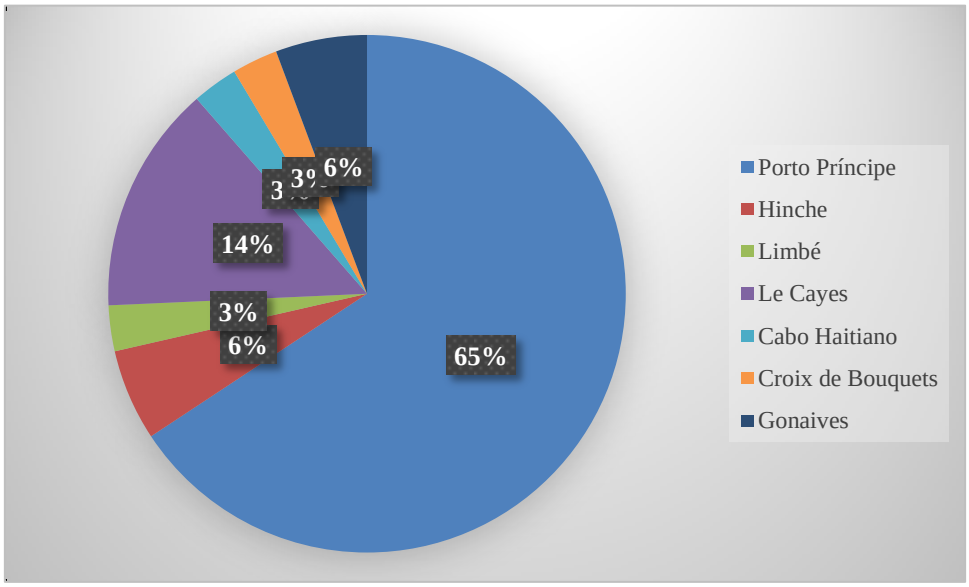


Fonte: Pesquisa Priscilla Pachi (2017-2018)

Todos os haitianos entrevistados apontaram que os motivadores para a emigração foram a situação econômica, social, política, a falta de segurança e consequentemente os altos índices de violência no país. Além disso, não encontravam trabalho e as possibilidades de ascensão ou manutenção da vida eram cada vez mais escassas. O fato do Brasil conceder o visto humanitário também pesou na decisão da maioria, pois se a opção fosse ficar no Brasil, estariam com a documentação em dia. Por outro lado, a concessão do visto e a entrada em território brasileiro também possibilitou a chegada em outros países como a Argentina, Uruguai e Chile. Assim sendo, o Brasil também se tornou um corredor de passagem e trânsito para outros países.

O terremoto que destruiu Porto Príncipe em 2010 foi o impulsionador da decisão para que muitos haitianos viessem para o Brasil, mas não podemos considerar como único fator tendo em vista o que acabamos de mencionar. No entanto, a maioria dos nossos sujeitos de pesquisa, isto é, 65% são provenientes da capital do Haiti, cidade mais afetada pelo terremoto.

Gráfico 9: Cidade de origem dos sujeitos de pesquisa

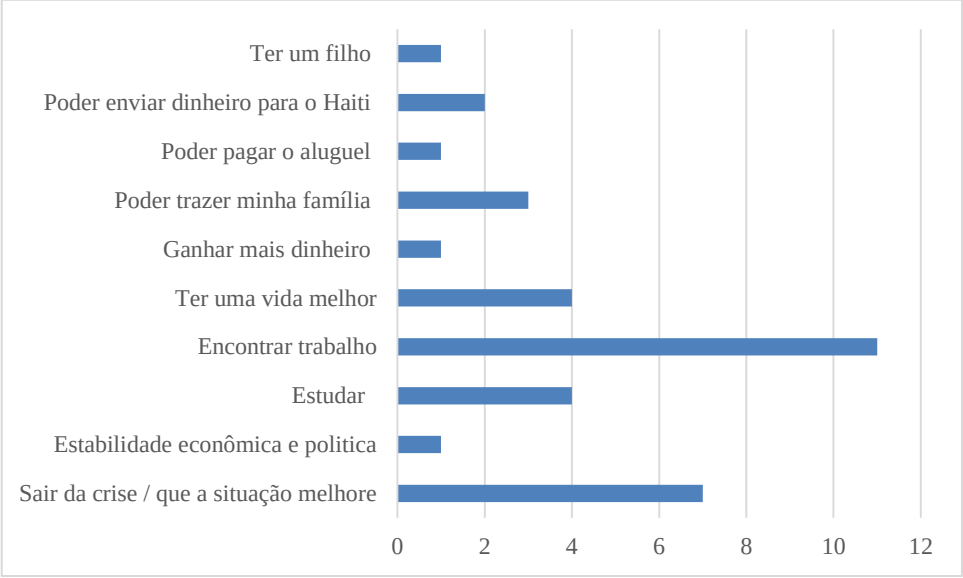


Fonte: Pesquisa Priscilla Pachi (2017-2018)

Tendo em vista as dificuldades enfrentadas no Brasil desde a chegada, perguntamos se tivessem permanecido no Haiti, se a situação deles poderia estar melhor. Dos 35 entrevistados, sete nos disseram que poderia estar melhor porque estariam junto da família e o diploma seria reconhecido. Treze disseram que não estaria melhor porque no Haiti não há trabalho, mesmo quem tem dinheiro não tem serviços de qualidade oferecidos pelo país, há muita corrupção, miséria e muito calor. Cinco não souberam se posicionar e dezessete não responderam.

A maioria dos nossos sujeitos de pesquisa disse não ter a intenção de migrar para outro país e expressaram o desejo de permanecerem no Brasil e construir uma nova vida. As ambições com a permanência no Brasil giram em torno da conquista de um trabalho para que possam atingir uma melhora nas condições de vida e a possibilidade futura de reunião familiar em território brasileiro. Para que isso ocorra, também esperam que a situação do Brasil melhore para que as ofertas de emprego de fato apareçam.

Gráfico 10: Expectativas com relação ao Brasil



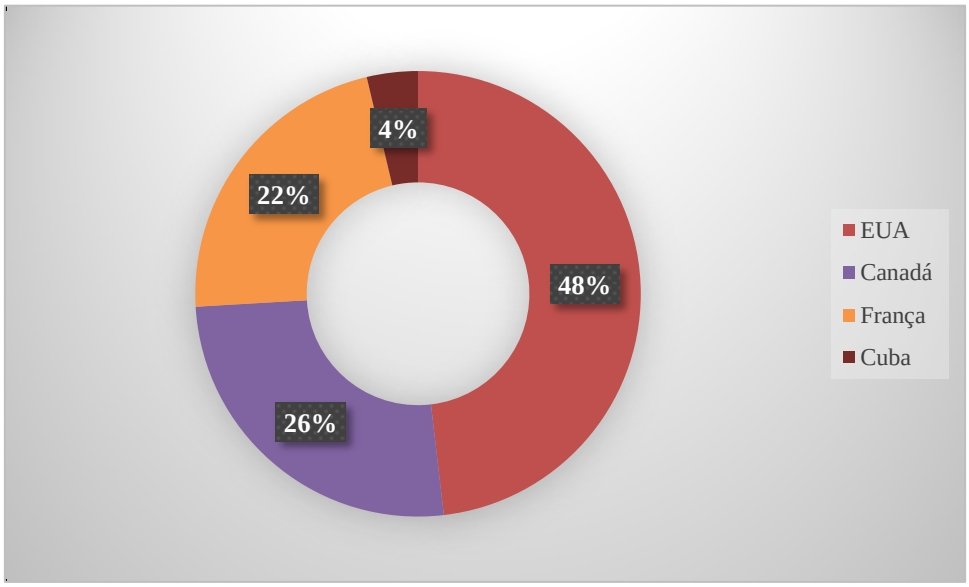
Fonte: Pesquisa Priscilla Pachi (2017-2018)

Cabe ressaltar que, para muitos haitianos, deixar suas casas para migrarem para outro país não quer dizer que estão abandonando seu país e sua família, pelo contrário, trata-se de uma estratégia para melhorar a condição econômica familiar. O fato de muitos dizerem que pretendem se estabelecer no Brasil e constituir família não condiz com o perfil da migração haitiana que, geralmente, é temporária e a mobilidade não é linear, ou seja, com um ponto de origem e outro de destino. A mobilidade inicial pode implicar em outros movimentos migratórios porém, o fato de ser considerada temporária faz com que os haitianos nunca percam seus laços com o Haiti.

Perguntamos se queriam desde o início do projeto migratório vir para o Brasil ou se tinham em mente outro país, quinze nos responderem que almejavam outro país e onze disseram que só pensavam em vir para o Brasil; nove não responderam a questão.

Os Estados Unidos e a ideia que fazem da vida americana ainda é o sonho migratório de 48% dos entrevistados, mas as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes para entrarem nos EUA faz com que busquem alternativas em outros países.

Gráfico 11: Países para os quais almejaram migrar inicialmente



Fonte: Pesquisa Priscilla Pachi (2017-2018)

Dos que almejavam outro país, nos relataram que a mudança no projeto migratório e a decisão de virem para o Brasil se deu pelos seguintes motivos: falta de dinheiro suficiente para tal empreitada, facilidade de obtenção de visto para entrar no Brasil, possibilidade de estudar e conseguir um trabalho, o gasto é menor no projeto migratório brasileiro e as fronteiras nos outros países estão cada vez mais fechadas e com restrições de entrada.

O desejo de migrarem para a França justifica- se pelo fato do Haiti ser uma ex-colônia francesa e o idioma ser o mesmo logo, não encontram barreira com relação à língua falada. Quanto ao Canadá, o fator de atração por este país é devido à sua tradição em receber vários imigrantes do mundo todo e parte do país também ter a língua francesa como língua oficial o que facilita a adaptação dos haitianos.

Com a crise política e econômica no Brasil, vimos vários haitianos que deixaram o país em busca do tão almejado sonho americano e partiram numa longa jornada até a fronteira dos Estados Unidos com o México, mas sem sucesso, muitos já retornaram ao Brasil. O mesmo retorno se aplica aos que tentaram a vida no Chile.

Questionados se tinham conhecidos e amigos brasileiros os quais se relacionavam, 19 disseram que sim e que, na maioria dos casos, as amizades e o contato foram feitos no ambiente de trabalho e 16 disseram que não se relacionam com brasileiros. Podemos dizer que o grau de interação dos haitianos com os brasileiros é baixo e preferem estar entre seus conterrâneos.

É importante considerarmos que ao conhecer e compreender o outro e as novas realidades é inevitável que analisemos também a nossa própria realidade, isto é, no que acreditamos e no que estamos preparados ou não para enfrentar como pesquisadores e seres humanos. A partir desse processo, percebemos que a relação que é estabelecida entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa não é neutra, mas ao contrário é repleta de sentidos.

2.1. Migração e trabalho

Ao longo da história recente do capitalismo temos visto que as migrações apresentam uma dupla característica, a repulsão e a atração de grandes contingentes populacionais por diferentes fatores, porém em sua grande maioria o trabalho adquire relevância como forma de sustento e sobrevivência no local de destino. A exploração da força de trabalho para a extração da mais-valia torna-se a principal fonte de riqueza de quem detém o capital. Podemos dizer, portanto, que fenômenos como migração, trabalho e urbanização crescente se entrelaçam na constituição do próprio capitalismo no qual a atuação laboral dos imigrantes implica diretamente nas dinâmicas urbanas e no processo de produção do espaço urbano das grandes metrópoles do mundo.

Nesse contexto, a força de trabalho desempenha papel primordial. Na perspectiva de Marx, a centralidade do trabalho na sociedade torna-se o elemento de onde se deve partir a análise. Ela é a única propriedade que o proletariado tem como condição para entrar no mercado como vendedor de uma mercadoria. A mobilidade de grupos humanos para atender à necessidade dos arranjos produtivos contribui para uma nova divisão espacial do trabalho.

Santos e Silveira (2012, p. 21-22) nos lembram que “a divisão territorial do trabalho cria uma hierarquia entre lugares e redefine, a cada momento, a capacidade de agir das pessoas, das firmas e das instituições”. Além disso, o território condiciona a localização dos atores, pois as ações que sobre eles se operam dependem da sua própria constituição. Abre-se, desse modo, a possibilidade de discussão da imigração relacionada ao trabalho e às demandas do capital por força de trabalho disponível e barata, associadas aos processos de territorialização.

Pretendemos tratar a imigração haitiana em sua dimensão socioespacial na metrópole de São Paulo por meio de uma das escalas de análise a qual articula os fluxos produtivos da economia e suas implicações na distribuição internacional do trabalho, podemos dizer que é nas atividades laborais que os imigrantes se inserem na sociedade e se apropriam dos espaços urbanos, seja no circuito inferior ou superior da economia, seja no mercado formal ou informal. Eles se inserem, na maioria das vezes, de forma precária na realidade da produção, da troca e do consumo por meio do trabalho que permite revelar como se dá a sua inserção econômica na cidade.

Os trabalhadores socialmente definidos são alienados do conteúdo útil de seu trabalho na condição de indivíduos engajados num processo de exploração, desse modo, ainda segundo Marx (1988):

> Como criadores de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é ... uma condição existencial do homem, independente de todas as formas de sociedade, uma necessidade natural para mediar o metabolismo entre o homem e a natureza, ou seja, a vida humana. (MARX, 1988)

Segundo Antunes (1999) o trabalho permeia a vida em sociedade e "uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho" (ANTUNES, 1999, p. 147).

As migrações representam uma forma de mobilidade, principalmente econômica, onde os trabalhadores deslocam-se no espaço geográfico em busca de trabalho como fator produtivo em favor da reprodução do capital.

Como já mencionado anteriormente, além do Brasil deter a liderança da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), muitas organizações brasileiras e empresas passaram a atuar no país caribenho a partir de 2004, o que teria motivado o aumento do interesse pelo Brasil por parte dos haitianos. Paralelo à atuação brasileira no Haiti, podemos dizer que o discurso do crescimento econômico associado às fartas possibilidades de trabalho, daquela época, e a relativa facilidade para a concessão de visto foram atrativos para a vinda de haitianos ao Brasil após o terremoto que devastou o país em 2010. Some-se a isso as restrições à imigração em outros países da América do Norte e da Europa, como aponta Cotinguiba (2014).

Cabe ressaltar que essa divisão social do trabalho, principalmente no Brasil, é desigual e o trabalhador imigrante fica sujeito, muitas vezes, à superexploração da sua força de trabalho em condições subnormais por conta da sua dificuldade de inserção social e vulnerabilidade financeira o que revela os padrões usados de rentabilidade do capital.

Marx aponta que o preço da força de trabalho de um operário é medido pelo tempo de trabalho necessário à sua reprodução como trabalhador, isto é, o tempo representado pelo valor criado que retorna ao trabalhador sob a forma de meios de vida. Meios estes que revelam a precariedade de reprodução da vida e de sobrevivência na metrópole. O trabalhador produz para si mesmo o seu salário que, supostamente, deveria garantir seus meios de subsistência.

Conforme nos aponta Caio Antunes (2014) "(...) sem trabalho não há humanidade, quanto mais capital. Isso traz à tona o fato de que o capital, para existir, necessita de algo além de si próprio e a si subordinado: para existir, o capital necessita do trabalho, da classe trabalhadora". (ANTUNES, C. 2014, p.131)

Portanto, a produção do espaço que assume o trabalho como elemento central das dinâmicas sociais apresenta a segregação e os conflitos sociais no urbano, onde as desigualdades e a precariedade das condições de trabalho e de vida social são expressas no plano do vivido. É também no plano do vivido que o imigrante deixa sua marca no espaço como produto social, resultado do produto de seu trabalho. Desse modo, as atividades humanas e laborais desenham uma morfologia diferenciada do espaço como produto histórico da reprodução do capital.

No caso do Haiti, sabemos que após uma série de conflitos políticos e sociais e com o país abalado por um terremoto as necessidades mais básicas da população não puderam mais ser atendidas, o que forçou a população a se deslocar internamente e emigrar. Podemos observar preliminarmente que os emigrantes, em sua maioria homens, deixam o país e partem em busca de condições de sobrevivência para si e para os que permaneceram no Haiti, buscam um emprego e quando o encontram, remetem a maior parte de seus salários, que são convertidos em dólares, para as suas famílias. A maioria dos haitianos que vieram para o Brasil e deixaram esposa e filhos no Haiti ou na República Dominicana, geralmente pretendem, após conseguirem um emprego e se estabilizarem economicamente no país, trazer os demais integrantes da família. Para que isso ocorra, um pedido de reunião familiar é feito junto às autoridades brasileiras. No entanto, ao chegarem ao Brasil, integram as dinâmicas territoriais e sociais brasileiras e descobrem que a manutenção da vida e a inserção no mercado de trabalho não condizem com as expectativas que tinham antes da partida e o projeto de reunião familiar torna-se algo praticamente inviável.

Em consonância ao que foi exposto até o momento, em nossa pesquisa a dimensão trabalho para os haitianos que foram entrevistados tem uma importância fundamental para que a vida tome um novo rumo e que as expectativas com relação ao Brasil e à nova vida se

concretizem. Não é nenhum espanto podermos constatar a importância dada ao trabalho por nossos sujeitos de pesquisa. Independente de quais sejam as suas expectativas com relação ao Brasil, somente por meio do trabalho que os imigrantes têm condições de viabilizar outros projetos e enviar remessas financeiras para seu país de origem.

A dificuldade de encontrar emprego frente à crise política e econômica aprofunda o problema da precariedade das condições de vida e de trabalho que se reproduzem no espaço da metrópole. Sobrevivem de "bicos", quando estes surgem, na construção civil e inserem-se nas tramas da distribuição de produtos no mercado informal que, contam com estes trabalhadores em condições de extrema vulnerabilidade. Alguns contam com o apoio de instituições religiosas e de conhecidos da mesma nacionalidade que, comumente, os abrigam e ajudam na busca por trabalho. Atualmente até os "bicos" estão difíceis de conseguir e o imigrante entra numa dinâmica de dívidas com os seus compatriotas, passam fome e se sentem presos à situação porque não possuem dinheiro para voltar ao Haiti ou para migrar para outro país.

Segundo Silva (2011) o trabalho informal dos vendedores ambulantes é um aspecto estrutural e secular da história da cidade de São Paulo. Com a urbanização da cidade na década de 1960, as indústrias não foram capazes de absorver a demanda de trabalhadores por emprego o que gerou o aumento da informalidade.

> Num contexto em que o trabalho assalariado formal nunca chegou a se generalizar, o trabalho informal dos vendedores ambulantes seria o reflexo das chamadas "incompletudes" da modernidade brasileira, seja como, reminiscências do atraso em seu desenvolvimento, como parte das estratégias de sobrevivência de uma massa marginal não absorvível nos processos hegemônicos da economia, ou ainda como a simbiose que marcaria a especificidade da acumulação capitalista na periferia do sistema, na qual o atraso e o moderno, o formal e o informal alimentam-se da existência um do outro. (SILVA, 2011, p.57)

Muitos haitianos buscam na informalidade a forma de sobrevivência na metrópole, vendem mercadorias de terceiros, às vezes, atuam em redes estruturadas de venda de produtos contrabandeados e arriscam-se nas ruas do centro da capital paulista, em Santo Amaro e em outros locais que possam com facilidade se locomoverem e escaparem da fiscalização. Quando apanhados pela fiscalização, perdem suas mercadorias e com isso, não possuem mais o que vender e ainda ficam com a dívida para ser paga ao proprietário das mesmas, buscam a partir daí outras formas de endividamento e de sobrevivência.

Podemos dizer que a informalidade definitivamente se estabelece nos processos econômicos por meio da produção, da circulação de riquezas e na reprodução das

desigualdades no espaço da metrópole. Esse tipo de comércio informal alimenta a cadeia produtiva, distribuindo produtos de baixa qualidade e contrabandeados que, como Tarrius (2002) nos descreve, insere a metrópole paulistana no circuito global por meio da mundialização por baixo (*mondialisation par le bas*).

A informalidade entra no circuito global da reprodução e da circulação de mercadorias e riquezas, assumindo cada vez mais importância com a crise do trabalho formal e da carteira assinada. É uma forma de driblar as dificuldades do mercado de trabalho ou, muitas vezes, é a própria opção de vida e de geração de renda de uma população que não possui mais esperança de encontrar outra forma de trabalho e que, não se vê mais atuando de outra maneira.

É possível afirmar que, o aumento da informalidade está associado à entrada dos recentes fluxos migratórios da última década e às dificuldades encontradas pela população para se inserir no mercado de trabalho devido às mudanças ocorridas nos modos de produção e à extinção de vários postos de trabalho. Esta população variada procura na urgência do dia a dia sobreviver em São Paulo e, com isso, dão novos contornos à cidade que abriga conflitos, costumes, idiomas e culturas diferentes.

Para Antunes (2014) o fenômeno da informalidade no Brasil (e no mundo) acompanha o processo de urbanização, faz avançar suas fronteiras reafirmando os conteúdos de violência e precariedade em seu interior como fundamento do próprio processo de mundialização amplamente em curso. Logo, a informalidade é global e presente em diversas partes do mundo, composta por imigrantes (alocados em países desenvolvidos/centrais e subdesenvolvidos) e por populações que no passado tiveram emprego estável/formal.

A informalidade tem sido uma marca importante na formação brasileira. Além disso, ao contrario do que as perspectivas otimistas puderam projetar, dados recentes sobre a diminuição do trabalho com carteira assinada e o aumento da informalidade põem um fim na expectativa criada entre nós pela tese da inserção social via modernização a qual circulou amplamente durante o sec. XX no Brasil.

Como o trabalho é um fator determinante para a vinda desses imigrantes ao Brasil, admite-se um arcabouço teórico para estabelecer os vínculos entre migração e trabalho.

Imigração e trabalho se tornam aspectos complementares na visão de Sayad (1998). Para este autor, a permanência de um imigrante em determinado local só se justifica enquanto houver trabalho e ele assumir a posição que se espera dele na sociedade que o recebe, ou seja, de um trabalhador necessário e capaz de suprir as demandas existentes no mercado de trabalho.

Harvey (2005) nos mostra como sob o capitalismo se dá a produção do espaço e a mobilidade do capital. Com base na teoria do "ajuste espacial" este autor nos aponta a capacidade do capital de se universalizar quando a sua acumulação chega ao limite da capacidade do território, ou seja, no seu limite de produção, mas também de consumo. Desse modo, Harvey nos sugere como possibilidade aumentar as taxas de acumulação o "ajuste espacial", isto é, "a expansão geográfica para novas regiões, incrementando o comércio exterior, exportando capital e, em geral, expandindo-se rumo à criação do que Marx denominou 'o mercado mundial'" (HARVEY, 2005, p. 48).

Da mesma forma, Harvey (2005) afirma que a expansão do capital para além os territórios com o "ajuste espacial", leva à migração, ou seja, uma grande quantidade de força de trabalho disponível num local pode ser aproveitada em outra localidade se houver deslocamentos de grupos, que por sua vez buscam trabalho e melhores condições de vida, contribuindo assim, para a reprodução do capital.

Segundo Marx (1988), a acumulação capitalista produz uma superpopulação relativa, excessiva e supérflua para as necessidades de valorização do capital. Este excedente populacional relativo pertence ao capital, é considerado como material humano explorável, sempre pronto, para as várias necessidades de valorização do mesmo capital. Esta população excedente na metrópole de São Paulo é composta atualmente por brasileiros desempregados e imigrantes em busca de emprego, ela aparece como um recurso suplementar que tem por objetivo regular os salários dos que estão empregados e aumentar a exploração da força de trabalho. Os salários, desse modo, são também, em parte, regulados pela expansão e pela contração dessa população excedente. É nesse triste cenário que o Brasil está vivendo, temos a cada dia mais desempregados[24], empregados sendo explorados e imigrantes em busca de trabalho. Para Marx (1988), o capital não é produto físico, mas relação social que se baseia na exploração da força de trabalho.

Para Marx as características da mercadoria são: valor de uso, valor de troca e sua presença no mercado. O trabalho destinado para a sua produção é medido pela quantidade de trabalho socialmente necessário à produção da mercadoria considerada. Este trabalho socialmente necessário traduz-se pelo dispêndio da força humana considerada em condições normais de um dado meio social. A mera circulação ou troca de mercadorias não cria valor,

---

[24] O IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – anunciou que até fevereiro de 2019 a taxa de desemprego no Brasil ficou em 12,4%, atingindo 13,1 milhões de pessoas. https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/03/29/internas_economia,1042184/brasil-tem-13-1-milhoes-de-desempregados-ate-fevereiro-revela-ibge.shtml. Acesso em: 28 maio 2019

mas é no mercado que se encontra a única mercadoria dotada desta qualidade geradora de valor, ou seja, a força de trabalho.

Dessa forma, a força de trabalho é definida como a mercadoria que o homem livre possui para produzir coisas úteis além de poder transformar o dinheiro em capital. Como qualquer outra mercadoria, a força de trabalho também tem seu valor medido pelo tempo de trabalho necessário para determinada produção. É preciso destacarmos que, no processo capitalista de produção, o trabalhador livre é fruto do capital sendo sua "liberdade" limitadora ao passo que não tem diante de si outra possibilidade que não seja vender a sua força de trabalho para manter-se vivo.

Gaudemar (1976) cita alguns conceitos referentes ao processo de mobilização do trabalho desenvolvidos por Marx. Considera esta mobilização do trabalho como característica do trabalho liberto para os fins da acumulação no modo de produção capitalista. No entanto, não se trata de liberdade do trabalhador. A migração surge como alternativa de sobrevivência para os indivíduos ao mesmo tempo em que regula os processos de acumulação.

A mobilização da força de trabalho é uma determinação que pesa sobre o trabalhador submetido ao capital e por esta razão é uma característica do modo de produção capitalista. Ela está ligada à figuração da força de trabalho como mercadoria, distinguindo assim definitivamente o trabalhador livre do escravo cuja capacidade de trabalho é estável e só se emprega de maneira tradicional e local, de uma vez por todas. (GAUDEMAR, 1976)

Desse modo, diferentemente de um modo de produção escravagista, no capitalismo, o trabalhador é mobilizado sem os entraves da propriedade que pesam sobre o escravo. No entanto, o mesmo trabalhador "livre" não é livre porque desfruta de liberdade, mas porque está livre para a exploração por meio do processo de acumulação, submetendo-se às exigências do capital e à sua dependência como recurso de sobrevivência.

No capitalismo além da mobilidade da mercadoria força de trabalho, outra característica que encontramos é o pagamento do salário ao trabalhador pelo trabalho realizado por ele. O salário tem o papel de garantir a compra de outras mercadorias para a devida manutenção da vida e, em contrapartida, garante a realização de mais valia para o capitalista.

O trabalhador, no caso especifico dos imigrantes, devem ter a capacidade de se moverem, ou seja, de ir para onde há emprego/trabalho. Assim sendo, o capital dispõe dessa atração pela mobilidade para atrair força de trabalho para onde ele possa se reproduzir. Com a situação de crise vivenciada no Brasil, independente da formação e do capital intelectual do imigrante, este está disposto a aceitar qualquer tipo de emprego desde que, o salário recebido em troca seja capaz de mantê-lo vivo e em condições de buscar novas oportunidades.

> Santos (2006) sobre o fenômeno migratório no Brasil, quando o autor, com base em um amplo conjunto de dados censitários, afirma o seguinte: [...] tanto a migração interna quanto a externa não decorrem de uma simples vontade de mudança de espaço, ainda que essa possa ocorrer [...] a determinante maior dos fluxos migratórios [no Brasil] têm estado atrelada à dinâmica do mercado de trabalho, e mais diretamente às estratégias de sobrevivência individual e coletiva (p. 24). (SANTOS, 2006 apud PERPETUA, 2013).

A mobilidade da força de trabalho surge então, como uma condição frequente do capitalismo e de seu desenvolvimento. Logo, as dificuldades para a manutenção da vida, ou até mesmo a miséria em que vivem, permitem à força de trabalho e ao imigrante adaptar-se às variações das demandas de trabalho que possam ser ofertadas em diferentes locais, aos vários tipos de jornadas referentes aos postos que surgem. Consequentemente, podemos dizer que, vivenciamos uma divisão internacional do trabalho cada vez maior que atravessa fronteiras e precariza as formas de trabalho.

A teoria materialista de Marx trata as relações humanas do ponto de vista da produção e reprodução da vida, ou seja, a partir do trabalho e também da natureza. Para Marx o capitalismo não é sinônimo de emancipação dos homens pelo trabalho livre, mas de uma nova forma de dominação.

Antunes (2014) nos diz que não podemos conceber o sujeito humano (migrante ou não) sem as teias das relações sociais nas quais ele está inserido. O homem social é um trabalhador coletivo e criação do capital. Logo, a manipulação do capital permeia não apenas a instancia da produção, mas também a do consumo e do tempo livre de operários e empregados.

Como também nos aponta Sayad[25] no volume especial da revista Travessia de janeiro de 2000:

> A busca do trabalho – no sentido conhecido em nossa economia, no sentido entendido pela teoria econômica, que é a teoria da economia moderna – tem se ampliado na medida mesma da expansão da economia da qual ela é o vetor, a economia capitalista, a única, aliás existente de vocação mundial, impondo-se em todos os lugares por si mesma, e pelo simples fato de se propor. (SAYAD, 2000, p. 8 – 9)

Todo trabalho em condições sociais determinadas engendra um valor como fundamento da sociedade capitalista. No que tange a imigração haitiana, o trabalho está no centro das questões que envolvem esta mobilidade, seja ela para o Brasil ou para qualquer outro país. O trabalho e as relações do trabalho são as causas dessa migração, sendo também uma

---

[25] Ressalto que neste trabalho não aparecerão tensionamentos entre as obras e pensamentos de Gaudemar e Sayad. Os dois autores são citados com o objetivo de esclarecerem o fenômeno migratório no que tange à força de trabalho migrante.

característica da sociedade moderna. A mobilidade implica não somente as idas e vindas, mas também a esfera da circulação de pessoas, mercadorias e títulos. Logo, a imigração haitiana não se configura somente devido às crises e problemas enfrentados pelo Haiti, mas porque seus nacionais precisam vender a sua força de trabalho.

Desde o início, a imigração haitiana no Brasil foi entendida como força de trabalho, como afirma Geraldo Cotinguiba, em seu trabalho sobre a imigração haitiana em Porto Velho. "Era o encontro da necessidade do capital e de um grupo migrante em busca de trabalho com a expectativa de dias melhores". (COTINGUIBA, 2014 apud NOGUEIRA, 2017)

Para Sayad:

> O trabalho é a razão de ser do imigrante, ele dá conta de sua presença que, na falta deste motivo, estaria confinada ao absurdo aos olhos da razão do Estado Nacional. O trabalho contém em si, a partir de nossa representação atual do mundo, toda inteligência do fenômeno migratório, da emigração e da imigração que, sem ele, seriam incompreensíveis e intoleráveis sob todos os pontos de vista, intelectual, ética, econômica, cultural e, não apenas, politicamente. (SAYAD, 2000, p.21)

A inserção laboral da população imigrante acompanha as transformações da produção do capital global e no cenário atual brasileiro, a imigração haitiana cresce a partir de 2011. Conforme a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) de 2016, os haitianos são o maior grupo de imigrantes no mercado de trabalho formal brasileiro. "Dos mais de 115.961 trabalhadores estrangeiros contratados formalmente no Brasil em 2016, eram 26.127 do Haiti, representando 22,53%".26

Podemos afirmar que trabalho e imigração estão intimamente ligados, sendo que o imigrante só tem condições de permanência em outro país se tiver trabalho e condições mínimas de sobrevivência. Conforme nos ensina Sayad (1998) a falta de trabalho faz o imigrante também desaparecer. Desse modo, o imigrante vai onde há trabalho e, no caso dos haitianos, circulam pelo território brasileiro em busca do mesmo. Na sua grande maioria permanecem em São Paulo e na região Sudeste ou deslocam-se rumo ao sul do Brasil, região onde encontram trabalho, mesmo que precário, com maior facilidade. Além do trabalho formal e precário há também, como abordamos neste capítulo, uma afinidade que deve ser considerada entre o trabalho informal nas metrópoles brasileiras e a imigração que fazem parte do processo contemporâneo de reprodução do capital por meio da mobilidade do trabalho.

---

[26] https://www.poder360.com.br/economia/haitianos-sao-maior-grupo-de-imigrantes-no-mercado-de-trabalho-brasileiro/. Acesso em: 15 fev.2018

2.2. Precarização do trabalho e da mão de obra imigrante em São Paulo

Vivemos a época do neoliberalismo em resposta à crise do capital iniciada nos anos 1980 e, com isso, presenciamos mudanças nas formas de produção a partir das quais a acumulação flexível traz consequências desastrosas e globais nas relações de trabalho. Dentre essas consequências, podemos apontar a diminuição das ofertas de empregos formais, o aumento da terceirização e o crescente desemprego.

Com base nas mudanças ocorridas a partir da década de 1980, Sassen (2016) faz um comparativo com a recente crise que iniciou em 2008 nos países do hemisfério Norte, dizendo:

> Uma diferença importante entre a crise atual e outras crises pós-1980 é a ordem de magnitude que os instrumentos especulativos possibilitaram. Uma segunda diferença importante envolve o cenário econômico mais amplo: nós agora reconhecemos claramente que precisamos agir rápido para limitar excessos financeiros porque os tratados internacionais e as leis nacionais existentes não são suficientes. Uma terceira diferença é o maior reconhecimento de que os crescentes extremos de riqueza e pobreza se tornaram problemáticos. Agora sabemos que os lucros garantidos pelos segmentos mais ricos da sociedade não "pingam" para os estratos de baixo. E sabemos que a epidemia resultante da pobreza de serviços de saúde inadequados com o tempo vai chegar até os ricos. (SASSEN, 2016, p. 174)

Antunes (2014) nos alerta que estamos presenciando o aumento das formas de trabalho desregulamentadas onde há o descarte do trabalho formal, das pessoas e dos direitos sociais. Cresce o desemprego, o excedente populacional relativo, os trabalhos precários e mal pagos e a informalidade.

O Brasil está inserido numa economia globalizada onde as regras são ditadas pelo capital financeiro e a acumulação do capital ocorre às custas do trabalho. O sistema capitalista associa uma estratégia de individualização e uma fragilização desse mesmo trabalhador por políticas de precarização do emprego e de controle da atividade produtiva.

Nas grandes metrópoles, como é o caso de São Paulo, encontramos trabalho e empregos precários baseados em força de trabalho de imigrantes clandestinos ou não e de brasileiros sem qualificação que contribuem para o circuito produtivo em escala global por meio do trabalho em setores de baixa composição orgânica que convivem com setores altamente especializados e capitalizados.

Para Silva (2011) "a própria mobilidade dos imigrantes se transforma em um nicho de exploração econômica, pautada em mercados ilícitos para a facilitação da migração irregular".

O trabalho migrante no atual contexto globalizado assume importância política e econômica sendo que os movimentos migratórios estão intimamente conectados com a

dinâmica da produção capitalista para a qual os imigrantes são peça fundamental para o bom funcionamento da engrenagem global e da acumulação de capitais.

Para Antunes (2009) o trabalho é, em si e por si, uma atividade vital, consequentemente necessário para continuidade da vida e do ser social. Com base em nosso estudo, procuramos encontrar formas de entender como os imigrantes haitianos que decidiram permanecer no Brasil e os que estão chegando encontram meios de trabalho e de sobrevivência na metrópole de São Paulo.

Com base em nossa pesquisa de campo, na análise de dados fornecidos pela Missão Paz e nos vários estudos que tivemos contato, foi possível verificar um movimento de superexploração, precarização e flexibilização da força de trabalho imigrante. Mostraremos a seguir com maiores detalhes em quais setores os imigrantes haitianos estão atuando e a média salarial recebida por eles em São Paulo.

Por meio do Eixo Trabalho, setor de mediação do trabalho da Missão Paz, as empresas que se interessam em contratar imigrantes são preparadas por meio de palestra/treinamento para que a contratação estabeleça critérios legais e dignos para os imigrantes. Durante o treinamento os empregadores são instruídos sobre a questão cultural e a necessidade de adequarem o ambiente de trabalho para receberem os imigrantes e prepararem os brasileiros para o convívio das diferenças culturais. Os empregos oferecidos, em sua maioria, são para postos de trabalho com baixa remuneração e que não exigem qualificação. No entanto, muitas empresas de má fé entram em contato com o serviço oferecido pela entidade com o intuito de se beneficiarem de uma força de trabalho barata e oferecerem trabalhos análogos à escravidão, mas desistem de participarem até o fim do treinamento em função do acompanhamento legal e administrativo feito pela instituição.

Alguns imigrantes, na ânsia por conseguirem trabalho e pela necessidade de sobrevivência, chegaram a aceitar ofertas que eram feitas na rua e muitos embarcaram em condições degradantes, trabalharam por meses sem nada receber e voltaram para a Missão Paz em busca, novamente, de emprego. Os imigrantes também passam por um treinamento intercultural, pré-requisito para participarem das entrevistas de emprego, e são orientados a não aceitarem propostas feitas por desconhecidos e sem contrato de trabalho para que evitem futuros problemas.

> Em 2013, em apenas duas operações do Ministério do Trabalho, foram resgatados 121 imigrantes haitianos em condições de trabalho análogas à escravidão. A vulnerabilidade causada pelas circunstâncias da imigração torna os haitianos “campo fértil” para a exploração desmedida de sua mão de obra. O desconhecimento das leis trabalhistas brasileiras, as dificuldades com a língua, a falta de amparo legal e o medo, colaboram

> para a permanência em situação degradante de trabalho. (NOGUEIRA, 2017 p.135)
>
> Segundo pesquisa realizada pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) em parceria com a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e o Ministério do Trabalho através do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), no período de 2011 a 2014, foram registrados 50.122 imigrantes haitianos com vínculo formal de trabalho no Brasil, colocando os haitianos na primeira posição entre os imigrantes inseridos no mercado de trabalho brasileiro (TONHATI, CAVALCANTI et al, 2015). Mas isso nem sempre significava bons empregos e respeito às leis trabalhistas. A mão de obra haitiana, considerada barata e qualificada (MAMED; LIMA, 2016), despertou interesse do empresariado brasileiro, principalmente em funções pouco atrativas aos trabalhadores informais. (NOGUEIRA, 2017, p.133)

A partir de 2010 o Brasil começa a registrar um fluxo, ainda tímido, de haitianos que chegam e se deslocam pelo país em busca de emprego e oportunidade de trabalho. Muitos desenham novas rotas migratórias a partir do Brasil que se torna uma ponte de acesso a novos itinerários com o intuito de chegarem a um destino "final" promissor no hemisfério Norte como os Estados Unidos, Canadá e França. A maioria chega com a decisão de se estabelecer em território brasileiro.

É preciso ressaltarmos que o Brasil não estava preparado para acolher tantos haitianos como os que chegaram a partir de 2011. Não havia abrigos e infraestrutura suficientes para receber o contingente de imigrantes que entrava no país pela região Norte do Brasil. Para Mamed (2015) havia o interesse do governo brasileiro por esta imigração, pois a força de trabalho haitiana é reconhecida como barata e "qualificada", em razão da tradição têxtil no país (MAMED, 2015).

Assim sendo, empresários e o governo brasileiro tiveram grande interesse na contratação desses imigrantes para atuarem como mão de obra "barata e qualificada" num momento em que o Brasil aparecia no cenário mundial com uma economia crescente e se preparava para grandes eventos. Logo, "a atividade econômica que mais empregou haitianos entre os anos de 2011 e 2014 foi a construção de edifícios, seguida por Abate de Aves e em terceiro lugar Frigorífico – Abate de Suínos". (CAVALCANTI; TONHATI, 2016, p.144)

Sayad no livro "A imigração ou os paradoxos da alteridade" analisa os imigrantes argelinos na França e descreve que o imigrante busca a conquista de seus anseios primordiais, sobretudo uma vida digna e trabalho. Chegam à França cheios de sonhos e com o desejo de concretizá-los, mas se deparam com uma realidade dura a qual não haviam imaginado, carregada de discriminação e sofrimento. Essa realidade dos argelinos não difere da realidade de inúmeros imigrantes provenientes de países periféricos que chegam em São Paulo com a

bagagem cheia de sonhos, com a ideia de que a miséria foi deixada para trás, mas a crueldade da vida na metrópole esvazia as esperanças e dá lugar também à discriminação e ao sofrimento, revelando que o mundo real é bem diferente do imaginado por eles.

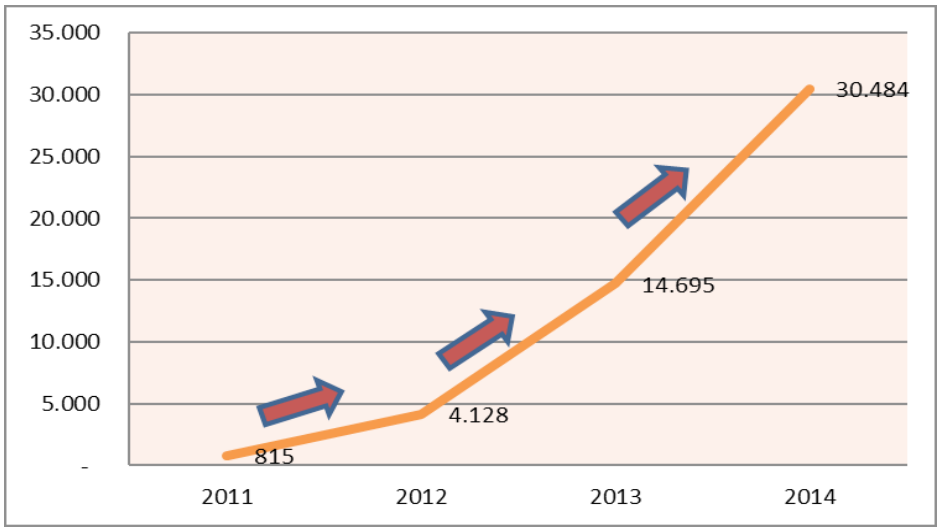
Para Sayad, o imigrante é uma “força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”, cuja condição é revogável a qualquer tempo (SAYAD, 1998, p. 54-55). Assim sendo, o trabalho é a condição de permanência de um imigrante em determinado país e sem trabalho, não há imigrante. Sayad também nos chama a atenção de que não se trata de qualquer trabalho, mas daquele em cujo mercado há lugar para o imigrante. Partindo das concepções de Sayad e tendo São Paulo como metrópole que absorve vários imigrantes, podemos afirmar que os imigrantes são fundamentais para a economia não somente de um país, mas da engrenagem capitalista global conferindo assim, a manutenção de serviços precários nos países em desenvolvimento e a exploração de grandes empresas transnacionais que necessitam de força de trabalho “barata” para a produção de seus produtos e a garantia de mais valia, por meio da mobilização do trabalho também mobilizam seus corpos e seu tempo de trabalho em subordinação ao capital.

Apesar do Eixo Trabalho da Missão Paz atuar desde 2012, os dados referentes ao atendimento que fizeram e fazem foram sistematizados somente em 2015, assim sendo, tivemos acesso a esses dados de atendimento e contratação de imigrantes a partir desta data, o que coincide com o nosso recorte temporal de análise dessa imigração pós crise política e econômica de 2014.

Com base na análise dos dados, podemos dizer que as crises tiveram um impacto enorme na oferta de emprego pelas empresas que contratam por meio da Missão Paz. Os gráficos a seguir demonstram a queda no número de contratações de imigrantes de todas as nacionalidades que são atendidos pela instituição e o mesmo se repete para os haitianos. Cabe ressaltar que os dados referentes ao ano de 2018 consideram somente os meses de janeiro a agosto.

A título de comparação e para que possamos ter uma análise dos gráficos da Missão Paz com o período antes das crises, utilizamos também o gráfico da Pesquisa OBMigra 2016 que aponta um crescimento de contratações de imigrantes haitianos de 2011 a 2014.

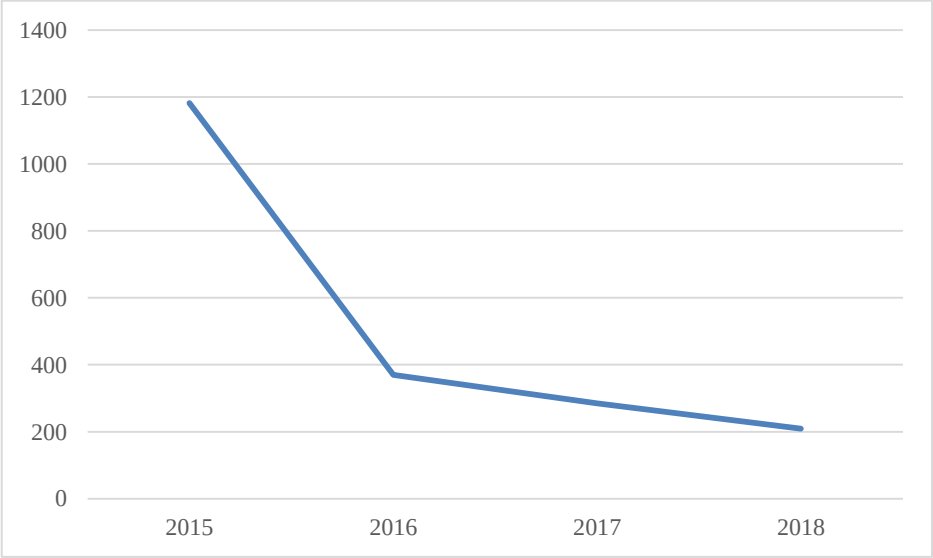
Gráfico 12: Total de imigrantes haitianos no Brasil com vínculo no mercado formal de trabalho, Brasil, 2011-14



Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) /Ministério do Trabalho e Previdência Social,
2015. (apud TONHATI et al.,2016, p. 39)

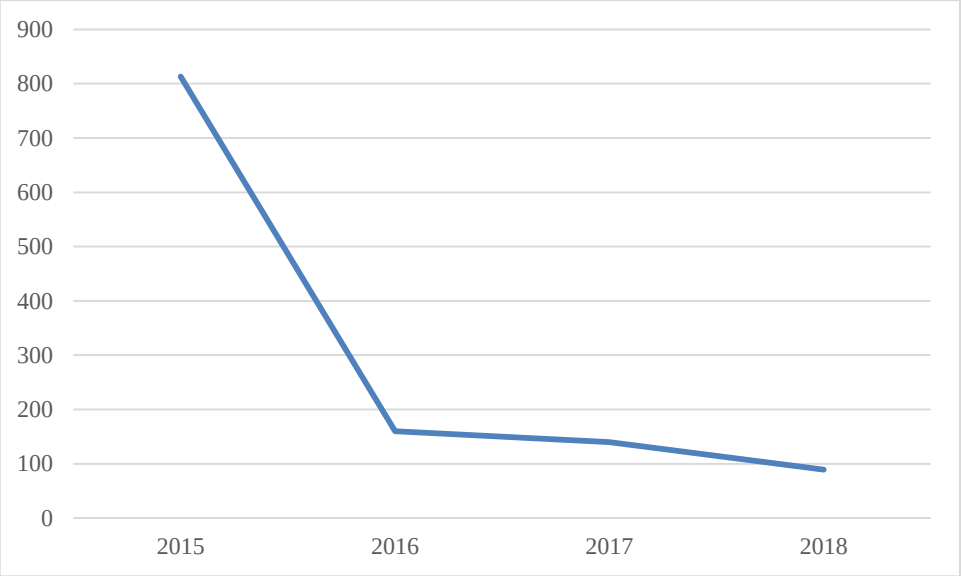
Nos gráficos seguintes é possível observar o impacto das crises e a curva decrescente das contratações.

Gráfico 13: Contratações de imigrantes por meio da Missão Paz



Fonte: Dados obtidos do Eixo Trabalho da MP – Gráfico Priscilla Pachi (2019)

Gráfico 14: Imigrantes haitianos contratados por meio da Missão Paz



Fonte: Dados obtidos do Eixo Trabalho da MP – Gráfico Priscilla Pachi (2019)

A busca por melhores condições de vida está intrinsicamente ligada à conquista de um trabalho que, supostamente, conduz à dignidade. O trabalho é a única ferramenta de sobrevivência que o imigrante haitiano tem para se manter vivo e garantir o mínimo de suas necessidades básicas, porém encontram cada vez mais situações instáveis, precárias e com a falta de trabalho, muitos buscam como alternativa a informalidade, mas infelizmente, alguns acabam se envolvendo em atividades ilícitas por falta de alternativa.

Além da diminuição da oferta de empregos e a inserção no mercado informal desses imigrantes, muitos haitianos decidiram migrar para o Chile e para os Estados Unidos, mas na impossibilidade de alguns para migrarem novamente, buscam bicos e a suposta "ajuda" financeira de seus conterrâneos ou das instituições religiosas.

Em nota à segunda edição do livro "Os sentidos do trabalho", Antunes descreve: "A constatação de "Os sentidos do trabalho" é clara: se, por um lado, necessitamos do trabalho humano e de seu potencial emancipador, devemos também recusar o trabalho que explora, aliena e infelicita o ser social. "(ANTUNES, 2009, p. 12)

Mediante o parágrafo acima, nos questionamos: qual a opção que o imigrante tem além de se submeter à condições degradantes quando o assunto é fome e sobrevivência?

A verdade é que, na maioria dos casos, não há saída. Os salários são baixos, o local de trabalho e suas condições são precárias e consequentemente a precariedade se estende às situações de habitação e dos parcos consumos para a sobrevivência. Acrescentamos ainda que,

empregados e mal remunerados ainda precisam se planejar para enviarem remessas financeiras para a família que permaneceu no Haiti.

> Quanto mais aumentam a competição e a concorrência intercapitais, mais nefastas são suas consequências, das quais duas são particularmente graves: a destruição e/ou precarização, sem paralelos em toda a era moderna, da força humana que trabalha e a degradação crescente do meio ambiente, na relação metabólica entre homem, tecnologia e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias e para o processo de valorização do capital. (ANTUNES, 2009, p. 36)

Sassen (2016) cita que podemos dizer que todo o processo de precarização do trabalho que vivemos atualmente teve seu início a partir dos anos 1970 onde o capitalismo anuncia a crise que eclodiria anos mais tarde trazendo mudanças na economia e nos modelos de produtividade no mundo.

Antunes (2009) na mesma direção de Sassen (2016) relaciona a queda da taxa de lucro, o esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista de produção (modelo que vigorou na indústria em todo o século XX e que se baseava na produção em massa de mercadorias).

A retração do consumo em resposta ao desemprego estrutural que se iniciava. A maior concentração de capitais graças à fusão entre as empresas monopolistas e oligopolistas, as privatizações e as tendências generalizadas às desregulamentações e à flexibilização do processo produtivo. Foram todos sinais de que o pior estava por vir, ocorrendo o grande deslocamento do capital para as finanças como consequência da incapacidade da economia real, especialmente das indústrias de transformação, de proporcionar uma taxa de lucro adequada. (ANTUNES, 2009, p. 31-32)

Em consequência à crise, Antunes (2009) nos relata que se inicia:

> (...) a reorganização do capital e de seu sistema ideológico e político de dominação, cujos contornos mais evidentes foram o advento do neoliberalismo, com a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal, a isso se seguiu também um intenso processo de reestruturação da produção e do trabalho. (ANTUNES, 2009, p. 33)

A partir desse momento da história recente do capitalismo, o trabalho humano passa a se deparar com grandes contingentes de trabalhadores em condições precárias, aumento do desemprego e consequentemente da população excedente.

As mudanças no modelo de produção deram lugar ao padrão de acumulação flexível que se baseia num outro modelo organizacional que conta com os avanços da tecnologia e a utilização de computadores no processo produtivo e de serviços. Surge o trabalho terceirizado, polivalente, novas técnicas de gestão, a necessidade de qualificação por parte dos

trabalhadores e todas essas mudanças tinham como objetivo a redução do tempo de trabalho e com isso, a intensificação das condições de exploração da mesma, redução dos direitos trabalhistas e enfraquecimento dos sindicatos.

Com todas essas mudanças no mundo do trabalho, os imigrantes são incorporados na divisão internacional e territorial do trabalho por meio da sua inserção em trabalhos desqualificados, terceirizados com horas e turnos exaustivos e, muitas vezes em atividades ilegais.

Para melhor ilustrar o parágrafo acima, preparamos a tabela abaixo com os postos de trabalho os quais os imigrantes haitianos mais foram contratados nos últimos quatro anos por intermediação da Missão Paz. É possível observar que todos os cargos não exigem qualificação ou algum tipo de especialização.

Tabela 1: Postos de trabalho que mais contrataram haitianos

ATUAÇÃO	2015	2016	2017	2018	total
Ajudante	66	60	38	19	183
Auxiliares de serv./ind./geral	371	39	37	18	465
Camareiro	12	0	7	0	19
Caseiro	14	9	10	4	37
Diarista/Doméstica	38	7	5	9	59
Limpeza	11	3	1	3	18
Pedreiro	38	8	13	0	59
Trabalhador Rural	21	9	0	9	39
Montador de equipamento	14	0	0	2	16
total	585	135	111	64	895

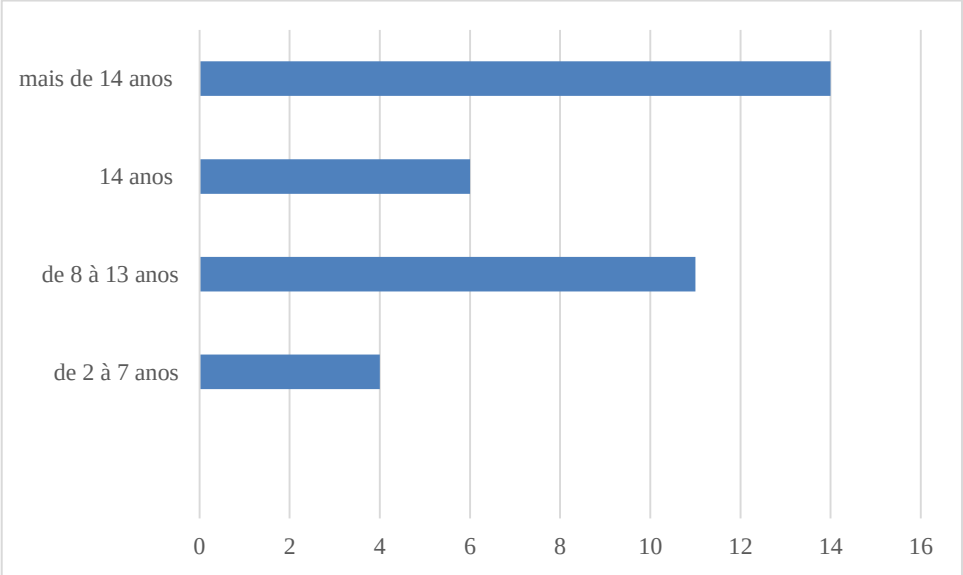
Dados obtidos do Eixo Trabalho da Missão Paz – Tabela: Priscilla Pachi (2019)

Os postos de trabalho acima nos chamam atenção se compararmos com os dados obtidos em nossa pesquisa de campo que apontou que vários de nossos sujeitos de pesquisa possuíam um nível elevado de estudo e possuíam atividades diferenciadas no Haiti, acreditamos que este cenário também se repita ou apareça com frequência para este público que foi atendido pela Missão Paz desde 2015. No entanto, a instituição não analisou este dado.

Para embasarmos a nossa análise, questionamos também quanto tempo estudaram em seu país de origem. Tendo como base que a chamada escola clássica no Haiti, o que corresponde ao fim do nosso ensino médio, é composto por catorze anos de ensino, vários foram os entrevistados que completaram ou chegaram perto de completar o “ensino médio” haitiano. Muitos também declararam ter o ensino superior completo. Podemos afirmar que os nossos sujeitos de pesquisa, em sua maioria, tem mais de oito anos de escolaridade. O intuito

dessa pergunta foi o de estabelecer uma relação entre a escolaridade e os trabalhos que estão exercendo no mercado brasileiro.

Gráfico 15: Tempo de escolaridade

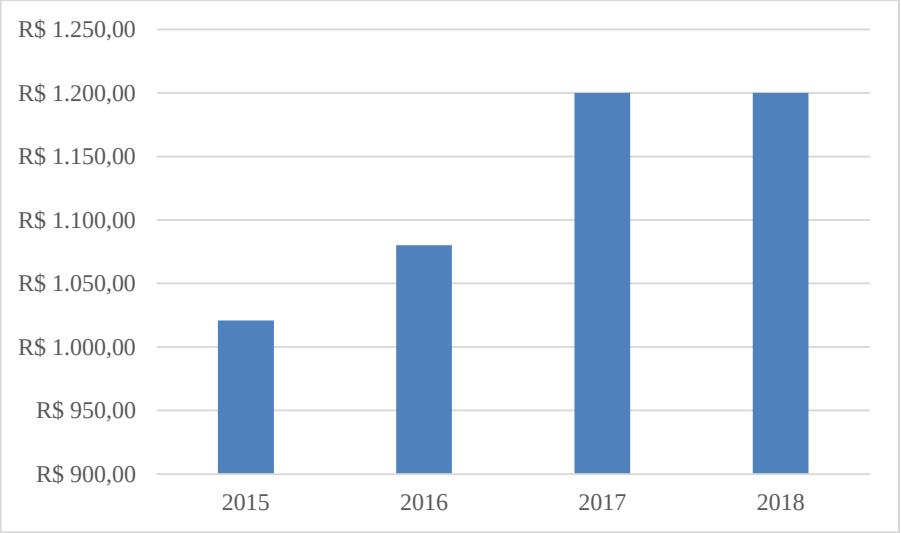


Dados obtidos em nossa pesquisa. Fonte: Priscilla Pachi (2019)

Com relação ao ensino superior, cabe mencionar a dificuldade dos imigrantes em obterem o reconhecimento de seus diplomas no Brasil. Apesar de alguns terem o ensino superior completo, o reconhecimento e a equivalência do diploma juntamente com as exigências da profissão e a necessidade de falarem o português faz com que, muitas vezes, o imigrante se destine à postos de trabalho aquém das suas qualificações e acabem se submetendo, por necessidade, à posições inferiores no mercado de trabalho.

Ressaltamos que além da qualificação os haitianos que foram escolarizados falam o idioma francês e muitos, por terem passado pela República Dominicana também possuem fluência na língua espanhola, mas esses diferenciais não são considerados no momento da contratação e na oferta do salário.

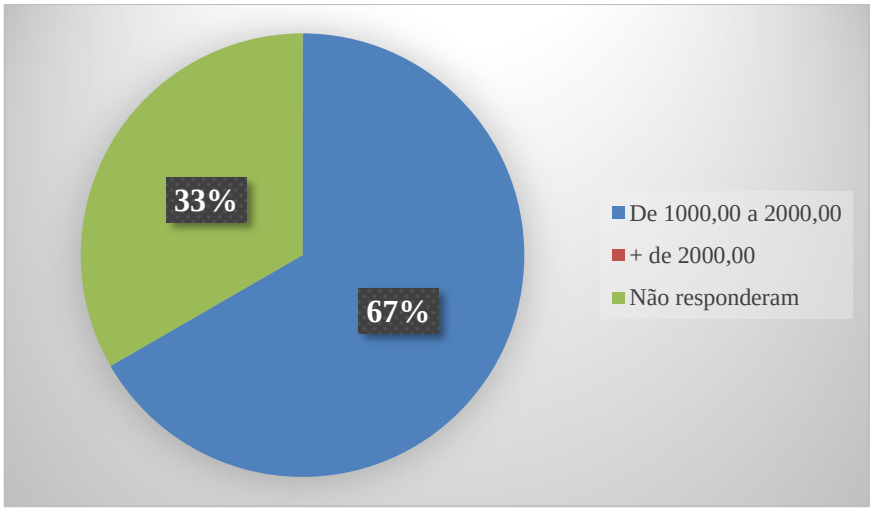
Gráfico 16: Salário médio dos imigrantes haitianos



Dados obtidos da Missão Paz – Gráfico: Priscilla Pachi (2019)

Para que possamos cruzar os dados da MP com os dados que obtivemos em nossas entrevistas com os haitianos que declararam já terem trabalhado com carteira assinada no Brasil, podemos dizer que 67% dos nossos sujeitos de pesquisa recebiam uma média salarial entre R$1.000,00 e R$2.000,00 o que coincide com os dados da média salarial apontado pelo Eixo Trabalho da Missão Paz.

Gráfico 17: Salário recebido pelos haitianos conforme nossa pesquisa



Dados obtidos em nossa pesquisa– Fonte: Priscilla Pachi (2019)

Cabe ressaltarmos que todos os nossos sujeitos de pesquisa que foram entrevistados, apesar de alguns já terem exercido trabalho formal com carteira assinada, no momento da entrevista estavam desempregados ou exercendo alguma atividade informal.

Os haitianos são unânimes em afirmar, principalmente no projeto de escuta, que o motivo de terem migrado foi a busca por trabalho e melhores condições de vida. No entanto, todos nos revelaram o descontentamento com o salário recebido por eles assim como, pelo trabalho que exercem no Brasil. Alguns que possuem conhecidos ou parentes que migraram para os EUA nos relatam que é vergonhoso o que recebem, quando estão empregados, em comparação ao que os imigrantes que estão nos EUA estão recebendo. Ficam revoltados com a situação precária que vivem no Brasil e na impossibilidade de ganharem mais e, com a crise, de arranjarem emprego. Os salários ou rendimentos do trabalho informal não possibilitam satisfazer, em muitos casos, as suas necessidades básicas e enviarem dinheiro para suas famílias, ou ainda, lançarem-se num novo destino migratório.

Podemos constatar, com base nas profissões que mais contratam os imigrantes haitianos em São Paulo em comparação com a ocupação que homens e mulheres haitianas tinham no Haiti que, no Brasil esses imigrantes são contratados para postos de trabalho inferiores à sua capacidade e formação de modo que a qualificação e competência que possuem não são levadas em consideração para as atividades que foram designados a exercerem. Ocupam cargos que, em sua maioria, são braçais e que não exigem nenhum conhecimento específico. Quando atentamos que a maioria foi contratada nas funções generalistas de ajudantes e auxiliares (serviço, indústria e geral) nos remete à conclusão de que para o empregador essa força de trabalho pode e deve ser usada a qualquer hora para qualquer atividade que julgue necessária, abrindo assim, a possibilidade de maior exploração dessas pessoas. Algumas atividades exercidas pelos imigrantes são consideradas insalubres, isto é, ficam expostos a agentes nocivos à saúde, em horários noturnos, em locais de difícil acesso e que raramente eram, antes da crise, exercidas por brasileiros.

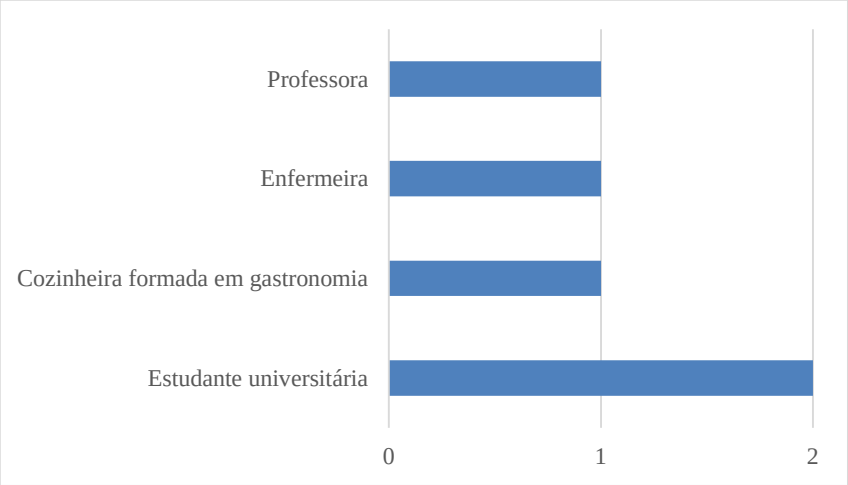
É possível concluirmos que, apesar da qualificação, os haitianos qualificados ou não, recebem salários muito parecidos o que gera maior insatisfação e revela certo “rebaixamento social” com relação à vida que levavam no Haiti. Exercem atividades que não são compatíveis à capacidade que possuem.

Para que possamos demonstrar a referência que fizemos quanto ao “rebaixamento social”, perguntamos aos nossos entrevistados quais profissões possuíam no Haiti e podemos verificar que atuavam em funções condizentes à qualificação e ao tempo de estudo que tinham. O objetivo desta pergunta foi o de estabelecer um paralelo entre as atividades exercidas no país de origem e os cargos que os haitianos atendidos pela Missão Paz estavam e estão se inserindo e exercendo em São Paulo. Com isso, podemos identificar ou não o rebaixamento

das funções, da situação social no Brasil em comparação com o Haiti e se, de fato, estão ocupando cargos precários na dinâmica do mercado de trabalho brasileiro.

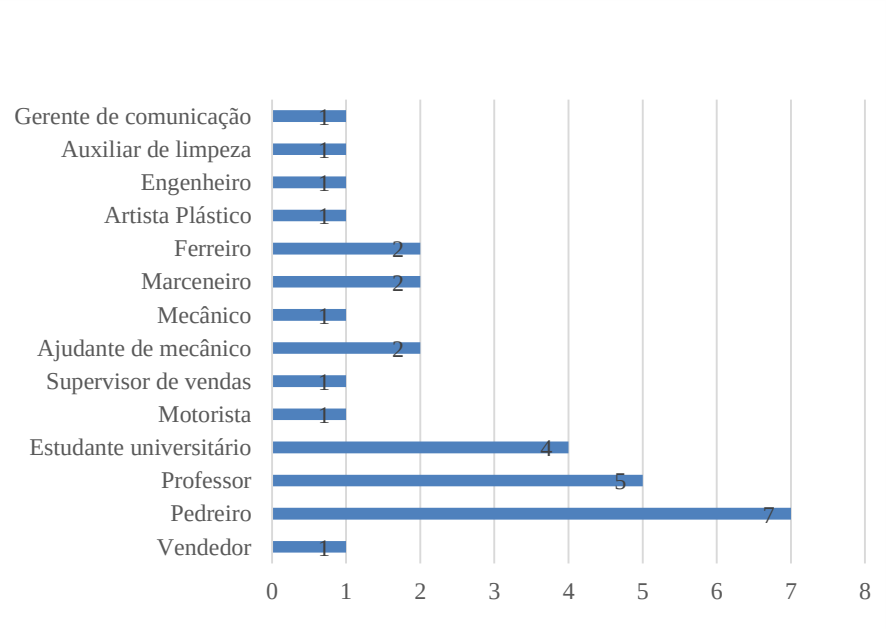
Não temos o objetivo de fazer um estudo sobre gênero, mas como obtivemos alguns dados que nos chamam a atenção com as entrevistas optamos por trazê-los de forma a contribuir para a análise do perfil dos haitianos (as) que gentilmente participaram da nossa pesquisa.

Gráfico 18: Ocupação das mulheres no Haiti



Dados obtidos em nossa pesquisa. Fonte: Priscilla Pachi (2019)

Gráfico 19: Ocupação dos homens no Haiti



Dados obtidos em nossa pesquisa. Fonte: Priscilla Pachi (2019)

Apesar de constatarmos, principalmente na ocupação entre os homens, profissões que não demandam curso superior, podemos dizer que a posição social que muitos ocupavam no Haiti tendo como base a ocupação no mercado de trabalho, era superior à qual estão atuando no Brasil, o que comprova certo “rebaixamento social” que estão tendo em São Paulo.

Tendo em vista todas as dificuldades enfrentadas, desde a dificuldade de reconhecimento do diploma ao elevado desemprego que temos no Brasil, podemos dizer que os imigrantes estão numa situação de vulnerabilidade que os levam a aceitar qualquer condição de trabalho para sobreviver na capital paulista.

Outra característica que deve ser levada em consideração refere-se ao tempo de permanência no emprego. Como executam trabalhos braçais e que exigem força e preparo físico em sua execução, muitos imigrantes são contratados por períodos curtos de três meses e são exaustivamente utilizados ao ponto de não serem mais úteis após os três meses de atividade o que requer a contratação de outro que passará pela mesma situação.

Cabe ressaltar que o emprego temporário é uma das formas mais características da precarização do trabalho no neoliberalismo, sendo uma das formas de driblar os efeitos da crise do capital globalizado. Ouvimos de vários haitianos principalmente no projeto de escuta que, são contratados por períodos de no máximo três meses e depois do término do contrato ficam novamente sem trabalho. Podemos dizer que se contrata por salários baixíssimos por períodos curtos e determinados onde o capitalista, protegido pela legislação, não tem a obrigação de arcar com outros custos do contrato de trabalho por tempo indeterminado. Da mesma maneira que a força de trabalho é contratada, também é descartada criando assim, uma rotatividade de funcionários sempre prontos para serem explorados.

Com base nas entrevistas que fizemos, todos os nossos sujeitos de pesquisa nos disseram que estavam desempregados, mas treze deles já haviam trabalhado no Brasil e somente um havia permanecido no emprego por dois anos. Os demais imigrantes trabalharam no intervalo entre três meses e um ano. É possível afirmarmos que perderam seus empregos em decorrência das crises e passaram a fazer parte da população excedente juntamente com os vários brasileiros que também tiveram seus empregos atingidos pelas mesmas crises.

Para Antunes e Alves (2004), o caráter destrutivo do capital vigente se deve à precarização permanente do trabalho, sobre as formas de subempregado, desempregado, que intensificam os níveis de exploração para aqueles que trabalham (ANTUNES; ALVES 2004). Os níveis de exploração aumentam, os salários permanecem achatados e o poder de compra dos trabalhadores é reduzido.

> Antunes (2009) indica que atualmente uma noção ampliada de classe trabalhadora inclui, todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende a sua força de trabalho para o capital. Essa noção incorpora também o proletariado precarizado, o subproletariado moderno, o "part time" (...), os trabalhadores assalariados da chamada "economia informal", que muitas vezes são indiretamente subordinados ao capital, além dos trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiam o exército industrial de reserva, na fase de expansão do desemprego estrutural. (ANTUNES, 2009, p. 103-104)[27]

A crise econômica e o aumento do desemprego geram um conflito entre trabalhadores, desempregados nacionais e imigrantes onde a presença do imigrante é vista como uma ameaça e a possibilidade de se manterem desempregados ou virem a perder seus empregos já que os brasileiros atualmente também competem com imigrantes na busca por empregos precários e aumentam população excedente.

O sistema capitalista responde às suas crises buscando sempre outras formas de se obter lucro e, a superexploração da força de trabalho, nesses termos, atua como ferramenta para a acumulação primitiva do capital. Marx compreende a divisão do trabalho como parte da dinâmica de exploração capitalista do trabalho e da luta de classes.

Podemos dizer que a crise econômica que iniciou em 2008 no Norte Global configurou-se como um processo de reestruturação do sistema capitalista e gerou uma ampliação do neoliberalismo, o qual estimula a concentração de capitais nas mãos de poucos por meio das privatizações, despossessões e fusões. A todo este mecanismo Harvey (2011) denominou de acumulação por despossessão. As consequências para os trabalhadores são imensas no que tange ao aumento do desemprego, ao rebaixamento dos salários e à diminuição do seu poder de consumo.

Antunes e Druck (2014) apontam que o capitalismo na atualidade apresenta uma tendência em que terceirização, informalidade, precarização servem para a ampliação de sua lógica onde a precarização social contemporânea do trabalho torna-se o centro das transformações produtivas do capitalismo em suas várias dimensões. Em consequência, o capital reafirma a força de trabalho como mercadoria, subordinando os trabalhadores a uma

---

[27] Preservou-se aqui o registro conceitual como utilizado no original contudo, ao longo do trabalho optou-se, sempre que possível, substituir a noção de "exército industrial de reserva" pelos conceitos de "super população relativa", "excedente populacional relativo" e " população excedente", tendo estes quase sempre o mesmo sentido. Isso se deve à perda da importância relativa do emprego industrial seja entre os indivíduos do grupo estudado, seja no contexto da metrópole contemporânea, ou seja, ainda na relação com os dados de emprego por setor da economia (apesar dos muitos questionamentos legítimos à respeito da interpretação desta tendência).

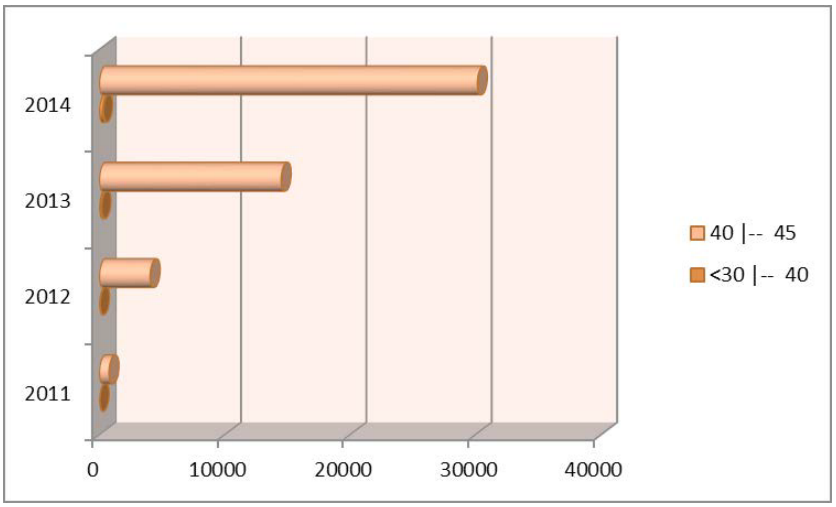
lógica em que a flexibilidade, o descarte e a super fluidade são fatores determinantes para um grau de instabilidade e insegurança no trabalho, como nunca antes alcançado. (ANTUNES; DRUCK, p. 16-17)

Com a recente crise global que iniciou em 2008 vimos o emprego formal e o emprego com carteira assinada sendo substituído pela terceirização[28] e a informalidade, há o aumento da precarização e dos contratos temporários sem registro em carteira.

O neoliberalismo acentuou a terceirização, a precariedade, o aumento do desemprego e do trabalho temporário, a redução dos salários e o prolongamento das jornadas de trabalho; neste cenário, as vítimas atingidas mais vulneráveis são os trabalhadores imigrantes, ilegais ou não, submetidos às longas jornadas de trabalho, em turnos geralmente não aceitos por brasileiros, em serviços que não exigem qualificação e com baixos salários.

Para ilustrar a questão das jornadas de trabalho, utilizamos o gráfico abaixo da pesquisa OBMigra (2016) que revela a predominância dos haitianos na faixa máxima de hora semanal trabalhada permitida pela legislação brasileira em âmbito nacional. Desse modo, é possível perceber que os imigrantes haitianos, tanto homens quanto mulheres, realizam exaustivas e longas jornadas de trabalho que variam entre 40 e 45 horas semanais, são, em sua maioria, superexplorados e contribuem para o aumento da lucratividade e da mais valia percebida pelo empregador.

Gráfico 20: Total de imigrantes haitianos com vínculo formal de trabalho, segundo horas semanais trabalhadas, Brasil, 2011-2014



Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/Ministério do Trabalho e Previdência Social, 2015. (apud TONHATI et al.,2016, p. 51)

[28] http://www.e-auditoria.com.br/publicacoes/noticias/empresas-de-terceirizacao-crescem-com-mudanca-da-legislacao-trabalhista/. Acesso em: 15 maio 2019

A terceirização estimula a precariedade do trabalho e, muitas vezes, devido aos vários serviços contratados pelas empresas serem terceirizados deparamo-nos com trabalhos análogos à escravidão como é o caso dos trabalhadores da indústria têxtil. Além disso, a terceirização é uma forma de gestão das empresas que, por meio da flexibilidade dos contratos estabelecidos, não dão muitas garantias ao trabalhador e o descrimina dos demais empregados com contrato formal de trabalho.

Assim como Harvey nos fala dos ajustes espaciais e a necessidade do capital de ir em busca de novos territórios para se expandir, Basso (2014) aponta a necessidade das empresas deslocarem suas atividades para países onde o trabalho custa menos e onde é possível ter o prolongamento das jornadas médias de trabalho. Para Antunes (2009) "a lógica destrutiva do capital ao mesmo tempo que expulsa centenas de milhões de homens e mulheres do mundo do trabalho estável e formalizado, recria nos mais distantes espaços, novas modalidades informalizadas e precarizadas de geração de mais-valor".(ANTUNES, 2009, p. 11)

> Os estudos que tratam da dinâmica do mercado de trabalho e das formas que os processos de globalização e reestruturação produtiva assumem no Brasil desde o início da década de 90, mostram que esses processos reduzem o contingente de trabalhadores, ampliam o desemprego [...], e propiciam a proliferação de trabalhadores por conta própria, sem carteira assinada, com contratos de trabalho temporário e desempregados, agora caracterizados pela condição de desempregados ocultos, abertos, por desalento etc. (SANTANA DO AMARAL, 2001 apud RANIERI, 2014).

Em vários estudos relacionados à imigração haitiana notamos que esses imigrantes são superexplorados em regimes subnormais de várias maneiras, mas segundo pesquisa feita por Luiz Felipe Aires Magalhães no estado de Santa Catarina, o pesquisador nos aponta três modalidades que predominam: a apropriação de parte do salário com alojamento precário, a alocação discriminatória do processo de trabalho e o confisco do FGTS por meio da documentação do afastamento e na demissão contendo cláusulas expressas em português (idioma que não dominam) dizendo que abrem mão dos direitos trabalhistas.

No que diz respeito à força de trabalho imigrante, Pietro Basso identifica como "protótipo da força de trabalho flexível".

> (...) sujeita a todas as formas de exploração, piores horários, ritmos pesados, péssimas condições de trabalho e baixa remuneração. Uma precariedade que naturalmente se prolonga, como ressalta o autor, na condição de vida do imigrante, habitação, educação, serviços de saúde. (VILLEN, 2014, p.92).

Para que possamos entender o protagonismo desses imigrantes no contexto global é preciso entender que o capitalismo age de forma mundializada e no Sul global encontramos

um maior excedente populacional relativo pronto para suprir as necessidades do capital a "qualquer preço". Onde o trabalhador imigrante não é uma classe separada, mas também faz parte de um processo de rebaixamento do preço do trabalho de trabalhadores nacionais.

Segundo Sassen (2016) enfrentamos um terrível problema em nossa economia política global: o surgimento de novas lógicas de expulsão como resultado da "globalização do capital e o aumento brusco das capacidades técnicas produziram enormes efeitos em escala" (SASSEN, 2016, p. 11). Os canais de expulsão variam muito e deslocam inúmeras pessoas pelo mundo e agudizam as desigualdades sociais.

José de Souza Martins em palestra proferida em comemoração aos 30 anos da revista Travessia em São Paulo em 2017 nos fala que "deveríamos ter usado a modernidade à nosso favor", assim como Sassen (2016) aponta que:

> (...) deveríamos ter usado os avanços tecnológicos para melhorar a qualidade de vida das pessoas e gerar mais empregos com jornadas de trabalho reduzidas, mas ao contrário, o desenvolvimento serviu para desmembrar o social por meio de uma desigualdade extrema, para destruir boa parte da vida prometida pela democracia liberal à classe média e assim expulsar pessoas pobres e vulneráveis de terras, empregos e suas casas. (SASSEN, 2016, p. 13)

Para Sassen (2016) o capitalismo avançado em nossa era é marcado pela extração e destruição e em sua forma mais extrema pode levar à miséria e à exclusão de cada vez mais pessoas que deixam de ter valor como produtores e consumidores.

Os novos fluxos migratórios, dentre eles os haitianos, estão inseridos em processos de precarização do trabalho onde a economia informal faz parte da economia global e de suas cadeias produtivas. Na impossibilidade de encontrarem emprego formal, os imigrantes se inserem na informalidade e no comercio de rua, conforme já abordamos no capítulo anterior, e articulam redes globais de circulação de mercadorias e de fluxos financeiros contribuindo para a exploração da força de trabalho também imigrante de uma cadeia produtiva.

No cenário urbano encontramos trabalho precário, informal, o emprego temporário e várias outras formas de atividades, até mesmo ilegais, que cumprem o papel de garantir o mínimo de sobrevivência de trabalhadores nacionais e imigrantes.

Para Telles e Hirata (2007) é nas fronteiras porosas entre o legal e o ilegal, o formal e informal que transitam o trabalhador urbano que lança mão das oportunidades legais e ilegais que coexistem e se superpõem nos mercados de trabalho. Citam a noção de bazar metropolitano, isto é, o embaralhamento do legal e do ilegal, e seus deslocamentos na "lógica de uma forma de mobilidade urbana de trabalhadores que transitam entre o legal, o informal e o ilícito, sem que por isso cheguem a se engajar em carreiras delinquentes" (TELLES;

HIRATA, 2007, p. 174) e operam em situações de tempo e espaço com o intuito de complementar a renda.

Sassen (2016) denomina como tendência subterrânea essa mescla entre informalidade e ilegalidade dos trabalhadores urbanos, sobretudo os imigrantes, e Tarrius (2002) os coloca como protagonistas da globalização por baixo.

Além da dificuldade com o reconhecimento de diplomas de nível superior, os haitianos falam além do "*créole*", francês e, em muitos casos, o inglês e o espanhol. Mesmo com todas as qualificações não conseguem se inserir de forma digna e ocuparem melhores postos de trabalho que valorize o potencial desses imigrantes. No Brasil acabam rebaixando seu status social em comparação ao que, supostamente, possuíam no Haiti e devido à baixa remuneração, não conseguem guardar dinheiro para voltarem ao Haiti ou migrarem para outro país. Quando empregados, trabalham em longas jornadas de trabalho que variam entre 40 a 45 horas semanais e com baixa remuneração que atinge no máximo dois salários mínimos ao mês. Demonstram claramente a insatisfação com as condições de vida que têm no Brasil.

As crises econômicas e política afetaram e afetam o fluxo migratório para Brasil, mas isso não quer dizer que deixaremos de receber imigrantes, pelo contrário. Com todas as restrições impostas pelos países desenvolvidos, o Brasil continua sendo uma alternativa na vida de muitos imigrantes e refugiados.

3. São Paulo cidade global

Nesse capítulo e tendo em vista a análise do nosso trabalho de campo, pretendemos abordar o conceito de cidade global ou cidade mundial com base em sua definição e aplicá-lo à metrópole de São Paulo analisando as contradições que aparecem no contexto da periferia do capitalismo.

O conceito de cidade global ou cidade mundial acompanha o fenômeno da globalização, sendo sua principal precursora a socióloga holandesa Saskia Sassen. Dialogaremos com outros autores além de Sassen para que possamos compreender este fenômeno. Não temos a pretensão de negar o conceito, mas de fazermos uma análise dos inúmeros contrastes que se revelam em São Paulo com base no proposto por Sassen.

Consideramos que a condição global da metrópole de São Paulo se verifica também pelo avesso dos termos propostos por Sassen. Não foi só a globalização do capital e da riqueza que incluíram São Paulo no circuito da globalização, mas também a do trabalho e da pobreza como momento da globalidade da metrópole paulistana. Desse modo, a nossa hipótese se desenha em torno do papel da migração na constituição de uma trama global que se insere de forma particular nas relações que se desenvolvem no âmbito local no mais amplo universo da acumulação.

O conceito de cidade global[29] está diretamente relacionado aos impactos causados sobre as metrópoles do Primeiro Mundo pelo processo de globalização da economia. O final da década de 1970 e a década de 1980 foram marcados por uma forte crise econômica nas principais metrópoles do Primeiro Mundo, que perderam sua centralidade com o desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação e com o deslocamento de suas principais indústrias para locais que ofereciam menor custo de implantação e manutenção, além da disponibilidade de mão de obra mais barata. Esses são os principais fatores que geraram o início da globalização da economia acompanhada de uma crise fiscal e do aumento do desemprego nas principais cidades capitalistas do Primeiro Mundo.

O início da década de 1970 é marcada pela reestruturação produtiva global que tinha como objetivo a recuperação de seu ciclo reprodutivo por meio da acumulação flexível e teve como características transformações no próprio processo produtivo pautadas pelo avanço

---

[29] As próximas sete páginas durante a elaboração desta pesquisa de dissertação compuseram um artigo que foi publicado na Revista UFMG, em 2018, sob o título de “Migração e interculturalidade, um binômio capaz de construir pontes de convivência”de minha exclusiva autoria - Rev. UFMG, Belo Horizonte, v. 25, n. 1 e 2, p. 124-143, jan./dez. 2018

tecnológico, pela maior participação dos trabalhadores, pela terceirização e pelo trabalho polivalente. Todas essas mudanças visavam a redução do tempo de trabalho.

Nesse período, as plantas das grandes indústrias se moveram para outras cidades e até mesmo para outros países, porém, uma nova centralidade surge nas antigas metrópoles que eram sedes das empresas do período fordista que passam, a partir desse momento, a sediar empresas de origem quase sempre transnacionais ligadas, em sua maioria, ao setor financeiro e da informação, gerando uma grande transformação na estrutura ocupacional das metrópoles.

Com a mudança dos locais de produção, houve uma dispersão geográfica das atividades econômicas e com isso, a necessidade de centralização territorial da gestão e do controle das operações das grandes empresas. Essa centralização passa a ser exercida pelas cidades globais, ou seja, pelas principais cidades do período fordista que passam a ser identificadas como locais ideais para as funções decisórias e administrativas das corporações.

Desse modo, as últimas duas décadas do século XX marcaram o surgimento de um tipo específico de cidade que passou a desempenhar, segundo Sassen (1998), as funções de: 1) postos de comando na organização da economia mundial; 2) lugares-chave e mercados para as indústrias financeiras e de serviços especializados; 3) campos de produção e inovação às principais indústrias[30].

A substituição das atividades industriais pelo setor financeiro e de serviços gerou uma nova ordem social e um novo tipo de urbanização que revelaram a atual divisão territorial do trabalho nas metrópoles, pautada pela necessidade de mão de obra altamente qualificada e, consequentemente, bem-remunerada para os setores de ponta[31]. Por outro lado, surgem

---

[30] O conceito de cidade global de Sassen (1993) busca apreender toda essa novidade. As principais cidades que compunham a rede de cidades globais na década de 1980 eram Nova York, Londres e Tóquio. Nas décadas posteriores foram incorporadas nessa rede as cidades de São Paulo, Hong Kong, Toronto entre outras. Assim sendo, a rede de cidades globais funciona como uma nova geografia da centralidade que oferece bens e serviços terceirizados. Para Sassen (1998) as metrópoles readquiriam a importância estratégica como locais destinados ao setor terciário, acompanhando a mudança de direção da economia mundial. Não se tratava portanto, da perda de sua centralidade econômica, mas de sua re-significação no interior do sistema produtivo internacional. Desse modo, cabe ressaltar que o surgimento da cidade global é resultado de um processo histórico vivido inicialmente pelas principais metrópoles do Primeiro Mundo.

[31] Para Sassen as novas tecnologias da informação exercem um papel fundamental ao permitirem as dinâmicas simultâneas de dispersão geográfica das operações das empresas globais, o controle centralizado e a organização integrada. As condições sob as quais essas tecnologias estão disponíveis promovem a centralização das indústrias de informação intensiva nos centros de telecomunicações mais avançados, localizados em um número restrito de cidades ao redor do mundo. Contribui também para o desenvolvimento dessas cidades uma infraestrutura de transportes e serviços públicos como nos assinala Santos (2015): “O desenvolvimento dos meios de transporte de alta velocidade e das comunicações em “tempo real” sugere uma concepção de espaço renovada a partir de um novo paradigma espaço temporal: o “efeito túnel”. Ascher enfatiza que com o aumento das velocidades implicadas no transporte de bens e de pessoas, assim como com o advento da comunicação instantânea a custos reduzidos e de amplitude ilimitada, a proximidade e a conexão entre dois grandes centros

também empregos que se utilizam de mão de obra não qualificada para atuar na manutenção dessa estrutura maior (limpeza, ajudantes e auxiliares de várias atividades dos setores de serviços, etc.).

Cabe ressaltar que, não somente de serviços financeiros e altamente especializados ligados aos setores de tecnologia, comunicação e serviços são encontrados nas cidades-globais, mas existe, ao lado de toda a opulência, uma grande quantidade de empregos manuais, precários e mal remunerados que são geralmente ocupados por mulheres e imigrantes vindos de várias partes do mundo e que garantem com isso, a prestação de vários outros serviços e a manutenção da engrenagem a qual alimenta e reproduz os ramos mais especializados e elitizados dessas metrópoles.

Além da tecnologia, das novas linhas de transportes e das mudanças ocorridas com a dispersão geográfica e a centralidade dos negócios decisórios das grandes empresas nos principais centros urbanos, ou nas cidades globais, há um grande impacto gerado pela nova divisão do trabalho nas metrópoles no que diz respeito a uma nova configuração do uso da terra, aos locais de moradia, à disponibilidade de infraestruturas de transporte e de serviços urbanos que impactam diretamente no uso e no preço do m2 nas cidades.

No que tange aos aspectos atribuídos à face global da cidade, identificamos que os espaços mais "caros" e com as melhores infraestruturas de serviços públicos são usados e disponibilizados para os que têm maior poder aquisitivo, enquanto que os espaços mais "baratos" e distantes destinam-se para os que trabalham nos empregos menos qualificados e mal remunerados da cidade, gerando o aumento da desigualdade social que se reflete na apropriação do espaço urbano. Desse modo, podemos considerar que a partir das transformações no mercado de trabalho, frutos do processo de globalização da economia, há o uso diversificado do espaço urbano nas cidades globais onde estratégias de acumulação do capital pautam-se também na produção e na reprodução desse espaço como um grande negócio.

No final da década de 1990 o conceito de cidade global começa a ser aplicado para as metrópoles consideradas de segunda ordem. É nesse momento que São Paulo passa a ser cogitada como uma possível cidade global.

---

pode se dar suplantando a noção de distância e o espaço intermédio entre esses pontos. É como se não houvesse "nada" entre um grande centro e outro." (Santos, 2015 p.19). E ainda: "Sandra Lencioni considera que esse é o momento e o processo pelo qual se opera uma transformação das categorias analíticas e das dinâmicas sociais com a substituição da escala internacional pela escala global." (Santos, 2015 p.23)

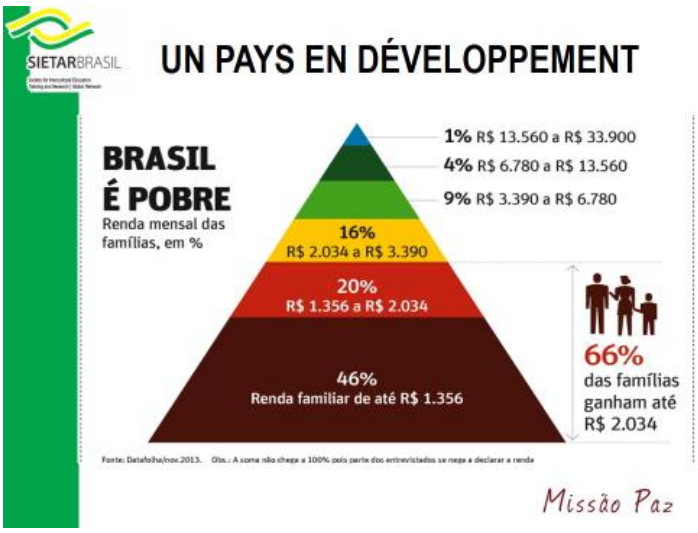
Considerando atualmente São Paulo uma metrópole global da periferia do capitalismo, nos questionamos: como os imigrantes haitianos ao se inserirem de forma precária na face globalizada da metrópole, ajudam a defini-la ao mesmo tempo em que vivenciam o cotidiano da cidade do ponto de vista da moradia e do trabalho?

Santos (2015) nos chama a atenção para a importância da aglomeração em torno das metrópoles tidas como cidades globais. A aglomeração é caracterizada pelas altas densidades demográficas nos centros expandidos dessas cidades. Considera-se também a aglomeração para os fornecedores de uma cadeia produtiva, de consumidores e trabalhadores como um fator de extrema importância para o desenvolvimento econômico, para a regulação de salários e a maximização do tempo de trabalho garantindo maior retorno para as empresas.

Além da mão de obra qualificada que se concentra nos grandes centros urbanos e que estão à mercê das empresas transnacionais, faz também parte dessa aglomeração os inúmeros imigrantes de diversas nacionalidades que chegam ao Brasil, mas sobretudo em São Paulo em busca de oportunidades de trabalho que possam ser conquistadas com base na centralidade oferecida localmente pela cidade.

No caso dos haitianos, pude constatar nos treinamentos de cunho intercultural que ministro há cinco anos como voluntária na Missão Paz que, esses imigrantes que recentemente chegaram ao Brasil possuem a convicção de que estão num país de Primeiro Mundo. É possível verificar o espanto quando faço uso do "*slide*" que se segue sobre a renda familiar dos brasileiros e descobrem que 66% das famílias em 2013 possuíam renda de até R$2.034,00.

Figura 6: *Slide* utilizado nos treinamentos interculturais da SIETAR Brasil na Missão Paz



Fonte: SIETAR Brasil

Além do espanto com a descoberta, relatam que não há emprego em São Paulo e que as ofertas que aparecem são para trabalhos braçais e com baixíssima remuneração.

A nova divisão internacional do trabalho gerada a partir da globalização da economia cria lugares mundializados e metrópoles globais. No contexto das cidades globais, a metrópole de São Paulo passa a ser uma referência no Terceiro Mundo, pois congrega diversas atividades, um setor financeiro de ponta, uma gama de serviços de qualidade, dispõe de tecnologia e uma rede de comunicação que a diferencia das demais cidades brasileiras e garante o desenvolvimento de suas atividades econômicas. Além disso, São Paulo atrai capitais estrangeiros, migrantes e imigrantes de várias partes do Brasil e do mundo que buscam a cidade para trabalharem e se fixarem.

Para os imigrantes haitianos, a metrópole paulistana atua no imaginário como sendo o local ideal para que as suas vidas economicamente tomem um novo rumo, uma guinada que é posta à prova quando passam a ter consciência de que o Brasil é um país em desenvolvimento com uma desigualdade social assombrosa onde se deparam com as contradições que a cidade impõe para a manutenção da vida. A possibilidade de se inserirem no mercado de trabalho e atuarem em atividades com melhores remunerações, torna-se praticamente impossível.

No que diz respeito aos países da periferia do capitalismo, como é o caso do Brasil, verificamos que as facilidades da globalidade não estão presentes em todo o território nacional. A precariedade e as formas não modernas de inclusão são o vínculo do imigrante na metrópole paulistana e uma das faces do processo de globalização.

> Seria portanto, “global” a “cidade” que se configurasse como “Nó” ou ponto nodal entre a economia nacional e o mercado mundial, congregando em seu território um grande número das principais empresas transnacionais, cujas atividades econômicas se concentrassem no setor de serviços especializados e de alta tecnologia , em detrimento das atividades industriais, quando por consequência o mercado de trabalho fosse polarizado gerando novas desigualdades sociais e uma forma de segregação urbana dualizada. (CARVALHO, 2000, p. 72)

Conforme nos aponta Carvalho (2000) São Paulo se enquadra nessa condição de ponto nodal entre a economia brasileira e a economia global onde encontramos a prestação de serviços extremamente especializados e bem remunerados, mas também trabalhos precários, mal remunerados e até mesmo pessoas que trabalham em condições análogas à escravidão. Essa realidade que vivenciamos em São Paulo, fruto da divisão territorial do trabalho nos aponta a imensa desigualdade social que deixa suas marcas no plano do vivido por seus habitantes e pelos imigrantes na metrópole. É nos trabalhos precários, mal remunerados e temporários que encontramos a maior parte dos imigrantes haitianos que aceitam qualquer

tipo de trabalho que possa garantir o mínimo de sobrevivência frente à crueldade imposta pelas formas de reprodução capitalistas.

Com base na teoria dos dois circuitos da economia urbana proposta por Milton Santos (2004) podemos explicar como as cidades dos países periféricos, como é o caso de São Paulo, funcionam a partir de dois subsistemas urbanos: o subsistema superior, composto pelas grandes empresas, bancos e pelos setores de alta tecnologia e o subsistema inferior, composto pelas atividades que se utilizam de mão de obra intensiva e com pouca necessidade de capital e investimento, mas que juntos são capazes de produzir, distribuir, comercializar e gerar demandas de consumo para a população, seja ela de alta ou baixa renda. Os dois subsistemas produzem materialidades distintas, são complementares e possuem uma relação dialética que é visível no urbano. Para este autor, o dinheiro está no centro do processo de globalização do capital e do processo capitalista de produção onde os países subdesenvolvidos ficam à disposição dos interesses do capital internacional para a exploração de sua força de trabalho e concentração de riquezas.

Para Milton Santos o circuito inferior cumpre seu papel de produção e distribuição de bens e produtos não modernos com pouco capital, gera trabalho para muitos e se utiliza da força de trabalho precarizada, não qualificada e não formalizada de imigrantes.

Várias foram as transformações geradas no mercado de trabalho urbano com a globalização, dentre elas podemos citar a flexibilidade de turnos de trabalho que criou mais empregos temporários ou de meio período, por outro lado, várias foram as perdas sentidas com relação aos direitos e proteções sociais e com o aumento do desemprego. A falta de estabilidade no emprego e a necessidade de manutenção da vida nas cidades faz com que trabalhadores brasileiros e imigrantes aceitem trabalhos cada vez mais precários e busquem na informalidade uma opção de trabalho. O que os resultados dessa pesquisa mostram é que, diferentemente do caminho apresentado de uma globalização pelo alto e exclusivamente definida pelos serviços do chamado “terciário” avançados, São Paulo se globaliza pelas margens, mobilizando o trabalho precário que hoje se conecta a uma cadeia mundial de fluxos materiais e imateriais.

Portanto, o potencial de globalidade da capital paulista se revela pelo contrário do que foi lido a partir das noções de cidades globais centrais ou do Primeiro Mundo porque ela se estrutura em torno de formas precárias de produção e circulação da riqueza. O conceito de cidade global enaltece os fluxos financeiros e comunicacionais além da concentração de riqueza e de oportunidades. No entanto, pretendemos mostrar o outro lado, o precário dessas condições que não são apontadas pela maioria dos autores que trabalham este conceito fora

dos países da periferia do capitalismo e que são componentes fundamentais para entendermos a dinâmica de uma metrópole global do Terceiro Mundo como é o caso de São Paulo.

Para Antunes (2009) o capital, em escala global, se utiliza de novas e velhas modalidades de trabalho, assim como, Florestan Fernandes (1975) nos lembra que o arcaico e o novo coexistem e se alimentam um do outro em nossa economia. Este autor já apontava, na década de 1960, a noção de "capitalismo dependente" que implicou na necessidade de articular elementos "internos" e "externos" às sociedades no âmbito dos dinamismos sócioeconômicos por meio da articulação de elementos "arcaicos" e "modernos", onde a acumulação se faz do primitivo, de formas precárias de acumulação.

"No 'mundo subdesenvolvido' verifica-se uma perda constante de parte substancial do próprio excedente econômico para as economias desenvolvidas. Desse modo, nos deparamos com uma economia de mercado capitalista que, ao crescer, corre o risco de se tornar ainda mais dependente"(FERNANDES, 1975, pp. 24-5).

A economia globalizada, dominada pelas finanças à princípio propunha, a inclusão das pessoas como consumidores por meio da homogeneização dos modos de vida e do consumo das sociedades em nível global por meio de um espaço sem fronteiras para implantação de uma cultura *standartizada* no entanto, local e dialeticamente há o aumento dos empregos mal remunerados e sem proteção social num contexto de concentração urbana, de riqueza e poder. O processo de hoje não é o de inclusão das pessoas como consumidoras, mas de sua expulsão dos empregos e consequentemente do consumo o que gera desigualdades que se se manifestam no cotidiano das cidades. Para os imigrantes, principalmente os que se encontram em cidades globais do Terceiro Mundo, cada dia é uma luta sem vitória onde a pobreza e a falta de perspectiva nas cidades corrói a esperança juntamente com a fome e a precariedade da vida. As metrópoles, assim como São Paulo, tornaram-se máquinas de produção de riqueza e desigualdades.

"A globalização, portanto, distante de portar um caráter integrador, aponta, contrariamente, expressivas contradições e a agudização das desigualdades sociais entre as nações, em um mundo longe de ser plano." (VENCO, 2014, p.167)

Os imigrantes fazem parte de uma engrenagem do capitalismo a qual a utilização de sua força de trabalho é indispensável para o funcionamento econômico do mundo.

Cabe mencionar que nos últimos anos o Brasil recebeu muitos imigrantes, assalariados globais entre eles, médicos cubanos, universitários e vários outros trabalhadores destinados para atividades altamente qualificadas, mas ao lado desse fluxo mais especializado e com a vinda aliada a contratos pré – definidos de trabalho (expatriados em sua maioria), há um outro

polo, ou seja, o das grandes levas migratórias vindas de países periféricos, destinadas para os trabalhos precários e mal remunerados. O Brasil é um exemplo de país que recebe fluxos migratórios diversificados sendo que, muitos chegam em nosso país de forma vulnerável onde, a violência psicológica e a luta por sobrevivência forçam o imigrante a buscar formas indignas de trabalho.

Consideramos os imigrantes sujeitos ativos da dinâmica global das mobilidades. Por meio de suas atividades laborais vivenciam o cotidiano de São Paulo e imprimem suas marcas na metrópole. Acreditamos que o conceito de cidade global abordado em sua gênese e trazido para as metrópoles do Terceiro Mundo nos revela uma tentativa de higienizar ou dar uma nova roupagem à cidade camuflando as profundas desigualdades do sistema econômico e da sociedade. Os imigrantes são componentes dessa lógica e atuam no espaço da metrópole global de São Paulo nos revelando as contradições de uma mundialização por baixo nos termos de Tarrius (2002).

3.1. Redes de solidariedade e trabalho

Para iniciarmos uma reflexão sobre redes sociais cabe entendermos a importância deste conceito para as Ciências Humanas e para a Geografia, assim como a sua relevância no contexto dos estudos sobre migrações e trabalho.

Várias são as situações e momentos que o termo rede é usado dependendo do contexto estudado, mas todas possuem algo em comum, ou seja, possuem uma conectividade que se amplia e as define. Rede de televisão, rede urbana, rede de capitais, rede de informações, rede de telefonia, rede de informática, rede de camaradagem e solidariedade, rede social, rede de comércio, rede migratória entre tantas outras existentes. Tratam-se de redes muito distintas que envolvem processos e fluxos diferenciados de informações, pessoas e matéria.

A partir dos anos 1970 o uso do termo rede passou a ser difundido e usado em várias disciplinas, na ciência e no dia a dia. O uso do termo rede passou a ter outras aplicações com o desenvolvimento tecnológico e a sua utilização pela informática, cujo objetivo é o de transferir dados e conectar pessoas em diferentes pontos do planeta.

Santos (2012), em sua obra “A natureza do espaço” dedica um capítulo da terceira parte do livro ao estudo das redes cujo título, aborda a importância das diferentes redes para a ciência geográfica.

Nesse capítulo o autor faz o seguinte questionamento: Mas o que é uma rede? Segundo M. Santos, “pode-se admitir que o termo se enquadra em duas grandes matrizes: a que apenas

considera o seu aspecto, a sua realidade material, e uma outra, onde também é levado em conta o dado social" (SANTOS, 2012, p. 262). Desse modo, a rede é também social, política e econômica, seja pelas pessoas, mensagens, valores e decisões que trafegam por ela e que lhe dão materialidade.

Tendo em vista a nossa pesquisa e a temática migratória, podemos utilizar a definição que se segue de rede segundo (CAILLÉ, 1998, p.18-19 apud DORNELAS, 2001):

> A rede é o conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações interpessoais, de amizade ou de camaradagem, permite esperar confiança e fidelidade. Mais do que em relação aos que estão fora da rede, em todo caso (...) Estabelecendo relações que são determinadas pelas obrigações que contraem ao se aliarem e dando uns aos outros, submetendo-se à lei dos símbolos que criam e fazem circular, os homens produzem simultaneamente sua individualidade, sua comunidade e o conjunto social no seio do qual se desenvolve a sua rivalidade.

Segundo a pesquisa OBMigra (2016) os fluxos migratórios entre países existem muito tempo antes da globalização.

> Séculos atrás os fluxos internacionais de migração já geravam redes que agiam como pontes entre sociedades de origem, de trânsito e de destino. Apesar de tais redes apresentarem claras diferenças com as atuais, em termos de conteúdo e de modos de comunicação, elas existiam enquanto fato social. (…) autores dedicados à imigração têm apontado que atualmente se conservam muitos elementos do passado, como a migração em cadeia e a reunião familiar. (SASSEN, 2010, p.166 apud DUTRA, 2016

Em Truzzi (2008) "as redes migratórias podem ser definidas como complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade". (MASSEY, 1988, p. 396 apud TRUZZI, 2008)

Ainda em Truzzi (2008), "agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos". (KELLY, 1995, p. 219 apud TRUZZI, 2008)

As redes de solidariedade não se restringem aos laços familiares e podem ser formadas a partir de uma comunidade, de uma cidade ou simplesmente por indicações de pessoas conhecidas. Ter uma referência no local de destino pode significar uma possibilidade de alojamento por um período determinado. Na impossibilidade de possuírem uma rede de contatos, a maioria dos haitianos que chegam à cidade de São Paulo busca abrigo na Missão Paz.

O ser humano constrói a sua identidade e suas diversas relações com a vida (trabalho, amizade, família, etc.) conforme os mais variados grupos sociais que participa, estabelecendo assim, uma rede de relações sociais. As redes sociais são formadas por pessoas e quando pensamos em migração, essas redes de relações são, em sua maioria, baseadas em ajuda mútua e advindas da necessidade da criação de laços de confiança entre si. No entanto, as redes dos migrantes são dinâmicas e complexas e muitas vezes novos arranjos são desenhados devido aos interesses econômicos que surgem gerando conflitos no decorrer do processo migratório. Assim, essas redes carregam consigo o sentido de solidariedade seja em nível local ou mundial, mas dialeticamente revelam também relações de poder, exploração, dominação e inúmeras contradições as quais o migrante torna-se impotente para se libertar devido à sua vulnerabilidade e dependência econômica.

As redes de familiares, de solidariedade e migratória são responsáveis pela circulação de informações sobre os itinerários permitindo aos haitianos criarem suas rotas no circuito internacional da mobilidade.

A partir das definições apresentadas, faz-se necessário estabelecermos e esclarecermos a seguinte distinção entre rede social ou de solidariedade e migratória. A rede social ou de solidariedade surge antes da rede migratória, ou seja, é anterior a ela e também subsídio para a sua criação e fortalecimento. As redes sociais geralmente fomentam e estimulam o movimento das redes migratórias, pois as redes migratórias se utilizam das informações fornecidas pelas redes sociais para gerar os deslocamentos de pessoas. Desse modo, podemos afirmar que há uma certa dependência da rede migratória com relação à rede social na concepção dos processos que determinam o deslocamento dos fluxos migratórios.

Com o desenvolvimento tecnológico e a economia globalizada, as redes tornam-se também cada vez mais globais em sua produção e no seu conteúdo informacional. Apesar das redes atuarem de forma global, o trabalho desenvolvido pelos imigrantes é local e depende das infraestruturas existentes e do processo nacional de divisão territorial do trabalho que condiciona a produção e a demanda por força de trabalho nos mais diversos ramos da economia.

As redes são vistas pela comunidade imigrante como uma oportunidade de melhoria de vida, mas dentre os menos favorecidos economicamente: elas são, em muitos casos, uma estratégia de sobrevivência onde os laços de solidariedade e de obrigações são criados com o intuito de superarem as dificuldades da vida, sobretudo num país estrangeiro.

Na imigração haitiana, Handerson (2015) nos aponta que há uma lógica familiar por trás do mundo social da mobilidade na qual “as articulações da decisão de partir e na organização

da viagem no que tange aos recursos mobilizados, os sonhos, sobretudo, as obrigações e os deveres para com aqueles que ficaram, filhos, irmãos, pais, amigos, etc.” (HANDERSON, 2015, p. 182)

Cabe ressaltarmos que, após o terremoto de 2010 o Haiti passou por três anos de seca causados pelo fenômeno El Niño e foi atingido em 2016 pelo furacão Matthew, sendo o país com maior número de mortes (229.699) causadas por catástrofes naturais segundo a ONU[32].

A mobilidade é constitutiva do cotidiano haitiano e com uma sequência de desastres naturais e a impossibilidade de se reerguer por completo, a emigração no Haiti é uma das saídas para a população que anseia por emprego/trabalho e uma vida melhor.

As redes sociais além de estabelecerem e criarem vínculos entre as pessoas que planejam a migração são também responsáveis pela disseminação de informações (positivas e negativas) para os possíveis migrantes. Desse modo, as redes revelam a organização social envolvida no processo migratório e a articulação das pessoas (família, amigos, e conhecidos) para que os migrantes no destino tenham acesso ao trabalho, moradia, à adaptação e superação dos problemas emocionais, financeiros e culturais.

É a partir das informações obtidas por meio das redes de familiares e de solidariedade que os migrantes desenham as suas rotas no mapa da mobilidade. Isso revela a importância dos relatos que atravessam as fronteiras e ganham força em outros territórios. As informações sobre oportunidades de trabalho e sobre as dificuldades se disseminam e regulam o sistema migratório influenciando o fomento ou a diminuição dos fluxos.

Tendo em vista que nossa pesquisa utiliza o recorte temporal a partir de 2014 no qual já estávamos vivendo uma crise política e econômica, muito nos intrigava saber qual o real conhecimento dessas pessoas com relação à situação do Brasil para entendermos o porquê do fluxo de haitianos ser contínuo, mesmo com a sua diminuição, continuavam chegando apesar da difícil situação vivenciada pelos imigrantes, mas também pelos brasileiros com o aumento do desemprego.

Questionamos aos nossos sujeitos de pesquisa que possuíam parentes e amigos no Brasil quais as informações recebiam do país. Queríamos com esta pergunta entendermos o quê de fato estava ocorrendo, se sabiam da crise vivenciada pelo Brasil e se recebiam informações de seus parentes e amigos. Caso recebessem informações, quais eram elas.

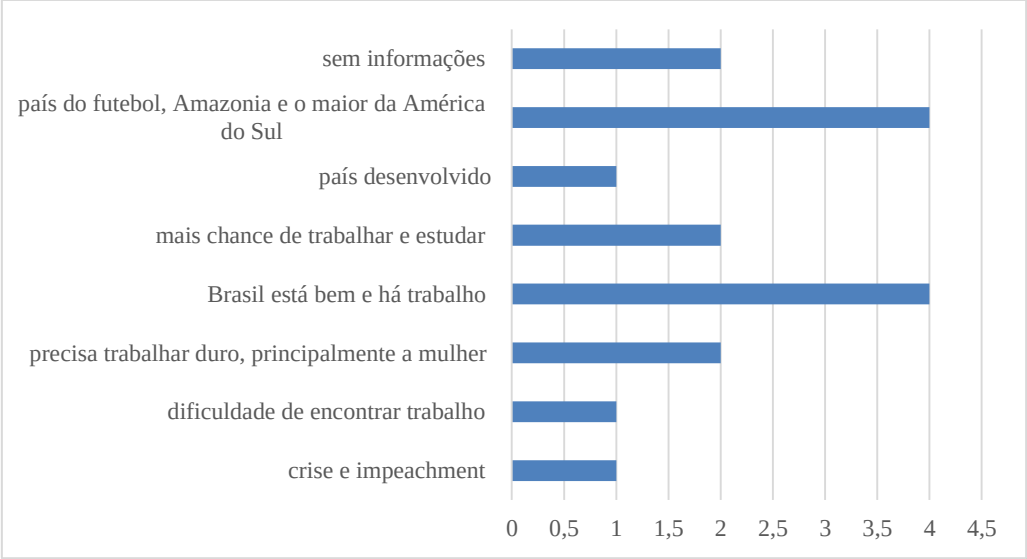
As respostas obtidas sobre o país são mais positivas do que negativas e alguns não receberam nenhuma informação. Com relação as dificuldades para encontrar emprego e o que

---

[32] https://exame.abril.com.br/mundo/haiti-e-o-pais-com-mais-mortos-por-catastrofes-naturais/. Acesso em: 10 out.2018

de fato passam em São Paulo, acreditamos que, na maioria das vezes, essas informações são omitidas, pois o fato do projeto migratório ser uma decisão coletiva e familiar, a ele não se cogita e não se aceita o fracasso, pois este último também é coletivo.

Gráfico 21: Informações recebidas sobre o Brasil da rede migratória



Dados obtidos em nossa pesquisa. Fonte: Priscilla Pachi (2019)

Como podemos observar as informações recebidas pelos imigrantes são vagas. Com relação à crise, os que recebiam alguma informação, não tinham noção da gravidade e acreditavam que o projeto migratório para o Brasil deveria seguir porque encontrariam mais chances de trabalho e sucesso do que no Haiti. Somente seis entrevistados nos disseram que sabiam da crise, 24 disseram desconhecer e que não recebiam informações sobre o que se passava no Brasil, alguns se sentiam enganados porque tinham recebido informações positivas sobre o país e que não condiziam com a realidade vivenciada por eles. Cinco não responderam. Poucos foram os entrevistados que nos relataram que souberam da situação do Brasil porque acompanharam as notícias brasileiras e as páginas das redes sociais de alguns haitianos que vivem no Brasil.

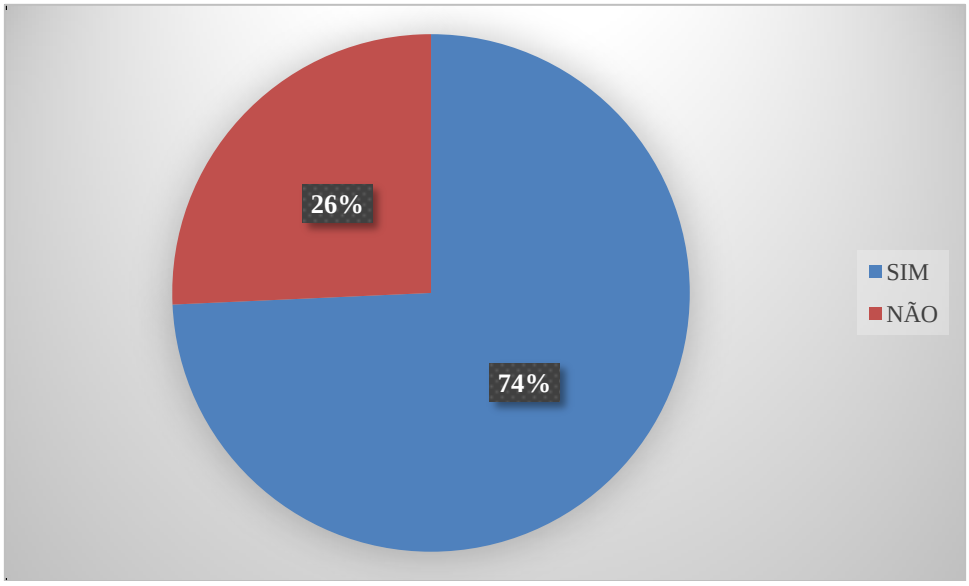
Na migração, a primeira rede e base dos relacionamentos é a família e os elos são criados a partir dela. A mobilidade e a instabilidade no local de origem são elementos muito importantes que constituem as condições fundamentais de acesso ao destino. A partir da família, novas relações pessoais ganham grande importância e novos arranjos e redes são criadas no destino o que não exclui a presença de conflitos e o rompimento de relacionamentos.

Os que se lançaram primeiro num destino migratório criam novos laços na nova localidade e tornam-se referência para os que ficaram. A manutenção do contato com a origem, seja por motivo afetivo ou pela remessa de dinheiro, facilita a atração e cria a possibilidade de novos migrantes se lançarem no projeto migratório.

As relações familiares ou de amizade são fundamentais para garantir a vinda de outros imigrantes para a mesma cidade. No entanto, nem todos os nossos sujeitos de pesquisa haitianos contaram com a ajuda de familiares ou conhecidos. Podemos também dizer no que diz respeito à cidade de São Paulo que as instituições religiosas de acolhimento também desempenham um papel crucial como ponto de referência e suporte aos haitianos que chegam à metrópole paulistana.

Questionamos em nossa entrevista se possuíam parentes ou amigos no Brasil antes de migrarem. 74% dos entrevistados contaram com uma rede pré-estabelecida em território brasileiro e 26% nos disseram que não conheciam ninguém e que partiram solitários em seus projetos migratórios.

Gráfico 22: Haitianos que possuíam parentes ou amigos no Brasil antes de migrarem



Dados obtidos em nossa pesquisa. Fonte: Priscilla Pachi (2019)

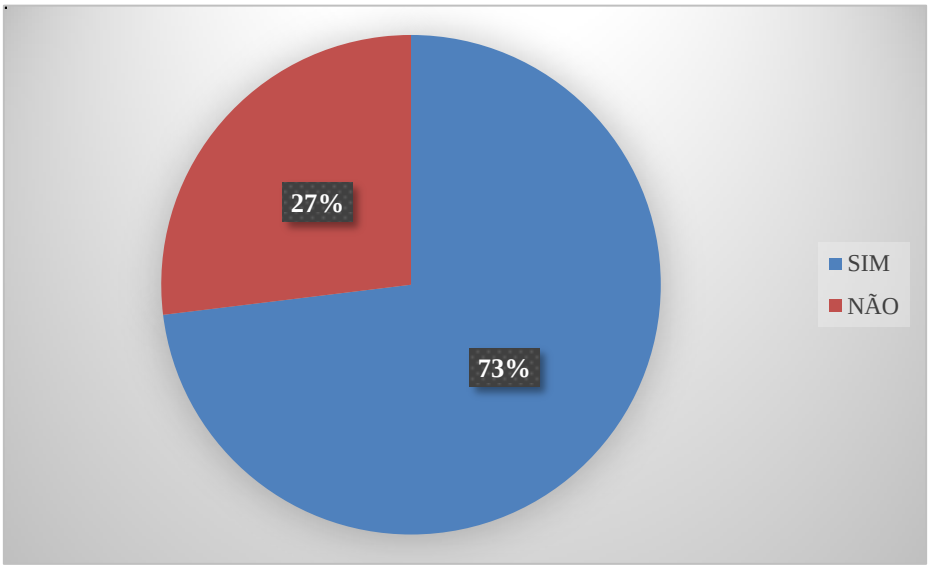
Desse modo, podemos dizer que nem todos os imigrantes haitianos que chegam à capital paulista, contaram com as redes de familiares e amigos e se lançaram na aventura migratória totalmente solitários e sem informações. Porém, a partir do momento que buscam a Missão Paz, laços de solidariedade e amizade surgem do contato com outros imigrantes de mesma nacionalidade e que se encontram geralmente na mesma situação, ou seja, sem emprego e em

busca de ajuda e trabalho. Unem-se por sobrevivência, trocam informações e se ajudam na busca por trabalho.

Questionamos aos nossos sujeitos de pesquisa que afirmaram terem parentes e amigos no Brasil se receberam ajuda e de que tipo. Conforme os gráficos que se seguem, podemos observar que, 73% dos imigrantes disseram que receberam ajuda com relação à habitação e à comida, seguido pelo auxílio na busca por emprego e poucos receberam ajuda em dinheiro.

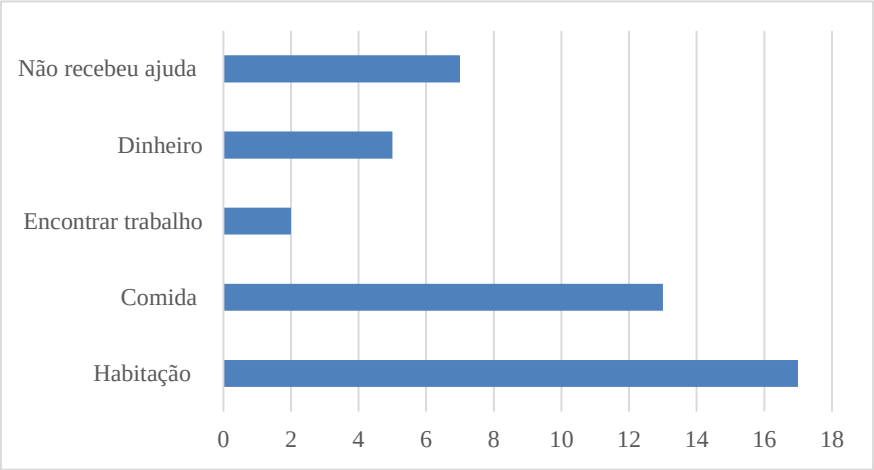
Um dado curioso que obtivemos com a pesquisa é que mesmo tendo alguns haitianos citado anteriormente que possuíam parentes e amigos no Brasil, nem todos, ou seja, 27% deles, não tiveram algum tipo de apoio quando chegaram ao país. Essa informação nos revela que as redes migratórias nem sempre estão prontas e dispostas a ajudar a todos que dela necessitam e que, apesar de terem contatos estabelecidos antes de migrarem, não contaram com eles e o percurso migratório foi tão solitário quanto o dos que não possuíam ninguém antes da migração.

Gráfico 23: Haitianos que receberam ajuda da rede migratória no Brasil



Dados obtidos em nossa pesquisa. Fonte: Priscilla Pachi (2019)

Gráfico 24: Formas de ajuda que receberam da rede migratória



Dados obtidos em nossa pesquisa – Fonte: Priscilla Pachi (2019)

Tendo em vista que as emigrações fazem parte da história do Haiti, os imigrantes que estão em São Paulo geralmente dizem que é quase impossível encontrar uma família haitiana que não tenha algum de seus familiares vivendo no exterior, esses emigrantes são responsáveis por garantir a disseminação de informações sobre a vida fora do país e das possibilidades de emprego que possam estimular ou não a vinda de outros nacionais. Ao desempenharem esse papel de disseminadores de informações, esses imigrantes tornam-se sujeitos que trabalham em favor dos mecanismos de acumulação, pois agem para o capital e para sua reprodução, fomentando a vinda de outros imigrantes e contribuindo para a continuidade da exploração da força de trabalho barata e precária nos diversos ramos da economia, tornam-se portanto, peças-chaves para o bom funcionamento da engrenagem capitalista.

Desse modo, as redes se formam desde a origem, são dinâmicas e têm um papel fundamental nos processos migratórios e por isso, podemos dizer que a mobilidade haitiana é pensada e praticada de forma coletiva.

Para os haitianos que ficaram no Haiti,

> (...) ter familiares no exterior é sinônimo de um dia poder-viajar ou poder-partir. Mas, possuir familiares na diáspora não garante a mobilidade dos que ficam. Isso exige disposições internas (capacidade da pessoa mobilizar as redes) e disposições externas (recursos dispostos ao indivíduo). (...) Há uma relação estreita entre as pessoas que partem e as que ficam. Isso incide especialmente nas relações diferenciais entre os maridos que viajam e as mulheres que ficam e vice-versa; entre pais e filhos, tios e sobrinhos. A mobilidade molda as relações internas da família num contexto de circulação. Desde cedo as crianças convivem com a mobilidade dos seus colegas da escola ou dos seus bairros, partindo ou viajando. A mobilidade é constitutiva do cotidiano haitiano. (HANDERSON, 2016, p.98)

Segundo Handerson (2015) a mobilidade haitiana é designada como diáspora. Para este autor, trata-se de uma experiência familiar e de sociabilidade. Tanto fora como dentro do Haiti, o termo diáspora é uma categoria organizadora do mundo, pois designa pessoas, qualifica objetos, dinheiro, casas e ações. O termo diáspora é utilizado para designar os conterrâneos que residem no exterior e voltam temporariamente ao Haiti, mas logo retornam para o exterior, serve também como adjetivo para qualificar pessoas e para designar a comunidade haitiana transnacional. (HANDERSON, 2015)

O envio de remessas em dinheiro para a família que ficou no Haiti e que conta com o sucesso migratório é uma forma de mostrar que a migração se deu de forma satisfatória e bem sucedida, negando assim, o fracasso e a disseminação de informações que desestimulem os futuros projetos migratórios da família e de conhecidos.

As remessas enviadas garantem na localidade a manutenção da vida de quem ficou, a possibilidade do pagamento do aluguel e da alimentação, mas sobretudo, o pagamento dos estudos das crianças como forma de prepará-las para uma migração futura onde a educação pode ser um diferencial para o sucesso migratório da próxima geração.

A ausência do envio de dinheiro pode configurar o fracasso do projeto migratório que, de certo modo, não é somente individual, mas sobretudo familiar, afinal o emigrante foi escolhido a partir de um consenso estabelecido pelos demais membros da família com o intuito de no futuro gerar a reunião familiar no seu destino.

Cabe ressaltarmos que a família é decisiva para o projeto migratório da mobilidade haitiana e a possibilidade de concessão de visto por parte do governo brasileiro para a reunião familiar é possível e cria a esperança ao haitiano que deixou esposa e filhos no Haiti ou na República Dominicana de trazê-los um dia para o Brasil.

Com relação às redes migratórias e de solidariedade a pesquisa nos revelou que muitos haitianos que chegaram ao Brasil em 2016 e 2017 apesar de terem conhecidos já instalados no país, não foram informados da crise e das dificuldades de se encontrar emprego. Segundo Sayad (1998) o problema de não revelarem a verdade é para não assumirem a derrota ou a frustração do projeto migratório. Para nós, o fato de chegarem ao Brasil sem terem recebido informações verdadeiras, nos permite elaborar a reflexão de que a rede não é “solidária” envolvendo os interesses particulares de diversos sujeitos envolvidos na rede, mas permite a reprodução de condições de precariedade para os que chegam posteriormente. Além disso, a pesquisa nos revelou que algumas redes se formam quando alguns imigrantes chegam sem conhecer outras pessoas e com o viés da “solidariedade” são, num primeiro momento,

“ajudados” pelos seus conterrâneos, mas na verdade se cria uma relação de dependência e de dívida pelos serviços prestados de difícil desvencilhamento.

As notícias sobre a real situação do Brasil e as dificuldades enfrentadas pelos haitianos, em sua maioria, não são difundidas no Haiti e a desistência ou retorno para o país pode significar uma derrota para o investimento familiar do projeto migratório.

Para compreendermos a imigração haitiana para o Brasil à luz dos processos de reprodução capitalista, citamos novamente que o trabalho é um fator determinante para a integração desses imigrantes.

> (...) é também a partir das redes que se pode entender o trabalho como fundamental para a caracterização da condição própria do migrante, não só em relação à sociedade em que se instala, mas também e principalmente em relação ao meio de onde saiu, pois é o rendimento do trabalho, e a consequente remessa de divisas para o local de origem, que vai justificar o seu deslocamento e desligamento temporário ou definitivo desse mesmo grupo de origem. A remessa de divisas e/ou investimento na localidade que se deixou vai servir como justificativa da função exercida pela migração: a manutenção da terra, a melhoria das condições de vida, os bens industrializados e modernos, a compra de terrenos e construção de casas, etc.”. (DORNELAS: 2001, p.8).

Num mundo em rede as informações são transmitidas de forma a estabelecerem uma conexão entre as sociedades e a economia de modo que as ofertas de trabalho circulam pela rede e é por meio dos contatos que se consegue uma atividade remunerada que permita o sustento, mesmo que pontual, para a manutenção da vida na cidade.

Com relação aos migrantes que partem sozinhos e se lançam numa imigração solitária na metrópole paulistana, as redes são formas de se sentirem mais fortes e persistirem em seus objetivos. O apoio de pessoas da mesma nacionalidade oferece condições de permanecerem no local e superarem as dificuldades do cotidiano.

Para Póvoa Neto as redes sociais são essenciais no processo migratório:

> A presença destas redes de contato, cristalizadas ao longo de décadas de migrações, contribui para explicar a intensidade dos deslocamentos populacionais mesmo numa situação social em que os diferenciais de renda e de condição de vida se tornam presas perceptíveis. Tais redes se tornam forças sociais vivas, a estabelecer “pontes” entre lugares e a permitir o fluxo de informações e pessoas que fizeram da mobilidade geográfica a sua principal estratégia de sobrevivência. (PÓVOA NETO: 1997, p. 22).

Comumente a maioria dos estudos sobre migração aborda de forma positiva a atuação das redes sociais no processo migratório e raramente reconhecem nelas aspectos negativos os quais são apontados neste trabalho.

Com base em pesquisa de campo e entrevistas feitas com os nossos sujeitos de pesquisa, foi possível observarmos em algumas respostas e comentários que o que vem acontecendo em São Paulo nos coloca na contramão dos estudos sobre as redes de solidariedade.

Verificamos que, além do conceito de solidariedade que as redes carregam consigo na imigração, e que não negamos a sua importância, devemos também considerar que, para muitos imigrantes, apesar de possuírem família e amigos, estes não são ajudados por eles e caminham em busca de trabalho, alojamento e comida de forma solitária e contando somente com o auxílio e o apoio de instituições religiosas como a Missão Paz no bairro do Glicério, na cidade de São Paulo.

Outro fator, que muito nos chama a atenção e foi constatado, é que as redes não são necessariamente formadas por familiares e conhecidos. Observamos a formação de redes de indivíduos de mesma nacionalidade que se conhecem na localidade de destino, no nosso caso, na metrópole de São Paulo, e a partir desse momento se articulam para a troca de informações, busca de trabalho e alternativas de sustento. Unem-se com o intuito de se ajudarem mutuamente no entanto, em muitos casos, cria-se uma relação de dependência a partir da troca de favores.

Alguns imigrantes que já tiveram emprego formal e que foram recentemente atingidos com a crise econômica retornam às instituições, como a Missão Paz, em busca de uma nova chance de emprego. Aliam-se aos recém-chegados e na promessa de se ajudarem mutuamente, os novatos aceitam a divisão da moradia e com isso, contraem dividas com relação à locação e à alimentação e permanecem nessa situação que é difícil de saírem. Alguns imigrantes que conseguem sair dessa relação de dependência com seus nacionais preferem e buscam um trabalho, mesmo que seja temporário, que possa oferecer moradia, na maioria das vezes, precária e no próprio local de trabalho, com o objetivo de não contraírem mais dividas e escaparem da dependência de seus nacionais.

Muitos imigrantes trabalham para seus conterrâneos e acabam sendo explorados por meio de extensivas horas de trabalho em locais precários e com baixíssima remuneração. Muitas vezes tangenciam o limite da escravidão. Desse modo, as redes além de intermediarem as relações de trabalho também inserem o imigrante em situações de superexploração.

Por trás da “ajuda”, o imigrante haitiano se vê na necessidade de estar disponível e aceitar qualquer tipo de trabalho para poder se livrar de dívidas contraídas com seus nacionais e com isso, já compromete sua renda futura para os respectivos pagamentos.

Para Soederberg (2014) o salário não é mais o elemento definidor das relações de produção da sociedade. O trabalho aparece, geralmente, como precário e o trabalhador está

sempre pagando dívidas, seja um endividamento por empréstimos financeiros ou contraídos, no caso dos imigrantes haitianos, pelos seus nacionais em troca da suposta ajuda/apoio recebido durante a chegada e nos primeiros meses de permanência no Brasil.

Um dos nossos sujeitos de pesquisa nos relatou que preferiu dormir no trabalho como forma de se libertar da crescente dívida que contraiu em troca de uma cama. Não podemos, neste caso, considerar que essa rede migratória que se forma no Brasil é solidária, mas ao contrário, é exploradora da vulnerabilidade de quem não tem emprego/trabalho e não conta com ajuda e conforto da família.

Outro aspecto que tem sido verificado é que vários haitianos que estão chegando em São Paulo nos últimos tempos (a partir de 2016) relatam que desconheciam que o país estava passando por uma crise política e econômica. Isso nos faz levantar a hipótese de que esses imigrantes nunca tiveram contato com nacionais que já estavam estabelecidos no Brasil ou com uma rede pré – estabelecida de informações e pessoas. Além disso, este aspecto nos revela a total inexperiência com a migração, a falta de interesse em buscarem informações sobre o país e suas condições e a baixa escolaridade dos recém-chegados.

Com base no que expusemos, acreditamos que é necessário também pensar no papel das redes de solidariedade pelo viés que camufla a dependência e a exploração, criando a obrigação de pagamento futuro de dívidas contraídas por meio da ajuda supostamente recebida por pessoas da mesma nacionalidade.

Consideramos esses aspectos como negativos com relação às redes e julgamos de extrema importância esta análise com o intuito de podermos compreender o que vem acontecendo na metrópole paulistana nos últimos cinco anos, ou seja, desde que o país embarcou num cenário de crise política que culminou num golpe e em consequências econômicas que se agravam à cada dia e comprometem o emprego dos brasileiros e dos imigrantes como um todo, que chegam ao país com a esperança de encontrarem trabalho e melhores condições de vida.

3.2. Migração e espaço

O aumento das migrações internacionais Sul-Sul com destino à metrópole de São Paulo nos revela a mobilidade de trabalhadores que se destinam aos trabalhos precários e com baixa qualificação que são oferecidos e com isso, desenham novas territorialidades no urbano como locais identitários onde manifestam suas práticas sociais, culturais e laborais.

A territorialização dos imigrantes, conforme nos mostra os estudos de Hasbaert se dá no sentido do engajamento com o mundo do trabalho. A falta de trabalho ou o recebimento de salários baixos permite uma territorialização precária na metrópole, seja na habitação, na informalidade dos trabalhos temporários ou nos "bicos" exercidos por eles, na alimentação e consequentemente na diminuição ou escassez de envio de remessas para os familiares no Haiti.

No que diz respeito à habitação, a pesquisa nos mostrou alguns locais, bairros da cidade de São Paulo em que vivem os entrevistados os quais mostraremos a seguir. Porém, é importante ressaltarmos que, antes de desembolsarem com pagamento de aluguel, utilizam-se dos vários dispositivos gratuitos oferecidos pelas instituições religiosas ou pelo governo. Passam pelo Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI) da Prefeitura de São Paulo localizado na Rua Major Diogo (Bela Vista) onde podem permanecer por até um ano e na Missão Paz que oferece acolhimento por até três meses aos imigrantes recém-chegados. Encontramos também imigrantes haitianos vivendo em ocupações na cidade e participam dos movimentos por moradia como uma maneira de se inserirem de forma econômica na cidade e "possuírem um teto" que os abrigue evitando assim, a morada nas ruas da cidade.

Após permanecerem na Casa do Migrante da Missão Paz ou passarem pelo abrigo da Prefeitura de São Paulo, os haitianos juntam-se e à precariedade que se manifesta na moradia, muitos vivem em cortiços na região do Glicério e dividem quartos ou o aluguel de uma casa simples na periferia da cidade de São Paulo. Dividir o aluguel, as despesas da casa e a alimentação são estratégias usadas pelos imigrantes para terem como juntar um mínimo de recursos financeiros que os possibilitem enviar dinheiro para a família e terem menos despesas mensais.

O conceito de espaço é central para os pesquisadores no campo de estudos da Geografia. Para os estudos de imigração, este conceito se revela igualmente importante, pois permite considerar os processos de expulsão de populações e sua absorção em outros lugares, bem como as modificações socioespaciais que podem ser observados nos territórios de chegada. Articulam-se desse modo as relações entre os espaços e os lugares resultados das dinâmicas propiciadas pelas migrações, encaradas ainda sob a ótica das relações de poder e do capital. Por essa razão, é necessário considerar o conceito de espaço como base também em nosso referencial teórico e analítico acrescido da categoria trabalho na vertente aberta pelos estudos marxistas.

Henri Lefebvre concebe o espaço como o lugar da reprodução das relações sociais de produção, isto é, da reprodução da sociedade. Por este entendimento o espaço deve ser

concebido como espaço social, espaço vivido, relacionado à prática social e não apenas como produto da sociedade. O espaço assume a dimensão de construção social que aborda as relações humanas e o tempo histórico.

Desse modo, a construção do espaço se dá por meio de uma sociedade que o vive logo, não pode ser homogêneo. É por meio do espaço que compreendemos as dinâmicas da sociedade que se expressam nos diversos lugares.

A presença migrante é constitutiva da vida na cidade. Para Vera Teles eles são operadores urbanos onde a economia da cidade e o trabalho informal, por meio do comercio transnacional gera uma riqueza circulante em São Paulo. A paisagem urbana vai sendo modificada pela atuação dos haitianos, eles mobilizam redes nas quais circulam pessoas e informações também na escala da metrópole. Elegem locais da cidade que se tornam espaços de sociabilidade e encontro.

Os espaços urbanos são redefinidos e adaptados devido à presença dos imigrantes e vários são os atendimentos públicos destinados a eles.

Na esfera da práxis social e do espaço vivido, os imigrantes compartilham com a população local (sobretudo a mais carente e menos favorecida) as questões precárias e precarizadas da cidade no que tange à moradia, emprego, serviços públicos, transporte entre outros e se inserem nela também de forma precarizada. A presença dos imigrantes altera o funcionamento da cidade, trabalham, em sua maioria, em trabalhos precários praticando atividades formais e informais, circulam pelo espaço urbano e cotidianamente vivem em profundidade os mesmos problemas e dificuldades de seus habitantes. Ressaltamos que os imigrantes assim como, a população menos favorecida vivenciam a lógica local e global da metrópole de São Paulo sendo, suas pautas sociais por moradia decente as mesmas.

É na esfera do lugar, isto é, o ponto ou área do espaço, na origem próxima nos termos de H. Lefebvre, em que o homem identifica e realiza suas relações com o espaço vivido. Para Milton Santos, o lugar é tido como “porção discreta do espaço total”. O lugar deixa de ser compreendido apenas como fração do espaço produzido para ser visto como construção única e singular, que agrega ideias e sentidos por aqueles que o habitam.

Na dinâmica das migrações transnacionais o espaço urbano de São Paulo tece uma trama política de disputa pelo espaço, emprego/trabalho, moradia e assistência social na qual o imigrante é sujeito e as fronteiras da metrópole são fundamentais para a compreensão dos fluxos e dos movimentos migratórios para todo o Brasil e de outras localidades do território nacional para São Paulo. Além disso, a metrópole permeia o imigrante na esfera do trabalho, da moradia, na circulação e de seus conflitos.

Precisamos entender os imigrantes haitianos como sujeitos de sua trajetória migrante. A dificuldade de encontrarem emprego e a precariedade do trabalho que são inseridos revela também nas diversas esferas da vida uma imensa precariedade.

Consideramos a precariedade a partir do materialismo histórico, da dominação e do conflito de classes como produto do espaço social urbano que gera na sociedade brasileira uma enorme desigualdade econômica e de poder. A segregação se manifesta em sua dimensão espacial por meio da desigualdade no acesso às formas dignas de vida e na e exclusão social da população carente onde inserimos os imigrantes haitianos.

Há uma alienação e distanciamento do espaço da moradia com relação ao seu sentido primordial que é o do descanso, do acolhimento e do pertencimento. A partir do momento que a moradia é tomada como uma mercadoria cara e de difícil acesso, os imigrantes buscam alternativas em suas realidades de vida para habitarem na metrópole.

Há uma grande dificuldade dos imigrantes haitianos de se inserirem decentemente no urbano no que diz respeito aos espaços de moradia. Além da dificuldade para o pagamento do aluguel, há a falta de documentação completa e a impossibilidade de terem um fiador, o que os coloca numa situação complicada, vulnerável e difícil.

A nossa hipótese inicial era a de que os nossos sujeitos de pesquisa moravam no extremo da periferia de São Paulo devido ao processo de periferização na cidade, resultado da valorização do espaço urbano, e que os imigrantes haitianos iriam se fixar em regiões mais afastadas, onde o custo da habitação é menor. No entanto, encontramos a maioria deles habitando em regiões centrais como é caso da região do Glicério. Não queremos dizer que isso não aconteça porque há vários haitianos que vivem no extremo da zona sul e da zona leste da capital assim como, em outros municípios próximos à São Paulo. Mas o fato da região central da capital ter sofrido uma forte degradação e a região do Glicério apresentar vários imóveis antigos e mal preservados faz com que os cortiços se proliferem e os imigrantes possam alugar e compartilhar um mesmo imóvel para que seja ocupado por várias famílias. O mesmo processo pode ser observado na região do Cambuci, nas proximidades da Rua do Lavapés. Alugam um quarto e dividem as despesas com outros imigrantes que dormem no mesmo local. Esta forma precária de coabitação permite que “economizem” dinheiro para a garantia do envio de remessas para suas famílias no Haiti.

Com base em nossas entrevistas, tabulamos abaixo os bairros de moradia dos nossos sujeitos de pesquisa na cidade de São Paulo. Para que pudéssemos representar no mapa esses locais de moradia, classificamos os bairros citados em distritos de modo a mapearmos e identificarmos onde estão concentradas as habitações de nossos entrevistados na cidade.

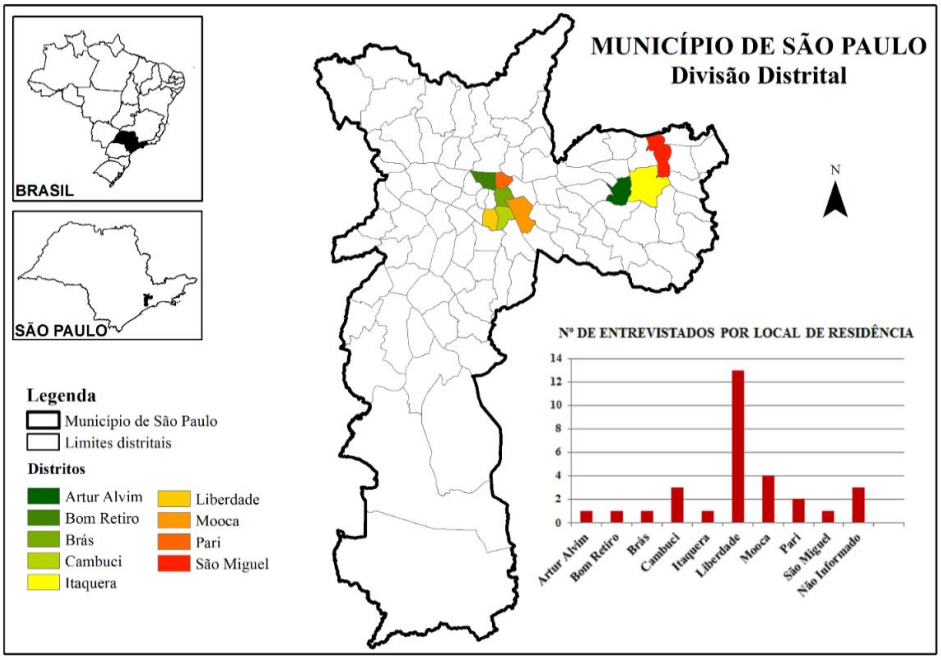
Por meio da tabela 3 podemos constatar que alguns de nossos entrevistados moram e frequentam regiões mais afastadas do centro da capital e, em outros municípios como é o caso de Santo André, Carapicuíba e Itaquaquecetuba, mas optamos em representar somente a capital.

Tabela 2: Local de moradia em São Paulo

Local de moradia em São Paulo	
Utinga (Santo André)	3
São Miguel Paulista	1
Glicério	5
Pari	2
Aclimação	2
Liberdade	6
Harmênia	1
Cambuci	3
Carapicuiba	1
Artur Alvim	1
Itaquaquecetuba	1
Brás	1
Mooca	4
Itaquera	1
Não sabe dizer	3
Total	35

Dados obtidos em nossa pesquisa – Fonte: Priscilla Pachi (2019)

Mapa 4: Distritos de moradia dos haitianos na cidade de São Paulo, 2019



Fonte: Priscilla Pachi (2019)

Com base no mapa 4 podemos afirmar que os nossos sujeitos de pesquisa estão concentrados na região central e na zona Leste da cidade. Eles ocupam o espaço da cidade de várias maneiras e a presença maciça deles na região central, como no Glicério, na Liberdade e na Sé, resultou mudanças significativas nesses locais que tinham, até pouco tempo atrás, a tradição de serem habitados e circularem por eles os orientais, os judeus e representantes de outras nacionalidades.

É importante destacarmos que as paisagens migrantes são historicamente datadas pois, os diferentes espaços da cidade são ocupados por nacionalidades diversas mediante um período histórico determinado. Os vários imigrantes que passaram pela cidade contribuíram para a economia e para a formação social do povo brasileiro em contextos históricos, sociais e econômicos variados, e deixaram assim, suas marcas no plano do vivido.

Com a chegada dos haitianos a partir de 2010 e com a intensificação do fluxo nos anos seguintes, presenciamos várias mudanças no espaço urbano no entorno da Missão Paz, primeiro local de acolhida na cidade.

A rua do Glicério e as ruas próximas que se iniciam nas imediações da estação Liberdade do metrô em direção à baixada do Glicério como a rua dos Estudantes e a rua Conde de Sarzedas apresentam uma série de comércios dirigidos por haitianos e há uma grande circulação deste grupo de imigrantes. É também neste bairro que se encontra a USIH (União Social dos Imigrantes Haitianos), uma organização que tem por objetivo oferecer serviços sociais em âmbito nacional (Brasil) e internacional (Haiti), criada pelos imigrantes haitianos em São Paulo, no dia 11 de setembro de 2014, coordenada pelos próprios imigrantes haitianos33.

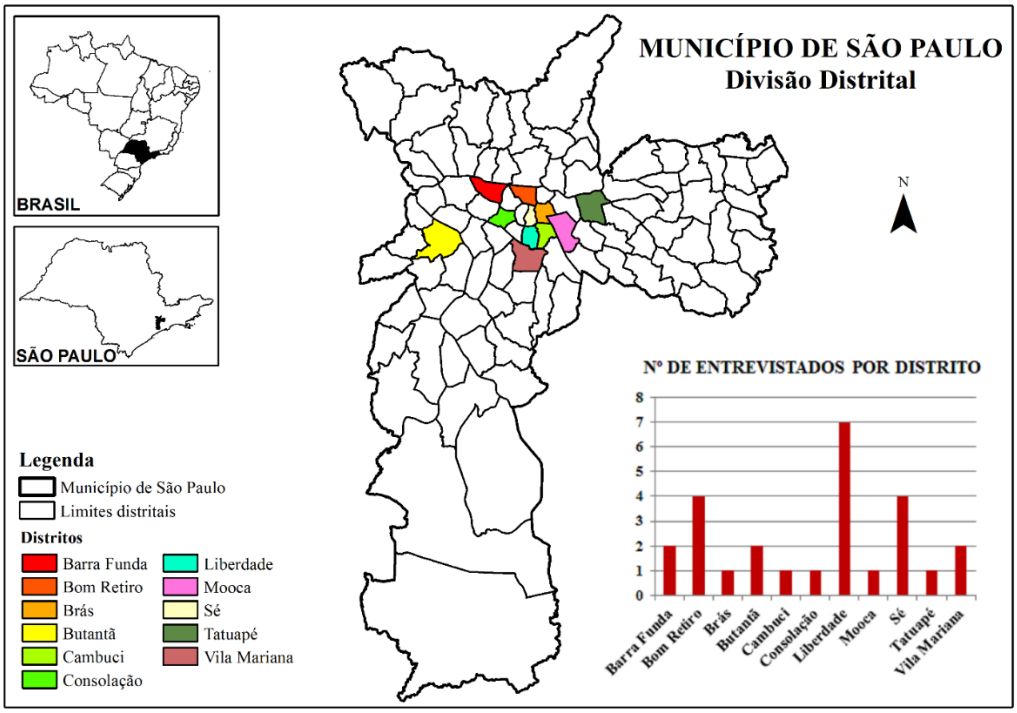
A modificação do bairro se manifesta por meio da presença de igrejas com cultos bilíngues, lojas de roupas, cabeleireiros, restaurantes e bares de comida típica, *lan house* e uma série de outros pontos de comércio cuja propriedade ou o trabalho é realizado por haitianos.

No mapa a seguir dos locais os quais nossos sujeitos de pesquisa frequentam na cidade é possível verificarmos que esta circulação também se dá na região central. O mapeamento seguiu a mesma regra da moradia, isto é, foram classificados por distritos.

---

[33] http://usihaitianos.org/quemsomos/. Acesso em: 17 jan. 2019

Mapa 5: Distritos frequentados pelos haitianos na cidade de São Paulo



Fonte: Priscilla Pachi (2019)

O intenso fluxo de haitianos na região central da cidade de São Paulo fez surgir igrejas e novos cultos que modificam o espaço e seu entorno. As igrejas cristãs do bairro do Glicério passaram a oferecer celebrações bilíngues para que os novos fiéis francófonos pudessem participar. Além dos cultos em francês encontramos também igrejas que oferecem cultos em *créole*. Cabe ressaltar que as religiões desempenham um papel fundamental na vida dos imigrantes, pois para além da prática religiosa e da fé, é no espaço da igreja que esses indivíduos se encontram, trocam informações sobre as possibilidades de trabalho e suas experiências de vida e, se unem por meio de uma única realidade compartilhada por todos, ou seja, a das dificuldades, da identidade e da luta coletiva por sobrevivência e pela esperança de dias melhores. As igrejas são extremamente importantes para a integração e sociabilização da comunidade haitiana que vive em São Paulo.

Para que pudéssemos elaborar o mapa além de usarmos a divisão distrital da cidade de São Paulo e consideramos somente o município, tivemos também que desconsiderar algumas informações que recebemos de nossos sujeitos de pesquisa, pois são informações as quais não temos condições de mapear como: lugares com *wifi*, cinema, *shopping center*, etc. No entanto, mantemos na tabela abaixo todas as respostas que obtivemos de nossos entrevistados com

relação aos locais que frequentam na cidade de São Paulo e nos municípios que fazem parte da Grande São Paulo.

Tabela 3: Locais que os haitianos frequentam e circulam em São Paulo

Locais que frequentam e circulam em São Paulo	
Praça da Sé	4
Shopping Centers	6
Praça de Utinga	2
Santo André	2
Tatuapé	1
Brás	1
Igreja Deus é amor no Glicério	6
Vila Mariana	1
Av. Paulista	1
Butantã	1
Museu da Imigração	1
Praça no Cambuci	1
Praça da Liberdade	1
Iguape	1
Parque da Luz	4
Parque do Ibirapuera	1
Parques	3
Sesc	1
Cinema	1
Biblioteca	1
USP	1
Barra Funda	2
Lugares que oferecem Wifi	1
Total	44

Fonte: Priscilla Pachi (2019)

Foi possível classificar 44 respostas, pois alguns de nossos entrevistados citaram mais de um local. É importante observarmos que alguns citaram locais como *shopping center* e cinema sem citarem o bairro na cidade o que impossibilitou o mapeamento.

Por meio da tabela é possível notarmos a importância dada às praças e parques que são citados como locais de lazer e encontro. A praça pública retoma aqui o seu significado histórico como espaço privilegiado para as discussões políticas e para vida social. Considerada como o local do encontro, do lazer e das práticas de sociabilização e de convivência das famílias. Os haitianos encontram nas praças a possibilidade de contato com seus conterrâneos e um meio gratuito de estreitar laços e fazer novos conhecidos na cidade.

A importância da religiosidade também é manifestada quando citam a igreja “Deus é Amor” como local de expressão de fé e de encontro com a comunidade. Além disso, principalmente as mulheres, citaram que frequentam e gostam de ir aos *shoppings centers* da cidade. Os mais escolarizados citaram que frequentam biblioteca, USP, SESC, cinema e o museu da Imigração.

Outra característica importante para considerarmos na mudança do espaço na região central da cidade, mais precisamente no bairro do Glicério em frente e no entorno da Missão Paz, com a chegada dos haitianos é a presença permanente das “Madames Saras” que são mulheres haitianas que informalmente oferecem produtos alimentícios (frutas e legumes – *in natura* ou assados) e fazem comida nas ruas para vender. As “Madames Saras” são personagens conhecidas e atuantes nas ruas de Porto Príncipe e, em São Paulo, atuam da mesma maneira, ou seja, reproduzem seu modo de vida haitiano na capital paulista dando um novo significado à paisagem urbana da cidade por meio da atividade informal exercida por elas e que garante, para muitas famílias, a única renda para o seu sustento. Revelam por meio de suas práticas a importância do protagonismo feminino na economia familiar num momento de crise e falta de trabalho.

Figura 7: Madames Saras em frente à Missão Paz

Foto: Priscilla Pachi (2018)

Criam na cidade de São Paulo, mais precisamente nas proximidades da Missão Paz, um espaço com identidade haitiana resultado da forte presença da comunidade, seja pela moradia ou pelas atividades econômicas que desenvolvem no local.

De acordo com Sayad (1998), o espaço do deslocamento é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, entre outros.

Esse espaço qualificado dos deslocamentos, da habitação e da inserção no mercado de trabalho dos imigrantes haitianos em São Paulo nos revela um processo desigual de produção do espaço onde a migração além de produzir o espaço urbano também é produto dessa desigualdade que se manifesta na segregação dos espaços na cidade.

Desse modo, podemos afirmar com base em nossa pesquisa que a maioria dos haitianos, mesmo os que estão há mais tempo em São Paulo não interagem com os brasileiros, exceto quando estão empregados e mesmo assim, a interação se dá no ambiente de trabalho e não fora dele. Logo, o cotidiano, principalmente dos que estão sem a família, se resume ao trabalho e ao retorno para casa com vista ao descanso para poderem trabalhar novamente no dia seguinte.

De maneira geral, são sozinhos, interagem pouco até mesmo com a comunidade haitiana e menos ainda com a brasileira. Questionados se tinham contato com a comunidade haitiana em São Paulo, 18 responderam que sim e 13 disseram não. Os momentos de interação com os haitianos se dá pela divisão da casa ou nos cultos evangélicos que frequentam. Praças, parques e *shoppings centers* são locais do lazer e de encontro. Pudemos também observar a importância que tem o aparelho celular na vida desses imigrantes, é por meio dele que estão constantemente em contato com a família e como nos ensina Sayad (1998) e que interpretamos em nosso tempo, o celular é usado como forma do ausente se manter presente em sua comunidade de origem. É também pelo celular que acessam as notícias de seu país e escutam música haitiana.

Com base no exposto neste capítulo concluímos que a paisagem urbana e social dos diversos distritos da cidade de São Paulo apresentam vários processos históricos pautados por movimentos migratórios os quais deixaram suas contribuições para a economia e desenvolvimento da cidade e imprimiram suas marcas identitárias no espaço urbano. A imigração haitiana representa no século XXI mais uma contribuição para a cidade e revela, como consequência, mudanças significativas, principalmente, na região central da metrópole paulistana.

4. Fluxos de remessas para o exterior e do exterior para o Brasil

É importante destacarmos que os imigrantes fazem parte da circulação da riqueza e da produção pelo mundo, quando empregados, garantem o fluxo de remessas em dinheiro para seus países de origem para a manutenção da vida de suas famílias. Sendo assim, a circulação desse dinheiro se dá em outros locais que não foram os da produção e do ganho do salário e consequentemente faz girar outras economias em outras partes do mundo.

O envio de remessas em dinheiro aos familiares que ficaram no Haiti desempenha a função de ajudar no sustento da família e demonstrar que a empreitada migratória não foi em vão e que o projeto migratório valeu a pena. A ausência no envio de remessas pode configurar fracasso não somente individual, mas sobretudo coletivo já que a imigração haitiana, em sua maioria, trata-se de um projeto familiar.

Desse modo, o principal objetivo do imigrante haitiano quando chega ao Brasil é encontrar emprego e com a renda mensal, garantir o envio de remessas financeiras para a família. O emprego formal ou o trabalho informal é o que garante o envio mensal ou trimestral dependendo da necessidade familiar. As remessas dos haitianos tem por finalidade a manutenção da vida de quem ficou na origem (Haiti ou na República Dominicana).

Para Handerson (2015) a diáspora haitiana possui um papel crucial na vida social e econômica do país.

> O fato de ser diáspora implica, principalmente do ponto de vista dos que ficam e das expectativas dos que saem, possuir dinheiro, ser uma pessoa bem-sucedida economicamente. Boa parte da economia do Haiti é mantida pelas remessas da diáspora. De acordo com os dados do Fundo Multilateral de Investimento (FOMIN) ligado ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em 2006, o país recebeu US$ 1.017.000.000 dos haitianos residentes nos Estados Unidos. Do Canadá, foram US$ 230.000.000; da França, US$ 130.000.000 e da República Dominicana e das Bahamas, US$ 33.000.000. Em 2007, as remessas enviadas para os familiares no Haiti superaram US$ 1.065.000.000. Esse valor representa 24% do Produto Interno Bruto (PIB) anual, embora as transferências legais observadas nesses dados não incluam envios informais. (HANDERSON, 2015, p. 61 e 62)

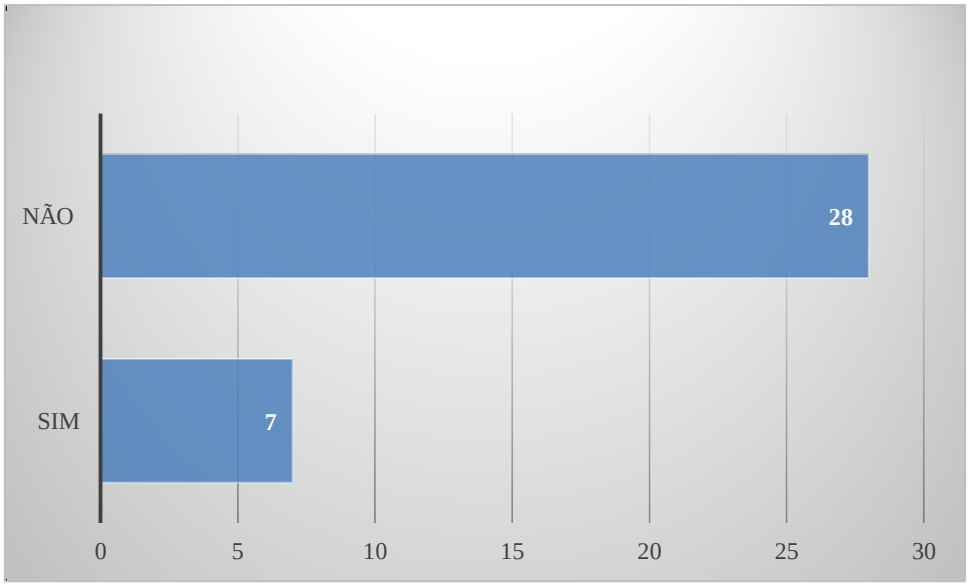
E ainda,

> (...) segundo as estatísticas do Banco Central (BC), em junho de 2014, os imigrantes enviaram para fora US$111 milhões. Nesse período, havia 40 mil haitianos no Brasil e cerca de 80% deles estavam economicamente ativos e enviaram em média, US$ 200 por mês para o Haiti. No total, eles remeteram US$ 6,4 milhões mensais às famílias. Em um ano, seria um total de US$ 76,8 milhões, ou seja, 5% do total de remessas externas recebidas pelo país. O Haiti é o oitavo país mais dependente de remessas externas do mundo. Esses dados mostram quanto os migrantes haitianos deram conta de enviar de dinheiro à suas famílias, apesar das condições

> difíceis do trabalho, sobretudo o baixo salário. Em geral, as remessas de migrantes correspondem à fração dos salários desses trabalhadores que, não utilizada por eles, é enviada aos parentes que permaneceram no seu país de origem. (CEPAL, 2006 apud PATRICE, 2017, p. 86-87)

Tínhamos inicialmente e, com base nas leituras de estudos e artigos sobre esta imigração, a ideia de que as remessas financeiras eram somente enviadas ao Haiti ou República Dominicana pelos imigrantes quando trabalhavam, mas as entrevistas nos mostraram um fato que nos causou uma grande surpresa. Questionados como estavam fazendo para sobreviver sem emprego em São Paulo, sete dos nossos entrevistados disseram que recebem ajuda financeira vinda de fora do país para a garantia das necessidades básicas enquanto estiverem sem trabalho.

Gráfico 25: Sujeitos de pesquisa que receberam recursos de fora do país



Dados obtidos com a pesquisa. Fonte: Priscilla Pachi

Outro fato que nos chamou a atenção refere-se à origem dessas remessas, elas não se originam somente no Haiti, país de origem desses imigrantes e onde deixaram suas famílias, mas também em outros países como os Estados Unidos, França, Chile e Canadá. Esse fato nos revela como as redes migratórias atuam e se articulam de forma global, isto é, ao migrarem para o Brasil, outros integrantes da família já haviam migrado para países do hemisfério norte e na impossibilidade de se juntarem a eles, os que trabalham nesses outros países e conhecem a dificuldade de sobrevivência dos que estão no Brasil, ajudam com o envio de dinheiro para que tenham condições mínimas de sobrevivência enquanto não encontram trabalho ou possam

migrar para outro lugar o que inclui, até mesmo, se juntarem aos que são responsáveis pelo envio dessas remessas.

Por meio dos países citados pelos nossos entrevistados, conseguimos perceber a mobilidade dos haitianos pelo mundo. Tendo em vista que muitos tinham como sonho a chegada aos Estados Unidos, constatamos que alguns familiares dos que aqui estão conseguiram entrar em território americano e possuem algum tipo de trabalho para garantir, por meio de remessas, o sustento dos que aqui estão e de outros familiares que se encontram no Haiti.

Em 2015 e nos anos que se seguiram até 2017, devido à crise econômica brasileira muitos haitianos decidiram partir do Brasil rumo aos Estados Unidos e Chile. Com o fechamento da fronteira por Donald Trump e a falta de perspectivas no Chile, devido ao endurecimento da lei chilena de imigração que, passou a exigir visto de turista aos haitianos com permanência máxima de um mês34, percebe-se uma nova onda de haitianos voltando ou vindo pela primeira vez ao Brasil.

O fluxo considerável de haitianos que partiu rumo ao país vizinho, Chile, por conta da crise econômica justifica a informação que recebemos de remessas provenientes deste país.

Além das mudanças na lei de migração, no Chile os haitianos enfrentam xenofobia e só conseguem emprego se chegarem com contrato assinado; muitos trabalham como ambulantes, vendendo comida e mercadorias trazidas por peruanos, que são igualmente indocumentados35.

No que diz respeito à França, podemos dizer que esse país sempre recebeu fluxos de haitianos por ser uma ex-colônia francesa além disso, os haitianos não encontram barreira com relação ao idioma. Quanto ao Canadá, é possível inferir que se trata de um país ainda aberto à imigração e com várias oportunidades de emprego. Como na França, outro fator que também pode ter motivado os haitianos para o Canadá é a língua francesa falada em parte desse país. O fato é que recursos vindos da França e do Canadá também contribuem para a manutenção de vida de alguns haitianos no Brasil.

Podemos dizer com base em nossa pesquisa que há uma rede global de remessas de valores motivadas pelos deslocamentos de haitianos pelo mundo e que não se restringem à origem e destino desses imigrantes, mas que possuem uma conectividade internacional que

---

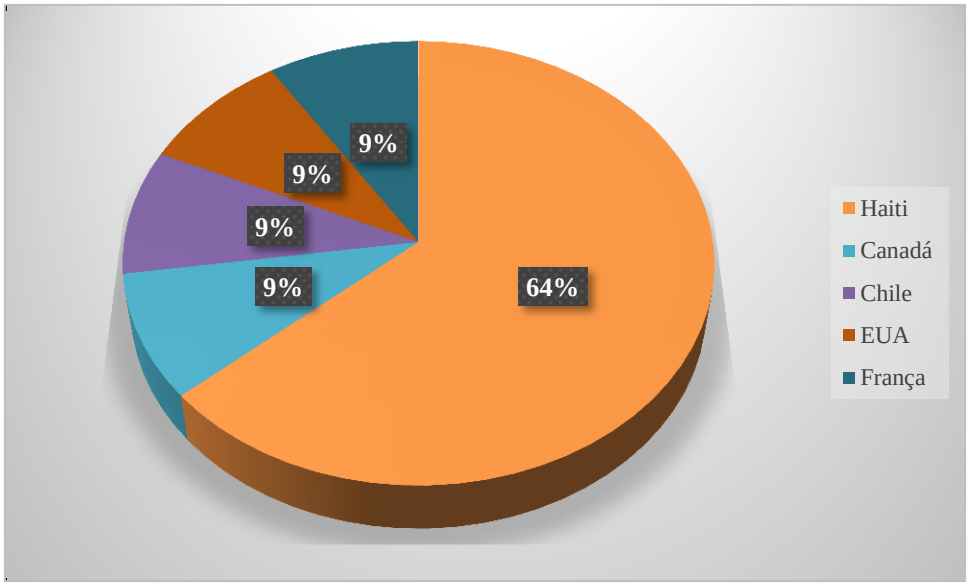
[34] https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/07/apos-mudanca-de-lei-no-chile-haitianos-voltam-a-procurar-o-brasil.shtml. Acesso em: 15 jan. 2019

[35] https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/08/16/o-dramatico-vai-e-vem-dos-haitianos. Acesso em 15 jan. 2019

faz parte da dinâmica migratória, que garante a circulação de recursos e de sobrevivência de quem os recebe.

Com base no gráfico abaixo, podemos observar as origens das remessas as quais foram citadas pelos nossos sujeitos de pesquisa e que garantem a vida deles em São Paulo enquanto estão desempregados.

Gráfico 26: Origem das remessas para o Brasil

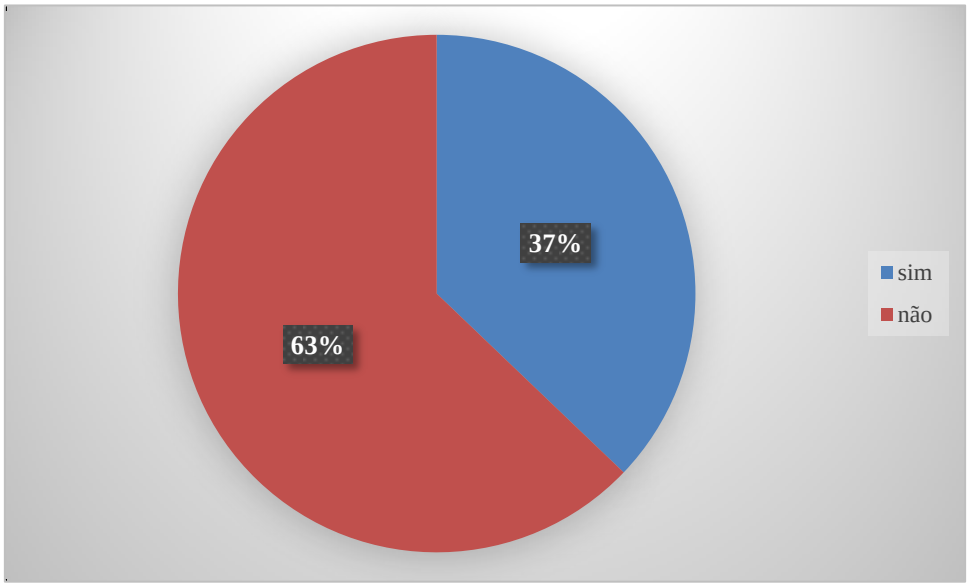


Dados obtidos com a pesquisa. Fonte: Priscilla Pachi (2019)

É possível observar que a maior quantidade de remessas são provenientes do próprio Haiti e isso nos leva a pensarmos na hipótese de que, os imigrantes que estão no Brasil e que recebem essas remessas tiveram em território nacional um rebaixamento social de vida com relação ao país de origem e que o contexto familiar que viviam não condiz com o da extrema pobreza a partir do momento que recebem recursos das próprias famílias.

No que diz respeito ao envio de remessas a partir do Brasil, dos 35 entrevistados, 13 nos disseram que enviam ou já enviaram remessas financeiras para o Haiti, República Dominicana e Guiana Francesa. Os envios são para as famílias que permaneceram no Haiti ou que migraram para esses países que acabamos de mencionar.

Gráfico 27: Haitianos que enviaram remessas para o Haiti



Dados obtidos com a pesquisa. Fonte: Priscilla Pachi (2019)

As remessas enviadas variam entre R$200,00 e R$700,00 e se dão de forma mensal, trimestral ou semestral dependendo da necessidade de quem receberá o dinheiro e a possibilidade de economizar de quem envia, mas o principal motivo é a necessidade de quem permaneceu no país de origem ou na última parada migratória. As quantias citadas nos revelam o grau de dificuldade de vida enfrentada pelos haitianos no Haiti tendo em vista que são destinadas para o consumo básico das famílias.

Como nos aponta Magalhães e Baeninger (2016) entre 2005 e 2014, as remessas de migrantes representaram mais de 20% do PIB criando assim, o conceito de "dependência de remessas" por parte das famílias desses imigrantes no Haiti.

> Segundo Binford (2002), a dependência de remessas é um conceito que expressa a necessidade crescente que algumas famílias envolvidas no processo migratório têm dos recursos enviados pelos familiares ao país de origem. Esta dependência faz menção direta não tanto ao nível dos recursos enviados, mas à forma com que estes recursos são utilizados. Nesse sentido, as famílias serão dependentes à medida que tais recursos sejam predominantemente utilizados para o consumo, a subsistência da família, o pagamento dos gastos correntes com alimentação e educação, por exemplo. (MAGALHÃES E BAENINGER, 2016, p.245 e 246)

Segundo o censo de 2010 a população do Haiti era 9.896 milhões de habitantes e de acordo com um cálculo feito a partir das estimativas das Nações Unidas para o estoque internacional de migrantes, a proporção de haitianos morando fora do seu país de origem em 2010 era de 9,9% em relação ao total de haitianos (incluindo os que moram no Haiti) e teria

passado a 10,1% em 2015, o que equivale a um aumento de 103.215 haitianos morando fora do Haiti.[36]

Com base no número de haitianos que vive fora do Haiti, podemos dizer que mesmo tendo como base pequenos valores transferidos para o Haiti mensalmente, há uma circulação considerável de recursos e riquezas que entram no país, mas essas remessas não contribuem para o desenvolvimento econômico e social desse país, pois são destinadas à manutenção da vida. Na imigração, as famílias ficam em seu país de origem e os trabalhadores precisam remeter moeda estrangeira para manutenção familiar. Geralmente os destinatários das remessas são a esposa ou a mãe dos imigrantes já que este fluxo migratório é predominantemente masculino e muitos deixaram esposa e filhos no Haiti logo, o objetivo é o de manter a família e as despesas da casa. Um fator a ser considerado é que, muitas vezes, a remessa enviada é dividida entre esposa e filhos e a casa materna o que dificulta ainda mais a manutenção das despesas.

Apesar dos salários baixos que recebem, os imigrantes haitianos conseguem economizar até mais da metade mensalmente para enviarem à suas famílias. Para isso, passam necessidade em São Paulo e, como já mencionamos, vivem com outros haitianos para dividirem o aluguel e as despesas com alimentação.

Para os imigrantes que trabalham na informalidade, as remessas são menores e feitas mais de uma vez ao mês dependendo da capacidade de conseguirem juntar o dinheiro. Para os imigrantes que possuem trabalho formal, as remessas são mensais ou trimestrais dependendo da economia que fazem e das necessidades da família na origem.

As remessas tanto de envio quanto de recebimento são efetuadas por empresas (corretoras) de transferência de dinheiro, principalmente, Western Union e Moneygram que efetuam operações normais de câmbio onde são cobradas a cotação da moeda, o IOF e outras taxas de transferência. Não há controle do Banco Central no momento em que a operação é feita e sim, quando a instituição em si é fiscalizada. No momento da fiscalização verifica-se se as normas estabelecidas são cumpridas como, por exemplo, a identificação do cliente e do destinatário das remessas.

Tanto a MoneyGram quanto a Western Union são empresas americanas com sede nos EUA e possuem escritórios regionais e locais em todo o mundo. Outra corretora citada por

---

[36] http://dapp.fgv.br/haitianos-no-brasil-hipoteses-sobre-distribuicao-espacial-dos-imigrantes-pelo-territorio-brasileiro/. Acesso em: 20abr.2019

nossos sujeitos de pesquisa é a haitiana Unitransfer, uma subsidiária integral da Unibank S.A., o banco comercial líder no Haiti que está no setor de serviços monetários desde agosto de 1999 e inicialmente concentrou seus serviços de remessa de dinheiro para o mercado haitiano.

As corretoras tentam cada vez mais se aproximar dos imigrantes com a estratégia de divulgação de serviços para aumentarem as suas carteiras de clientes. Participam de eventos das comunidades imigrantes, estão nas manifestações folclóricas de cada nacionalidade que ocorre na cidade e estão presentes nos diversos encontros e debates sobre migração no Museu da Imigração e em outras instituições que lidam com o tema.

Para este mercado, os imigrantes representam um segmento importante para o envio de remessas a partir do momento que a maioria possui familiares que dependem do dinheiro enviado para sobreviverem. O envio e o recebimento de recursos pelas corretoras é rápido e seguro e as remessas ficam disponíveis para a retirada em até uma hora após o envio no local de destino, podendo ser sacada somente pelo destinatário mediante a confirmação dos dados por meio do documento de identidade.

Com todo o crescimento nos envios e recebimentos de remessas, as corretoras estão cada vez mais investindo em abertura de pontos de venda e nas parcerias com lojas de varejo espalhadas não somente em São Paulo, mas por todo o território nacional. As parcerias com o comercio garantem às corretoras uma capilaridade que permite ao imigrante encontrar várias possibilidades de pontos de atendimento tanto para o envio quanto para o recebimento de remessas.

Cabe ressaltar que os envios também podem ser feitos "*on line*" pelo "*site*" das corretoras. Pela Western Union a transação online ou presencial pode ser feita com cartão de débito ou crédito e o destinatário recebe em um de seus pontos de serviço. Para transferência de até R$2.500,00 são cobrados 0,38% de IOF, 4% e R$10,00 de taxas. Para valores acima de R$2.500,00 há uma taxa fixa de R$100,00 e o IOF. Com relação à capilaridade no atendimento para esta corretora é possível fazer o envio de dinheiro em aproximadamente 13 mil pontos no Brasil que incluem escritórios da própria empresa e pontos de comercio das lojas Riachuelo, Magazine Luiza Gazin e dos supermercados Extra o que garante aos imigrantes o fácil acesso a esses serviços. Para enviar dinheiro pessoalmente, basta o imigrante se dirigir a uma agência ou posto de atendimento, preencher o formulário e fazer a transferência diretamente com o atendente.

Com base no aumento das remessas e o crescimento no mercado financeiro das corretoras, os Bancos do Brasil e o Bradesco firmaram convênios com a Western Union o que fez aumentar ainda mais a capilaridade dos pontos de atendimento na cidade.

O Banco Bradesco firmou a parceria para garantir maior agilidade e facilidade para o envio e recebimento de dinheiro. O recebimento está disponível para quem não é cliente do Bradesco e em toda a rede de agências. Para o envio de remessas ao exterior, o serviço está restrito aos correntistas do banco logo, o imigrante deve ter uma conta corrente no Bradesco caso decida enviar pelo banco. Assim como nas corretoras, a taxa de conversão da moeda estrangeira para Reais é informada no momento da operação e a tarifa de envio de remessas varia de acordo com o país de destino e o valor enviado[37].

As exigências do Bradesco para o recebimento das remessas incluem que as transações sejam feitas somente por pessoas físicas e o beneficiário no Brasil deve possuir CPF em situação regular junto à Receita Federal do Brasil. Assim sendo, para o imigrante receber remessas enviadas basta que ele se dirija a uma das agências do Bradesco de posse de seu CPF, o número do MTCN (referência informada pelo ordenante no exterior - obrigatório para localização da remessa), comprovante de residência (para não correntista) e de um documento com foto para sacar o dinheiro que foi enviado.[38]

No que tange ao Banco do Brasil, a parceria com a Western Union também fez crescer o número de pontos de atendimento da corretora. Atualmente, são mais de 410 mil agentes da Western Union espalhados pelo mundo e a rede de atendimento do Banco do Brasil à disposição dos imigrantes. O convênio entre as duas entidades oferece os serviços de transferências financeiras internacionais para o Brasil e transferências financeiras internacionais para o exterior[39].

Com base nos moldes já citados do Banco Bradesco, no Banco do Brasil as transferências financeiras internacionais para o Brasil só podem ser realizadas entre pessoas físicas e são disponíveis para clientes e não clientes do Banco do Brasil. Para receber uma remessa, o cliente deve procurar qualquer agência do banco ou apenas ligar para a central de atendimento, desde que possua a autorização permanente para crédito em conta assinada junto à agência de relacionamento (para remessas até US$ 3.000,00 não é necessária a assinatura da Autorização Permanente). Para as transferências financeiras internacionais para o exterior, o serviço é exclusivo para clientes do Banco do Brasil.

---

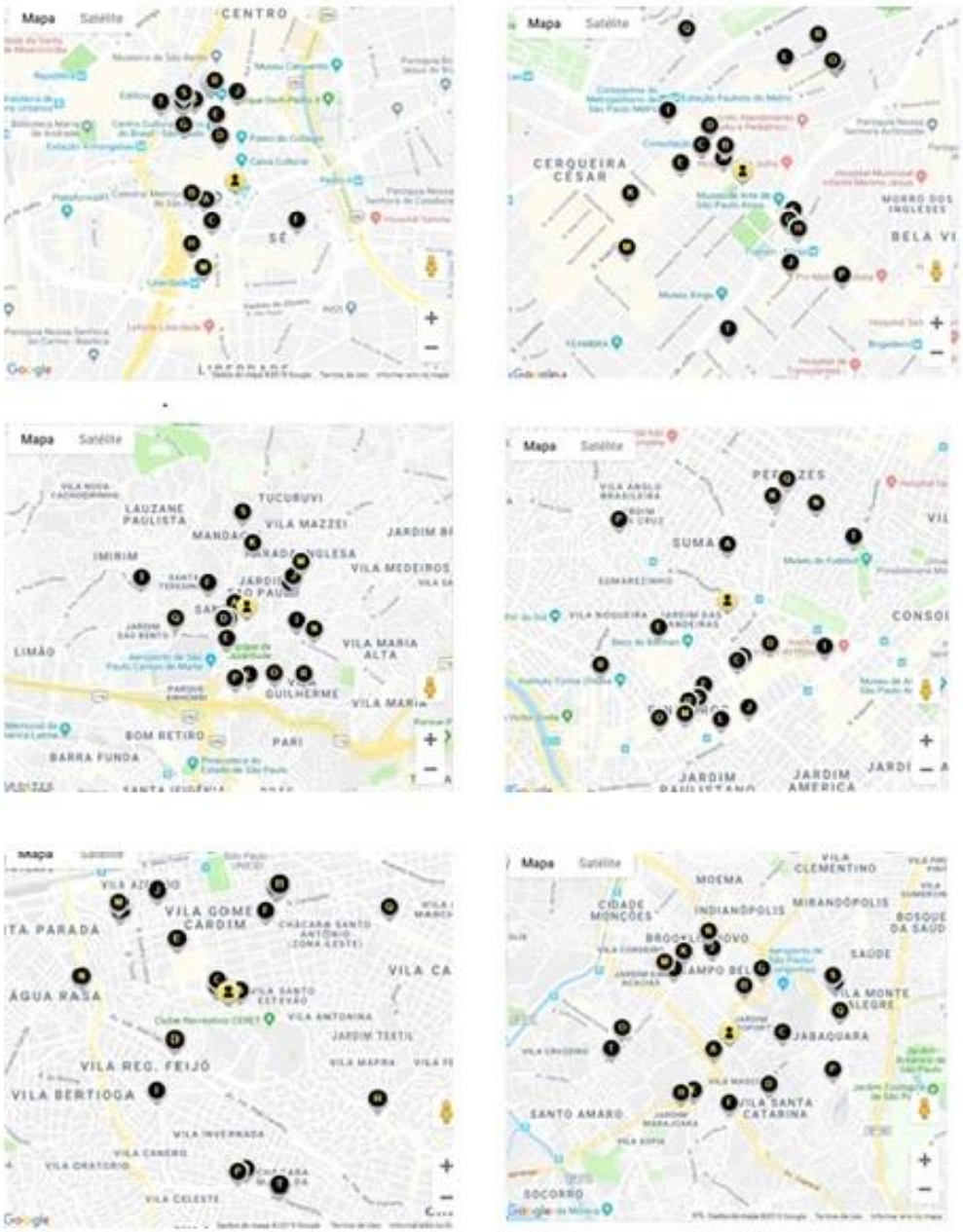
[37] https://banco.bradesco/html/prime/produtos-servicos/cambio/remessas-internacionais/index.shtm. Acesso em: 15 fev. 2019

[38] https://banco.bradesco/html/prime/produtos-servicos/cambio/remessas-internacionais/index.shtm. Acesso em: 15 fev. 2019

[39] https://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial/atendimento/western-union#/. Acesso em: 15 fev. 2019

Tendo em vista as várias parcerias com o varejo e alguns bancos, optamos por representar abaixo a capilaridade dos pontos de atendimento na cidade de São Paulo da corretora Western Union. O fácil acesso e a disponibilidade dos convênios firmados estimulam as transferências e garantem a prestação de serviço em qualquer local da cidade de São Paulo aos imigrantes.

Mapa 6: Representação da capilaridade da Western Union na cidade de São Paulo. 2019



Representação da Capilaridade da Western Union nas regiões Central, Av. Paulista, Zona Norte, Zona Oeste, Zona Leste e Zona Sul de São Paulo. Fonte: https://www.westernunion.com/br/pt/agent-locator.html. Mapa. Priscilla Pachi

Com base nas representações dos pontos de atendimento da Western Union, podemos dizer que toda a cidade de São Paulo tem o serviço de remessas disponível para os imigrantes que precisam enviar ou receber dinheiro, não sendo uma dificuldade para eles encontrarem a prestação do serviço.

Segundo dados das próprias corretoras, as remessas feitas pelos haitianos nos últimos anos superou a participação de bolivianos no envio de microremessas de dinheiro para o exterior (Haiti e República Dominicana) no segmento de transferências internacionais de câmbio40·. No que tange à economia brasileira e os fluxos de remessa, é possível dizer que até 2010 o Brasil era mais receptor de remessas internacionais, ou seja, entravam mais recursos de brasileiros que moravam fora do Brasil do que de imigrantes. A partir de 2010 este cenário praticamente se equiparou devido ao aumento da entrada dos novos fluxos migratórios, principalmente dos haitianos, para o país o que garantiu o crescimento do envio de remessas feitas por imigrantes para outros países.

Além de sinalizar a forte alta recente, os dados do Banco Central indicam que a capacidade de envio de dinheiro dos estrangeiros é um fenômeno bem recente. Nos seis primeiros meses de 2010, não houve remessa de dinheiro para o Haiti - atualmente é o quinto principal destino41.

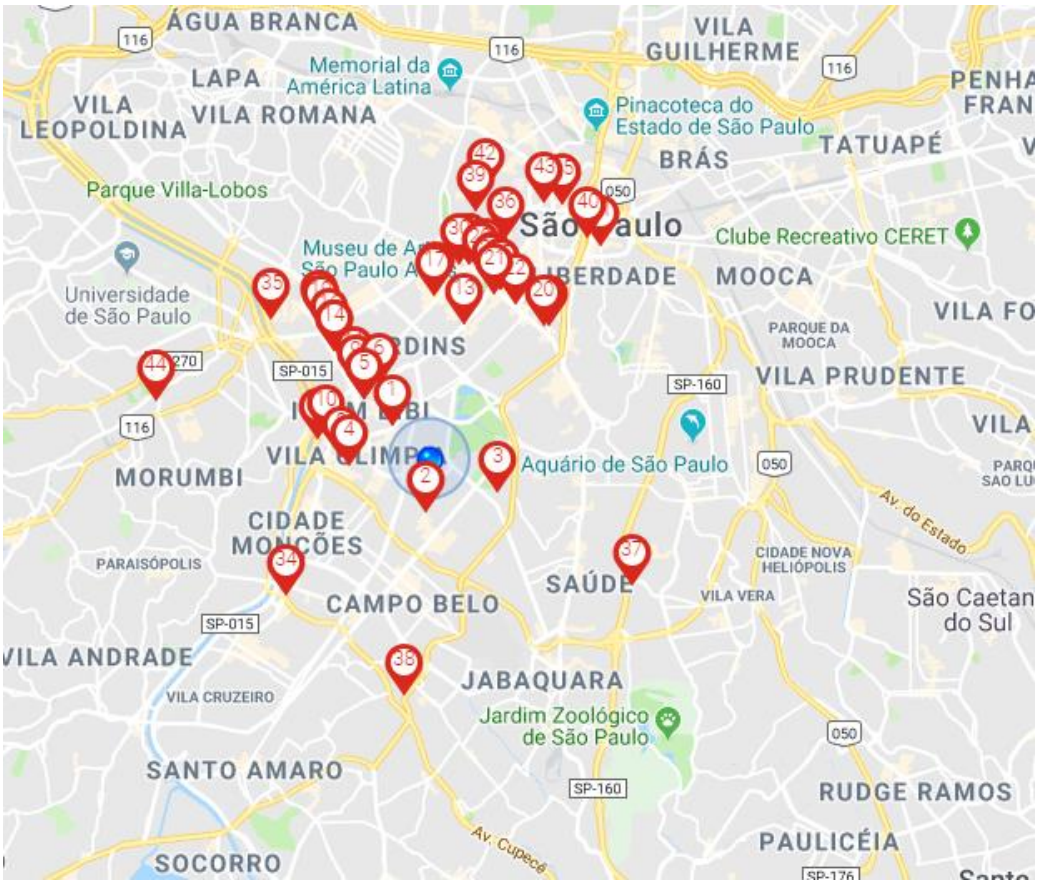
Pela corretora MoneyGram é possível enviar dinheiro para o Brasil diretamente para uma conta bancária ou para uma agência MoneyGram. As taxas de câmbio para esses dois tipos de transação são diferentes e o imigrante precisa pessoalmente se dirigir a uma agência. Representamos abaixo a capilaridade dos pontos de atendimento desta corretora cuja concentração dos serviços na região central da cidade coincide com os locais de maior circulação de haitianos. Cabe ressaltar que existem várias outras no mercado, mas priorizamos citar as que mais foram mencionadas pelos nossos sujeitos de pesquisa.

---

[40] https://www.dci.com.br/financas/haitianos-lideram-as-remessas-internacionais-1.580302. Acesso em: 15 mar. 2019

[41] https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2017/08/epoca-negocios-imigrante-manda-mais-dinheiro-para-casa.html. Acesso em: 15 mar.2019

Mapa 7: Representação da capilaridade da MoneyGram na cidade de São Paulo



Capilaridade da Moneygram na cidade de São Paulo. fonte: http://moneygram.com.br/br-ptb-locator.

Outra modalidade de transferência é por meio de bancos que exigem do imigrante que possuam uma conta bancária. Geralmente este tipo de envio é mais caro do que o das corretoras. Para que as remessas por bancos sejam efetuadas é necessário ter o número internacional da conta, conhecido pelo código IBAN ou SWIFT que é cedido pelo banco o qual o imigrante é correntista e com isso, escolhe-se a instituição bancária que será enviado para o exterior.

Cada banco cobra as suas taxas além dos impostos que incidem na transferência. O envio de dinheiro para o Brasil ou do Brasil para o exterior através dos bancos é uma forma muito segura, porém mais demorada e custosa.

Cada empresa e/ou instituição financeira possui taxas e limites que podem variar, bem como o processo de verificação. Os clientes do Banco do Brasil podem ir a qualquer agência com função câmbio ou liberar a operação pela Internet e transferir o dinheiro para qualquer

lugar do mundo. A partir deste momento, o destinatário para resgatar o dinheiro deve ir a uma agência da Western Union.

Em 2011 a empresa americana Western Union começou a operar no Brasil também na qualidade de banco além de corretora de câmbio com o objetivo de oferecer também serviços de transferência de pequenos volumes de dinheiro dentro do Brasil sem a necessidade de que as pessoas envolvidas na transação tenham conta corrente[42].

Assim como as corretoras expandem seus serviços e pontos de atendimento por São Paulo, nas ruas de Porto Príncipe, "as casas de transferência internacional de dinheiro multiplicam-se na mesma proporção que as casas lotéricas, tanto nas regiões mais simples, como Cité Militaire, como em bairros nobres e com hotéis cinco estrelas, como Pétion Ville"[43].

Tendo em vista a importância das remessas para o Haiti, em 2012, o governo Martelly iniciou um programa para taxar as remessas enviadas da diáspora para o país, o objetivo do governo com esta medida foi o de financiar o "Programa Escola Gratuita" haitiano.

Os imigrantes inserem-se na economia da cidade e são alvos de interesse do mercado financeiro. A própria Prefeitura de São Paulo por meio da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHC) estabeleceu um termo de cooperação com a Caixa Econômica Federal (2013) e outro termo com o Banco do Brasil (2014) para promover a bancarização de imigrantes residentes na cidade. A Prefeitura defende que a abertura das contas bancárias é:

> (...) uma maneira de enfrentamento da situação de maior vulnerabilidade que experimentam os imigrantes ao guardarem suas economias e rendas em casa; permite que acessem os programas sociais para que possam ser beneficiários; evita que percam oportunidades de empregos formais pelo fato de terem uma forma adequada de receber sua remuneração; possibilita que recebam as indenizações de reparação às vítimas de trabalho escravo. A bancarização é, portanto, mais uma medida equalizadora das condições de vida de imigrantes e requisito para o acesso a diversos direitos[44].

Os objetivos da bancarização mencionados acima pela Prefeitura de São Paulo não refletem o real interesse dos bancos que veem na população migrante uma forma de obterem

---

[42] http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/10/western-union-quer-30-mil-correspondentes-no-brasil-em-ate-5-anos.html. Acesso em: 15 fev. 2019

[43] http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/imigracao-ilegal-ao-brasil-movimenta-economia-haitiana-pos-terremoto.html. Acesso em: 15 mar. 2019

[44] https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/imigrantes_e_trabalho_decente/programas_e_projetos/index.php?p=198954. Acesso em: 15 mar. 2019

lucro por meio da venda dos serviços bancários, das várias taxas que são cobradas com a manutenção das contas e dos empréstimos que podem ser concedidos para as necessidades dos imigrantes. Os imigrantes assim como qualquer outro cliente são vitais para a manutenção e desenvolvimento das atividades bancárias e para o aumento do faturamento dessas entidades financeiras.

Segundo SASSEN (2016) o envio de dinheiro dos emigrantes de baixa renda aos seus países de origem é maior do que a atual ajuda externa a esses países. Além disso, desde o fim da década de 1990, uma porção cada vez maior da ajuda internacional se dá por meio de ONGs e organizações filantrópicas, marginalizando ainda mais o papel dos governos no desenvolvimento. (SASSEN, 2016)

Um fator importante que impacta no bolso do imigrante no que tange o envio e recebimento de remessas que não podemos nos furtar em citar são as oscilações do dólar e a desvalorização do Real na economia nacional em decorrência da crise econômica brasileira. O aumento da cotação do dólar resulta num maior dispêndio em reais dos imigrantes no ato do envio das remessas. Portanto, em tempos de crise há maior dificuldade para o envio das remessas, mas isso não representa a sua redução.

Handerson (2015) com relação ao termo diáspora nos relata que o migrante precisa morar num país estrangeiro por muito tempo para que possa conquistar uma melhor situação econômica e garantir o envio de remessas para melhorar a vida também dos familiares que ficaram no Haiti. No mesmo sentido da diáspora, é preciso destacarmos que além das remessas monetárias enviadas para o Haiti há também o envio de mercadorias que chegam em contêineres para as famílias com roupas, brinquedos e utensílios para casa e para o dia a dia das famílias.

A taxa de desemprego, segundo o governo haitiano, é de 42% da população, sendo que 80% estão abaixo da linha da pobreza. Dados da missão de paz da ONU apontam que três em cada dez haitianos conhece alguém que está morando no Brasil ou nos EUA. “Dados da CIA apontam que 41% da população não tem acesso à água potável e 83% não possui acesso ao sistema sanitário. A expectativa de vida é de 62 anos e 53% da população é analfabeta”45.

A obrigação moral e a responsabilidade com a família para garantir o envio de remessas faz com que o imigrante haitiano, conhecendo as dificuldades de vida em seu país e ciente da

---

[45] http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/imigracao-ilegal-ao-brasil-movimenta-economia-haitiana-pos-terremoto.html. Acesso em: 15 mar. 2019

espera por recursos e ajuda, aceite qualquer trabalho mal remunerado e precário, passe restrições e dificuldades no Brasil, mas que consiga enviar dinheiro com certa frequência para seu país para que o impacto das tristes estatísticas que citamos possam ser minimizadas por meio do recebimento das remessas.

5. Considerações finais

No fim de 2011, dados estatísticos da ACNUR apontavam que “42,5 milhões de pessoas no mundo inteiro haviam saído à força de suas casas como consequência de conflitos novos ou persistentes em diferentes partes do globo”. (SASSEN, 2016, p.66)

> Entre 2010 e 2015, o número de trabalhadores imigrantes no mercado de trabalho formal brasileiro aumentou 131%. De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), esse número passou de 54.333 para 125.535 trabalhadores em 31 de dezembro de 2015. (...) Os trabalhadores haitianos passaram de 815 em 2011 no mercado de trabalho formal para 33.154 em 2015. No entanto, desde outubro de 2015 até junho de 2016 o número de demissões superou as admissões o que sinaliza que os imigrantes passaram a sofrer com o desemprego46.

Assistimos constantemente ao aumento dos fluxos migratórios pelo mundo. Milhares de pessoas são submetidas a uma série de violações em travessias arriscadas por mar ou via terrestre em busca de uma nova oportunidade de vida. Independente da ordem dos conflitos que gera os deslocamentos, precisamos analisar os movimentos migratórios da atualidade no âmbito do capitalismo global onde o trabalho configura-se como peça central para a manutenção de vida tanto do imigrante quanto das famílias que ficaram na origem e dependem do envio de remessas para a garantia de suas necessidades básicas.

No que diz respeito ao nosso estudo sobre a imigração haitiana para o Brasil, podemos dizer que o terremoto que afetou o Haiti em 12 de janeiro de 2010 tornou-se uma das causas para o aumento do fluxo migratório, mas não foi o motivo explicativo para a diáspora haitiana rumo ao país: uma série de fatores de ordem política, social e econômica que afetam e afetaram o país caribenho são responsáveis pelos inúmeros deslocamentos de haitianos pelo mundo durante toda a sua história. Como Handerson (2015) nos aponta, a mobilidade é uma estratégia de ascensão econômica e social do povo haitiano e, poderíamos acrescentar, frequentemente de sobrevivência.

No Haiti a mobilidade tem caráter constitutivo no universo social e nas trajetórias de vida das pessoas (HANDERSON, 2015), a perspectiva de partir e ser diáspora faz parte das expectativas de vida e de futuro dos haitianos que estão em constante mobilidade pelo mundo.

---

[46] Fonte: Portal Brasil, com informações da Agência Brasil - http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/12/numero-de-trabalhadores-imigrantes-no-pais-cresceu-131. Acesso em: 21 fev. 2018

Aproximadamente 93.000[47] haitianos entraram no Brasil entre 2010 e 2017 e com a crise, muitos foram embora. Alguns motivos ajudam a entender a escolha do Brasil na rota migratória haitiana, mas podemos considerar que os principais entre eles, foram a presença das tropas brasileiras no Haiti, a facilidade em adquirirem o visto e a documentação e começarem a trabalhar, a posição internacional e diplomática de abertura e de hospitalidade com relação aos haitianos, o interesse do governo brasileiro pela mão de obra haitiana na construção civil voltada aos grandes eventos, a imagem do Brasil como "paraíso racial", a possibilidade de continuarem os estudos e o fato do Brasil ser um corredor de passagem para alcançarem o tão sonhado destino norte-americano.

No entanto, ao chegarem no Brasil se depararam com o despreparo das autoridades para lidarem com o fluxo migratório, o acolhimento precário e, na maioria das vezes, garantido por instituições religiosas como a Pastoral do Migrante, Missão Paz e Cáritas. Além disso, o Brasil possuía uma lei migratória atrasada que criminalizava o imigrante e o país se afundou numa crise política e econômica a partir de 2014 que afetou a oferta de empregos e elevou as taxas de desemprego.

A primeira dificuldade encontrada pelos haitianos no Brasil é o idioma, ou seja, a barreira da língua que força o imigrante a se inserir na realidade do país de maneira violenta, pois o obriga a aprendê-la rapidamente com o intuito de estarem no mercado de trabalho. Outro fator importante a citar é com relação ao racismo que é percebido por eles quando chegam ao Brasil, muitos relatam que não sabiam o que era racismo antes de chegarem aqui o que descontrói o mito do Brasil como paraíso racial onde prevalece o discurso da democracia racial e de não descriminação.

Apesar de termos demonstrado por meio do perfil dos sujeitos entrevistados que a imigração haitiana é predominantemente masculina, é preciso ressaltar que as mulheres estão presentes desde o aumento do fluxo para o Brasil em 2010 e, segundo Handerson (2015), as haitianas também passam por dificuldades para reconhecimento de seus diplomas e acabam tendo como opção o trabalho doméstico. Para ele o fato de ser negra e desenvolver serviços domésticos pode remeter a algumas características do processo colonial e da escravidão.

Buscamos entender os motivos que fizeram com que os haitianos continuassem vindo para o Brasil mesmo com as crises vivenciadas pelo país. Nesse contexto, a pesquisa acadêmica deve nos levar a pensar em novos desafios e a revisar conceitos estabelecidos há

---

[47] Dados do SINCRE. Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros. http://obmigra.mte.gov.br/index.php/microdados. Acesso em: 18 fev.2019

tempos. Há a necessidade dessas revisões nesse momento pensando os inúmeros deslocamentos e as migrações transnacionais na conjuntura do capitalismo global a partir da qual Sassen (2016) nos aponta que há uma nova lógica de expulsões e Harvey descreve a acumulação por despossessão a partir da qual toda sorte de remoções, expropriações e violências entram na base da acumulação do capital. Isso tem levado levas de pessoas a buscarem novos caminhos para a sobrevivência sem que consigam escapar, na maioria das vezes, do universo de coações e constrangimentos que se intensificam em nossa época.

No contexto global os deslocamentos humanos se tornam mais frequentes, a migração internacional se insere dentro da lógica da divisão internacional do trabalho onde o processo de mundialização da economia gera o aumento das desigualdades intensificando as relações de poder e de dominação que se manifestam nos empregos e na precariedade do trabalho. Essa realidade corresponde às estratégias do capital que busca alternativas para superar suas crises.

Em âmbito local, vimos, com os preparativos para os grandes eventos que ocorreram no Brasil, o interesse dos empresários em recrutar os imigrantes, principalmente para a construção civil. Os imigrantes haitianos representam uma força de trabalho barata devido à situação de maior vulnerabilidade no Brasil. Os trabalhos oferecidos não exigem qualificação, as condições são precárias e os salários baixos não lhes possibilitam a satisfação das necessidades básicas como moradia adequada, alimentação e o envio de dinheiro para família que ficou no Haiti.

Solitários e sem se relacionarem com brasileiros, exceto no ambiente de trabalho, acionam suas identidades e vivem na própria comunidade haitiana. Desenvolvem estratégias, para manter a família e os afetos com a sua origem por meio de telefonemas e redes sociais. Como nos aponta Sayad (1998), buscam estar presentes onde estão ausentes e manterem seus vínculos com a família.

Para Sayad (1998), a migração produz o emigrante, aquele que saiu da sua sociedade de origem e o imigrante, aquele que chega a um novo destino, ambos são a mesma pessoa e por isso trata a migração como um fato social completo.

Para que possam minimamente “viver” e garantirem microremessas de dinheiro ao Haiti ou República Dominicana (depende de onde a família está estabelecida) se utilizam de estratégias como, a mudança constante de moradia, sendo usadas até o limite do prazo de permanência em instituições religiosas e no centro de acolhimento da prefeitura ou em ocupações. Quando partem para o aluguel, muitos habitam cortiços da região central da cidade que são divididos com várias pessoas, assim como as despesas com a alimentação.

Dirigem-se geralmente para regiões mais afastadas, da periferia da cidade ou outros municípios quando conseguem a reunião familiar, ou seja, quando esposa e filhos, conseguem se juntar a eles no Brasil. Alugam casas simples, longe de tudo, mas onde o aluguel é mais barato e que seja possível honrarem o seu pagamento.

Na metrópole de São Paulo os imigrantes compartilham com os nacionais as condições precárias de vida, os conflitos, os problemas sociais, as dificuldades de acesso à moradia, aos espaços e serviços públicos. Deparam-se com o trabalho precário ou informal, com as péssimas condições de moradia e de vida que compõe toda uma dinâmica de precariedade pela metrópole.

Diante das crises econômica e financeira vivenciadas pelo Brasil a partir de 2014 e o aumento do desemprego, inúmeros migrantes haitianos deixaram o Brasil para viajar aos Estados Unidos, outros foram para o Chile e alguns voltaram para o Haiti. Essa reação corresponde ao que Sayad (1988) nos diz que o imigrante é necessário enquanto o capital precisar de sua força de trabalho, mas quando não há mais trabalho, ele deixa de ser necessário.

Fedo Beacourt, fundador da USIH (União Social dos Imigrantes Haitianos) e professor formado no Haiti, chegou ao Brasil e constituiu família. Ele é testemunha das dificuldades vivenciadas pelos haitianos no que diz respeito ao trabalho. Atuou na construção civil e se sente inferiorizado devido à falta de oportunidade, de melhores opções de trabalho e pela impossibilidade de exercer sua profissão. Pensa em voltar um dia ao Haiti e novamente poder atuar como professor. Enquanto vive no Brasil se dedica a várias atividades para a manutenção da sua vida e de sua família. Administra a USIH, dá aulas particulares de francês e "*créole*", vende produtos como representante de lojas virtuais, é ativista da causa migrante e está sempre em debates e eventos relacionados à imigração para lutar por direitos e políticas públicas para a melhoria de vida dos imigrantes.

Apesar dos nossos sujeitos de pesquisa terem dito que pretendem ficar no Brasil, o que presenciamos na prática, são muitos haitianos planejando novas rotas migratórias onde o Brasil se firma como um território de passagem para outros destinos.

No que tange aos fluxos de remessas, esta dissertação se deparou com as pontas de um processo revelando que as remessas circulam e articulam redes globais. Essas remessas garantem a manutenção da vida dos familiares dos imigrantes haitianos no Haiti e na República Dominicana. Quando enviadas ao Brasil permitem que o imigrante sobreviva enquanto não encontra trabalho em São Paulo. Além disso, as remessas que chegam em São Paulo não se originam somente do Haiti, mas também são provenientes de países do

hemisfério Norte como: os Estados Unidos, França e Canadá. Este fato nos mostra que as redes migratórias se articulam de forma global e vários integrantes da mesma família estão espalhados pelo mundo e que o sucesso de uns deve contribuir para amenizar as dificuldades de vida de outros que não tiveram a mesma sorte e oportunidade no destino migratório.

Podemos dizer com base em nossa pesquisa que há uma rede global de remessas de valores motivadas pelos deslocamentos de haitianos pelo mundo e que não se restringem à origem e destino desses imigrantes, mas que possuem uma conectividade internacional que faz parte da dinâmica migratória, que garante a circulação de recursos e de sobrevivência de quem os recebe.

Com relação às empresas, financeiras, corretoras e bancos que lidam com as transferências de valores internacionais, não temos duvida em afirmar que para eles a imigração é um grande negócio. Apesar da maioria dos valores enviados serem baixos, essas instituições movimentam um grande volume de dinheiro e ganham muito nessas transações por meio das taxas cobradas. A capilaridade das corretoras na cidade, garantida pelos acordos e parcerias com lojas de varejo e bancos comerciais, permite o fácil acesso dos imigrantes aos postos de atendimento e a possibilidade de fazerem suas transferências também via Internet.

Vimos que as redes migratórias são essenciais para as migrações. No caso dos haitianos elas se formam a partir da família, como um projeto familiar, e se estendem pelo Brasil como forma de apoio para os que chegam no tocante à moradia, à alimentação e na busca por emprego. Muitos haitianos não revelam aos seus amigos e familiares as dificuldades que passam em São Paulo para que o projeto migratório não seja considerado um fracasso que atinge toda a família. Para nós, a ideia de solidariedade, como vista em boa parte dos estudos sobre migração, não esgota, apresenta mal e chega a encobrir relações de exploração que estão na base do arranjo migratório, já que essas redes, frequentemente, permitem e estimulam a reprodução da precariedade e das dificuldades de vida para os que chegam no país como fundamento de um negócio. Além dos negócios financeiros, as redes migratórias também atuam como redes de contratação de força de trabalho barata para o acúmulo de capital e exploram o trabalho do imigrante por meio de relações de dominação econômica.

A chegada de grandes fluxos migratórios gera inúmeras transformações políticas, sociais e econômicas que demandam dos governos uma resposta no trato da questão migratória com decisões na esfera das políticas públicas. Podemos dizer que a imigração haitiana é um marco para o Brasil no século XXI, pois explicitou as deficiências do Estado no que tange ao acolhimento e deu um novo impulso para que politicas públicas fossem criadas, novos centros

de acolhimento fossem providenciados e a nova lei de Migração 13.445/2017, finalmente fosse aprovada substituindo o antigo Estatuto do Estrangeiro, resquício da ditadura militar.

No que diz respeito ao conceito geográfico do espaço, podemos observar que ele se configura no campo da reprodução de relações sociais, econômicas, políticas e culturais marcadas por conflitos e contradições que resultam na ocupação e desocupação de áreas e, consequentemente, na mobilidade dos grupos humanos. Os haitianos desde que chegaram em São Paulo passaram a deixar suas marcas na paisagem da cidade. Seja no comércio local, na moradia, com as igrejas que oferecem cultos em *créole*, com a presença das Madames Saras no comércio de rua, enfim dão uma nova vida aos espaços que anteriormente eram ocupados por outras nacionalidades e grupos de migrantes.

Outro fator importante a ser considerado é que a mobilidade haitiana não se restringe à metrópole paulistana, mas a busca por trabalho gera também movimentos internos rumo a outros estados do Sudeste e Sul do país.

Além dos haitianos que entraram no Brasil em busca de trabalho, o país também recebeu um fluxo de estudantes haitianos universitários que vieram por meio do Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti, coordenado pela Capes em parceria com Secretaria de Educação Superior (SESu), do Ministério da Educação (MEC) e o Ministério das Relações Exteriores (MRE). Este programa consistiu na concessão de bolsas de estudos a estudantes das instituições de ensino superior de Porto Príncipe que foram afetadas pelo terremoto de 2010, em instituições de ensino superior brasileiras. [48]

Essa pesquisa buscou abordar a imigração haitiana do ponto de vista da centralidade do trabalho e a inserção na sociedade brasileira. Não nos furtamos em abordar os inúmeros outros temas que consideramos importantíssimos para a análise desse fenômeno migratório como o racismo, a xenofobia, as questões de gênero, a cultura, mas reconhecemos que esses não fizeram parte do nosso objeto de pesquisa e seria impossível abarcarmos toda a realidade referente à imigração haitiana

Buscamos compreender quais os motivos fizeram com que os haitianos continuassem a vir para o Brasil depois de 2014 com as crises econômica e política. Vimos que os imigrantes que estavam no Brasil não compartilhavam com os seus contatos no Haiti as reais dificuldades que enfrentavam no Brasil. Conforme já citamos, compreendemos que o não compartilhamento da real situação é uma forma de não assumirem o fracasso migratório que é também um projeto familiar. Quanto aos haitianos que eram informados e mesmo assim

---

[48] https://capes.gov.br/images/stories/download/diversos/MemorandoHaiti.pdf. Acesso em 10 ago. 2018

decidiram vir para o Brasil, percebemos, principalmente nos relatos fornecidos no trabalho voluntário de escuta que encontravam no Brasil algumas facilidades e serviços gratuitos que não tinham no Haiti como é o caso das escolas públicas e o atendimento do SUS. Esses fatores são, juntamente com fatores estruturais e bem articulados no plano dos negócios, explicativos para a continuidade desse fluxo para o Brasil. Continuam vindo também com a esperança de conseguirem emprego e melhorarem de vida.

O trabalho voluntário realizado durante todo o tempo de pesquisa na Missão Paz com treinamento intercultural e o espaço de escuta permitiu-me acompanhar as mudanças no fluxo migratório e entender as dificuldades, angustias e o modo de ser dos haitianos onde a esperança e o objetivo de conquista fazem com que a busca constante por um futuro melhor não abale a fé da comunidade.

Devido também ao trabalho voluntário, ao contato permanente com os imigrantes tentando ajudá-los no que era possível e no estreitamento do relacionamento com os que gentilmente nos concederam seu tempo, respondendo nossa pesquisa, não poderíamos ter deixado de tratá-los durante toda esta dissertação como sujeitos de pesquisa, pois possuem uma história de vida marcada por vários acontecimentos trágicos e difíceis que nos faz ter a sensibilidade de não vê-los como objetos de pesquisa, mas como sujeitos vitoriosos que aqui chegaram com muita dificuldade e que merecem todo o nosso respeito e consideração.

Ao mesmo tempo em que são sujeitos de pesquisa não podemos deixar de citar que são também, sujeitos sujeitados às várias situações de precariedade que, por meio das condições de trabalho, se desdobram e repercutem em todas as esferas de suas vidas em São Paulo.

A globalização que tomou força nos anos 1990 e estimulou o discurso de um mundo sem fronteiras onde os imigrantes eram bem-vindos viu, após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos e outros que ocorreram na Europa, os países do hemisfério Norte restringirem a entrada de imigrantes que passaram a serem vistos como uma ameaça à segurança nacional.

Portanto, podemos dizer que a globalização permanece para os fluxos de dinheiro, bens e mercadorias, mas com severas restrições para os fluxos de pessoas. Os países desenvolvidos se fecham, erguem muros e fortalecem suas fronteiras para impedirem a entrada de imigrantes fazendo com que a proibição de entrar nesses países seja equiparada à mesma violência que os obriga a saírem de seus países.

Nesse contexto de restrição das migrações pelo mundo, o Brasil se torna uma alternativa para uma migração regular, com possibilidades de acesso à documentação para os vários fluxos migratórios que buscam um novo recomeço para suas vidas.

Concluímos nossa dissertação lembrando que o fenômeno migratório não é estável e está em constante mudança. Logo, esta pesquisa teve por objetivo apontar caminhos para a reflexão sobre a imigração haitiana na metrópole de São Paulo sem esgotar as possibilidades de interpretação, mas sim abrir caminho para novas abordagens.

Figura 8: Treinamento intercultural. 05 set. 2018

Foto: Priscilla Pachi (2018)

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

ALVARENGA, D; GERBELLI, L.G. Brasil deve ter crescimento moderado a partir de 2019, dizem analistas. **Globo - G1**. 30 de novembro de 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/11/30/brasil-deve-ter-crescimento-moderado-a-partir-de-2019-dizem-analistas.ghtml. Acesso em: 28 jan. 2019

ANDREANI, C.. As migrações nos séculos XIX e XX: contribuição para a história do capitalismo. In: Gilles Perrault (org.). **O livro negro do capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ANTUNES,C. Considerações sobre trabalho, alienação e subjetividade. In: Ricardo Antunes (org). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III.** São Paulo: Boitempo, 2014.

ANTUNES, R. L.C. (org et al)**. Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III.** São Paulo: Boitempo, 2014.

_____ Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, R.; ALVES, G. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. Educ. Soc. Campinas-SP, V. 25 , nº 87, p. 335-351, maio/ago.2004.

ANTUNES, R; DRUCK, G. A epidemia da terceirização. In: Ricardo Antunes (org). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.

ARANGO, J. Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración. In: **Revista internacional de ciencias sociales**, n. 165, set. 2000, p. 33-47.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de inflação**. Junho 2015. Volume 17 no. 2 Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms/relinf/port/2015/06/ri201506P.pdf. >. Acesso em: 6 mar. 2016.

BANCO DO BRASIL. Disponível em : https://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial/atendimento/western-union#/. Acesso em: 15 fev. 2019

BASSO, P. A jornada de trabalho no início do século. In: Ricardo Antunes (org). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.

BRADESCO. Disponível em: https://banco.bradesco/html/prime/produtos-servicos/cambio/remessas-internacionais/index.shtm. Acesso em: 15 fev.

BRASIL, Art. 1, Lei n. 9.474, 1997. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm .Acesso em: 10/08/2017

CARVALHO, M.de. Cidade Global. Anotações críticas sobre um conceito in São Paulo. In: **Revista Perspectiva** 14 (4) 2000 p.70-82.

CARTA CAPITAL. Crise econômica: como chegamos aqui e como superá-la. 30 de Janeiro de 2017. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/economia/crise-economica-como-chegamos-ate-aqui-e-como-supera-la. Acesso em: 23 set. 2017

CASTLES, S. Migración internacional a comienzos del siglo XXI: tendencias y problemas mundiales. **In: Revista internacional de ciencias sociales,** n. 165, set. 2000, p. 17-32.

CAVALCANTI, L; TONHATI, T. Considerações finais: características sociodemográficas e laborais da imigração haitiana**.** In. Cavalcante et al (org). **A imigração haitiana no Brasil: características sociodemográficas e laborais na região Sul e no Distrito Federal.** OBMIGRA, Brasília, 2016

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; ARAUJO, D., TONHATI, T., A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. **Relatório Anual 2017. Série Migrações.** Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2017.

COTINGUIBA, G.C. **Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios**, 2014, 154 p. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014

CRESWELL, J.W. ; PLANO CLARK, V.L. **Designing and conducting mixed methods research.** Thousands Oaks, CA : Sage, 2011.

DEUS, F.R. Migração Haitiana em São Paulo pós-terremoto de 2010: A religião como suporte. **In: Temáticas, Campinas**, 25, (49/50): 203-232, fev/dez. 2017

DORNELAS, S. M. Redes Sociais na migração. Questionamentos a partir da pastoral: 2001.São Paulo: In: **Travessia, revista do migrante**, 2001

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. **In: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2 a. ed. São Paulo: Atlas, 2011, p. 62-83.

DUTRA, D. Migrantes haitianos e mercado de trabalho no Distrito Federal. Uma análise sociológica a partir da perspectiva das relações sociais de gênero. In. Cavalcante et al (org). **A imigração haitiana no Brasil: características sociodemográficas e laborais na região Sul e no Distrito Federal.** OBMIGRA, Brasília, 2016

E-Auditoria. Empresas de terceirização crescem com a mudança da legislação trabalhista. Disponível em: http://www.e-auditoria.com.br/publicacoes/noticias/empresas-de-terceirizacao-crescem-com-mudanca-da-legislacao-trabalhista/. Acesso em: 15 maio 2019

ÉPOCA NEGÓCIOS. Imigrante manda mais dinheiro para casa. 29 de agosto de 2017. Disponível em: https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2017/08/epoca-negocios-imigrante-manda-mais-dinheiro-para-casa.html. Acesso em: 15 mar.2019

ESTADÃO CONTEÚDO. Brasil tem 13,1 milhões de desempregados até fevereiro, revela IBGE. 29 de março de 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/03/29/internas_economia,1042184/brasil-tem-13-1-milhoes-de-desempregados-ate-fevereiro-revela-ibge.shtml. Acesso em: 28 maio 2019

EXAME. Haiti é o país com mais mortos por catástrofes naturais. 13 de outubro de 2016. Disponível em: https://exame.abril.com.br/mundo/haiti-e-o-pais-com-mais-mortos-por-catastrofes-naturais/. Acesso em: 10 out.2018

FAGUNDES, E. Haitianos lideram as remessas internacionais. **DCI Câmbio**. 30 de junho de 2015. Disponível em: https://www.dci.com.br/financas/haitianos-lideram-as-remessas-internacionais-1.580302. Acesso em: 15 mar. 2019

FARIA, A.V.de. **A diáspora Haitiana para o Brasil: o novo fluxo migratório** (2010-2012). 2012. 136f. Tese (Mestrado em Geografia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2012.

FERNANDES, D.; FARIA, A.V.de. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. **In: Rev. Bras. Est. Pop. Belo Horizonte**, v.34, n.1, p.145-161, jan/abr.2017

FERNANDES, D.; CASTRO, M.C.G.de. Projeto **"Estudos sobre a imigração haitiana ao Brasil e diálogo bilateral"**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2012

FERNANDES, F. . **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar , 1975 [1968].

FREIRE, S. Haitianos são maior grupo de imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. **PODER 360**. 01 de fevereiro de 2018. Disponível em: https://www.poder360.com.br/economia/haitianos-sao-maior-grupo-de-imigrantes-no-mercado-de-trabalho-brasileiro/. Acesso em: 15 fev.2018

FUNDAÇÃO CAPES. Disponível em : https://capes.gov.br/images/stories/download/diversos/MemorandoHaiti.pdf. Acesso em 10 ago.2018

G1. Banco Western Union inicia serviços de transferências dentro do Brasil. **G1**. 10 de outubro de 2011. Disponível em: http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/10/western-union-quer-30-mil-correspondentes-no-brasil-em-ate-5-anos.html. Acesso em: 15 fev.2019

GARCIA, G. Entenda a crise econômica "houve exagero nos gastos e subsídios, gerando aumento da dívida" **Empresa Brasil de Comunicação (EBC)**. 15 de maio de 2016. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-05/entenda-crise-economica. Acesso em: 23 set.2017

GAUDEMAR, J.P de. **Mobilité du travail et accumulation du capital**. Paris: Librairie François Maspero. 1976.

GERMANI, G. **Sociologia da modernização: estudos teóricos, metodológicos e aplicados a América Latina.** São Paulo: Mestre Jou, 1974.

GOVERNO DO BRASIL. Número de trabalhadores imigrantes no País cresceu 131%. **Agência Brasil.** 07 de dezembro de 2016. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/12/numero-de-trabalhadores-imigrantes-no-pais-cresceu-131. Acesso em: 21 fev. 2018

HAESBERT, R. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **O mito da desterritorialização**: do ´fim dos territórios´ à multiterritorialidade. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2006.

HANDERSON J.; BERSANI, A.E. O Brasil e a diáspora haitiana. In: **Temáticas**, Campinas, 25, (49/50): 09-16, fev./dez. 2017

HANDERSON J A Historicidade da (E)migração Internacional Haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. In. Cavalcante et al (org). **A imigração haitiana no Brasil: características sociodemográficas e laborais na região Sul e no Distrito Federal**. OBMIGRA, Brasília, 2016

_____. Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. O enigma do capital: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011

_____. **Novas territorialidades. Disponível em:** . Acesso em: 26 jan.2016.

IANNI, O**. Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** 3ª.ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LEVIN, J.; FOX, J.A.; FORDE, D.R. **Estatística para as ciências humanas.** 11ª. ed. São Paulo: Pearson Education Brasil, 2012

MAGALHÃES, L.F.; BÓGUS, L.M.; BAENINGER, R. Migrantes haitianos e bolivianos na cidade de São Paulo: transformações econômicas e territorialidades migrantes.. In: **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum**., Brasília, v. 26, n. 52, abr. 2018, p. 75-94

MAGALHÃES, L.F.A.; BAENINGER, R**.** Imigração haitiana no Brasil e remessas para o Haiti. In. BAENINGER, R. (org et al). **Imigração haitiana no Brasil.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MAGALHÃES, L.F.A**.** Imigração haitiana no estado de Santa Catarina: contradições da inserção laboral. In. BAENINGER, R. (org et al). **Imigração haitiana no Brasil.** Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MAGALHÃES, L.F.A.; BAENINGER, R. O Haiti é Aqui: Haitianos em Santa Catarina e o conceito de síndrome emigratória. In: **XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, realizado em São Pedro/SP – Brasil, de 24 a 28 de novembro de 2014. Anais.

MAMED, L.H. **Trabalho e migração. O recrutamento de haitianos na Amazônia pela agroindústria da carne do Centro-Sul brasileiro.** Pesquisa pós-doutoral apresentada no Programa CAPES, 2015.

MARANDOLA JR., Eduardo. Migração e geografia. In**: Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo , v. 28,n. 1, jun. 2011, p. 245-247. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010230982011000100015&lng=en&nrm=iso.Acesso em: 06 Mar. 2016.

MARQUES, F. Saída do Pacto das Migrações pode sair caro aos brasileiros emigrados. **EURONEWS.** 10 de janeiro de 2019. Disponível em: https://pt.euronews.com/2019/01/10/saida-do-pacto-das-migracoes-pode-sair-caro-aos-brasileiros-emigrados. Acesso em: 01 fev.2019

MARTINS, J.S. Sem lenço e sem documento. **O Estado de S.Paulo**. 4 maio 2014. Disponível em: http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,sem-lenco-sem-documento-imp-,1162017. Acesso em: 10 fev. 2016.

_____. **O Cativeiro da terra.** 9ª. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Vol. 1 e 2. São Paulo: Abril Cultural, 1988.

MELLO, P. C. Após mudança de lei no Chile, haitianos voltam a procurar o Brasil. **Folha de S. Paulo.** 01 de julho de 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/07/apos-mudanca-de-lei-no-chile-haitianos-voltam-a-procurar-o-brasil.shtml. Acesso em: 15 jan. 2019

MESQUITA,M. Cenário Macro – Brasil. Banco Itaú/BBA. 09 nov. 2018

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Governo brasileiro garante direitos para imigrantes haitianos**. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/noticias/governo-brasileiro-garante-direitos-para-imigrantes-haitianos>. Acesso em 6 mar. 2016.

MONEYGRAM BRASIL. Disponível em: http://moneygram.com.br/. Acesso em: 15 fev.2019

MORAES, I. A.; ANDRADE, C.A.A.; MATTOS, B.R.B. A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. In: **Conjuntura austral,** Porto Alegre, v. 4, n. 20, out. nov. 2013, p. 95-114.

NOGUEIRA, F. **Dèyè mòn, gen mòn: Imigração Haitiana no Brasil – Relatos do Vivido**, 2017. Tese: (mestrado) FFLCH–Programa de Pós- Graduação em Humanidades, Direito e outras legitimidades-USP

OLIVEIRA, A.T.R. Os invasores: as ameaças que representam as migrações subsaariana na Espanha e haitiana no Brasil. In: **REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum**., Brasília, Ano XXIII, n. 44, jan./jun. 2015, p. 135-155.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, W. Haitianos no Brasil: Hipóteses sobre a distribuição espacial dos imigrantes pelo território brasileiro In: FGV DAPP. Disponível em: http://dapp.fgv.br/haitianos-no-brasil-hipoteses-sobre-distribuicao-espacial-dos-imigrantes-pelo-territorio-brasileiro/. Acesso em: 20abr.2019

OLIVEN, R. G. **Território, fronteiras e identidades**. In: SCHULER, F.; BARCELLOS, M de A. (Org.) Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 157-166.

PACHI, P. Migração e interculturalidade, um binômio capaz de construir pontes de convivência. In: **Rev. UFMG**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1 e 2, p. 124-143, jan./dez. 2018

PACHI, P. A importância da imigração haitiana na concepção da nova lei municipal (São Paulo) de migração. In: **Travessia, revista do migrante** – nº 80, Jan-Jun/2017

PATERSON, B. L.; BOTTORFF, J. L.; HEWAT, R. Blending observational methods: possibilities, strategies and challenges. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 2, n. 1, p. 29-38, 2003.

PATRICE, Jean René. **Migrantes Haitianos em São Paulo e Superexploração da Força de Trabalho.** 2017. 122f. Tese: (mestrado) Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

PERPETUA, G.M. Mobilidade especial do capital e da força de trabalho: Elementos para uma teorização geográfica a partir da matriz marxista.In: **Revista Pegada** – vol. 14 n.1 58, 2013

PÓVOA NETO, Hélion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual – Novos desafios para a análise. In: **Experimental**, no. 2/1997, pp.11-24.

_____. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual. Novos desafios para a análise. **In: Coletânea de textos: Simpósio Internacional Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais.** 2007, p. 45-56.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Promoção da Bancarização de Imigrantes. **Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHC)**. 06 de julho de 2015. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/imigrantes_e_trabalho_decente/programas_e_projetos/index.php?p=198954. Acesso em: 15 mar. 2019

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática. 1993.

RANIERI, J. O fenômeno do estranhamento e a atualidade do conteúdo da crítica ao capital: Ainda Marx. In: Ricardo Antunes (org). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.

SAADEH, C; EGUCHI, M.M. **Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados – Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados.** Disponível em : http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/direitos/tratado12.htm. Acesso: 10 ago.2017

SAMPIERI, R. H; COLLADO, C. F. LUCIO, P.B. **Metodologia de pesquisa:** São Paulo: McGraw Hill, 2006.

SANTINI, D. Sistema nacional de empregos não funciona e imigrantes ficam sujeitos a aliciadores. In: **Repórter Brasil**. Disponível em:<http://imigrantes.webflow.io/>. Acesso em: 6 mar. 2016.

SANTOS, J.A.L. **A geografia da acumulação por despossessão**. Disponível em: https://www.alainet.org/pt/active/67765. Acesso em: 15 mai.2018

SANTOS, A. Migração e força de trabalho: notas para debate. In: **Revista Pegada**. Presidente Prudente, vol. 7, nº 2, p. 7-25. nov. 2006.

SANTOS, C.S. Do lugar do negócio à cidade como negócio. In: **A cidade como negócio.** CARLOS, A.F.A (org et al). Editora Contexto 2015

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. 4ª. ed. São Paulo: Edusp, 2012

_____. **Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** 2ª.ed. São Paulo: Edusp, 2004

_____. O papel ativo da Geografia: um manifesto. In: **Revista Território,** Rio de Janeiro, ano V, no. 9, pp. 103-109,jul./dez., 2000.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M.L. **O Brasil: território e sociedade no início do século 21**. 16ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SANZ, B. Cresce o número de brasileiros barrados nas fronteiras da Europa. **R7**. 07 de março de 2019. Disponível em: https://noticias.r7.com/internacional/cresce-o-numero-de-brasileiros-barrados-nas-fronteiras-da-europa-07032019. Acesso em: 07 mar.2019

SARAIVA, A. Desemprego cai para 11,6%, mas informalidade atinge nível recorde. **Agência IBGE. Editoria:Estatísticas Sociais.** 28 de dezembro de 2018. Disponível em:

https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23465-desemprego-cai-para-11-6-mas-informalidade-atinge-nivel-recorde. Acesso em: 30 jan. 2019

SASSEN, S..**Expulsões, brutalidade e complexidade na economia global**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

_____. **As cidades na economia mundial. São Paulo**: Studio Nobel, 1998.

_____. **A Cidade Global**. In: LAVINAS, L.; CARLETAL, L.; NABUCO, M.R. Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil. São Paulo: ANPUR/Hucitec, 1993.

SAYAD, A**. A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____ O Retorno – elemento constitutivo da condição do imigrante. In: **Travessia – revista do migrante**. Ano XIII, nº especial, jan/2000.

SILVA, C.F. da. Viração: o comércio informal dos vendedores ambulantes. In. CABANES, R; GEORGES,I; TELLES, V.S.; RIZEK, C.S. **Saídas de emergência: Ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo.** São Paulo: Boitempo, 2011

SILVA, C.F. da. Caminhos cruzados: migrantes bolivianos e o trabalho informal na indústria de confecções em São Paulo. In. CABANES, R; GEORGES,I; TELLES, V.S.; RIZEK, C.S. **Saídas de emergência: Ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo**. São Paulo: Boitempo, 2011

SINCRE. **Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros**. Disponível em: http://obmigra.mte.gov.br/index.php/microdados. Acesso em: 18 fev.2019

SOEDERBERG, S. **Debtfare states and the poverty industry. Money, discipline and the surplus population.** New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2014

STOCHERO, T. Imigração ilegal ao Brasil movimenta economia haitiana pós terremoto. **G1 Mundo**. 19 de outubro de 2013. Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/imigracao-ilegal-ao-brasil-movimenta-economia-haitiana-pos-terremoto.html. Acesso em: 15 mar. 2019

SUGIMOTO, L. O dramático vai e vem dos haitianos. **Jornal da Unicamp**. 16 de agosto de 2017. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/08/16/o-dramatico-vai-e-vem-dos-haitianos. Acesso em 15 jan. 2019

TARRIUS, A. **La mondialisation par le bas: Les nouveaux nômades de l'économie souterraine**. Paris : Éditions Balland, 2002

TELLES, V.S e HIRATA, D.V. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. In: **Estudos Avançados** 21 (61), 2007

TONHATI, T; CAVALCANTI, L.; BOTEGAS, T. ; OLIVEIRA, A.T de. Os Imigrantes Haitianos no Brasil : A empregabilidade dos haitianos no mercado de trabalho brasileiro. In. Cavalcante et al (org). **A imigração haitiana no Brasil: características sociodemográficas e laborais na região Sul e no Distrito Federal.** OBMIGRA, Brasília, 2016

TONHATI, T; CAVALCANTI, L.; BOTEGAS, T. ; OLIVEIRA, A.T de. Os Imigrantes Haitianos no Brasil : formas de entrada, permanência e registros. In. Cavalcante et al (org). **A imigração haitiana no Brasil: características sociodemográficas e laborais na região Sul e no Distrito Federal.** OBMIGRA, Brasília, 2016

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. In: **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1/2008, pp.199-218

UNISINOS. Medo de ebola agrava preconceito contra imigrantes negros. Revista **Instituto Humanitas.** 18 de dezembro de 2014. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/538630-medo-de-ebola-agrava-preconceito-contra-imigrantes-negros. Acesso em: 20 jan.2016

USIH – **União Social dos Imigrantes Haitianos**. Disponível em: http://usihaitianos.org/quemsomos/. Acesso em: 17 jan. 2019

USGS – United States Geological Survey, National Earthquake Information Center. Earthquakes Map . Disponível em: https://earthquake.usgs.gov/earthquakes/eventpage/usp000h60h#executive acesso em 15 nov.2017

VENCO, S. **Novos contornos da divisão internacional do trabalho: um jogo de xadrez no planeta?** In: Ricardo Antunes (org). Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III. São Paulo: Boitempo, 2014.

VILLAÇA, F. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. In: **Estudos Avançados** 25(71), 2011

VILLEN, P. A nova configuração da imigração no Brasil sob a óptica do trabalho. In: Ricardo Antunes (org). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.

WESTERN UNION. Disponível em: https://www.westernunion.com/br/pt/home.html. Acesso em: 15 fev. 2019

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PESQUISA

1. Nome:

2. Idade:

3. Profissão na origem/ O que você fazia no Haiti?

4. Grau de escolaridade:

5. Qual a sua cidade no Haiti? Qual o maior problema que o fez emigrar?

6. Você veio direto do Haiti ou estava vivendo em outro lugar?

7. Há quanto tempo você chegou no Brasil?

8. Você chegou diretamente em São Paulo ou veio de outro estado? Por via aérea?

9. Conseguiu o visto no Haiti ou ao chegar no Brasil?

10. Foi fácil conseguir o visto ou teve problemas?

11. Você veio sozinho?

SIM	NÃO

12. Deixou a família? Esposa e filhos? Quantos filhos?

SIM	NÃO

13. Já migrou para outro país antes de vir para o Brasil?

SIM	NÃO

14. Já possuía algum parente ou amigo no Brasil antes de vir?

SIM	NÃO

15. Em caso positivo, eles o ajudaram de alguma forma desde a sua chegada no Brasil? Como?

16. Quais as informações que você recebia do Brasil no Haiti por meio de conhecidos?

17. Qual o seu contato com a comunidade haitiana no Brasil? Onde vocês se encontram?

18. Você frequenta os espaços públicos da cidade? Quais?

19. Você se relaciona com brasileiros? De que forma?

20. Trabalha ou já trabalhou no Brasil?

SIM	NÃO

21. Se a resposta for positiva, era registrado, qual era a sua atividade e por quanto tempo trabalhou?

22. Você mora(va) próximo ao trabalho?

23. Qual é (ra) o seu salário?

24. Você envia dinheiro para a sua família? De que forma?

25. A remessa enviada corresponde a quanto do seu rendimento mensal?

26. Em caso de desemprego, como você está vivendo sem emprego? Alguém o ajuda? De que forma? Há quanto tempo está desempregado?

27. Quais as suas expectativas com relação ao Brasil? Pretende migrar novamente? Para onde?

28. Qual a sua intenção de 0 a 5 de permanecer no Brasil onde 5 é a maior pontuação.

29. Você acredita que se permanecesse no Haiti não poderia, um dia, ter uma melhor condição de vida? Porque?

30. Seu objetivo era o de migrar para o Brasil? Porquê? ou você queria migrar para outro país? Porque mudou a decisão?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado(a)__A precarização na base da mundialização contemporânea: a imigração haitiana na metrópole de São Paulo desenvolvida(o) por__Priscilla Pachi_____. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] pelo Prof. Dr. Cesar Simoni da Universidade de São Paulo-USP, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail cesarsimoni@usp.br. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é desvendar as formas e inserções de trabalho do imigrante na cidade de São Paulo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada podendo ser gravada. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) testemunha(a): _____

APÊNDICE C – SOLICITAÇÃO DE USO DOS DADOS DA MISSÃO PAZ

São Paulo, 11 de abril de 2018.

Ao Centro de Estudos Migratórios – CEM

Prezados Senhores,

Venho por meio desta solicitar autorização para a realização de estudo e análise de dados que possam vir a ser fornecidos pelo eixo trabalho referente ao atendimento e empregabilidade de imigrantes e refugiados atendidos pela Missão Paz.

Atenciosamente,

Priscilla Pachi

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia Humana - USP

ANEXO A – FICHA DE CADASTRO – EIXO TRABALHO

MISSÃO PAZ

FICHA DE CADASTRO – EIXO TRABALHO

Por favor, escreva claramente e preencha tudo.

DATA DE ENTRADA NO BRASIL (DIA/MÊS/ANO) _____/_____/_____

Qual é seu status no Brasil? Imigrante ( ) Solicitante de Refúgio ( ) Refugiado ( )

Informações Gerais

Nome completo: Homem ☐ Mulher ☐

Nacionalidade: Data de nascimento (dia/mês/ano):___/___/___ Idade : _____

Estado Civil: solteiro ☐ Casado ☐ Divorciado ☐ Viuvo ☐ Filhos? Sim ☐ Não ☐ Se sim, quantos? _____

Contato em seu país, família ou amigo (nome e telefone):

Nº telefone celular no Brasil: E-mail:

Como conheceu a Missão Paz

Religião: É morador da casa do migrante? Sim ☐ Não ☐

Endereço no Brasil:

Nº do Passaporte: Nº do CPF:

Nº do RNE ou Protocolo: Nº da Carteira de trabalho:

Trabalho

Ocupação anterior_____ Quanto tempo?_____

Experiência de trabalho/tipo de trabalho _____ Quanto tempo?_____

Pode morar fora de São Paulo? Sim ☐ Não ☐ Tem preferência para trabalho com moradia? Sim ☐ Não ☐

Educação

Por favor selecione o mais alto nível de educação que você conseguiu?

Fundamental ☐ Ensino médio incompleto ☐ Superior incompleto ☐ Doutorado ☐

Ensino médio completo ☐ Superior completo ☐ Pós graduação ☐

Idiomas: Português ☐ Inglês ☐ Francês ☐ Espanhol ☐ Outras línguas ☐

Participou de cursos de português ? Sim ☐ Não ☐ Se sim, em qual escola? _____

Saúde

Problemas de saúde?

Faz uso de medicamentos? Sim ☐ Não ☐ Se sim, qual ? _____

Você fuma? Sim ☐ Não ☐ Você bebe? Sim ☐ Não ☐

São Paulo, _____/_____/_____

_____

(Assinatura)

ANEXO B – COMPROMISSO DE CONDUTA ÉTICA DO REPRESENTANTE AO SELAR FUTURO CONTRATO DE TRABALHO

MISSÃO PAZ

CPMM
CENTRO PASTORAL E DE MEDIAÇÃO DOS IMIGRANTES

COMPROMISSO DE CONDUTA ÉTICA DO REPRESENTANTE*
AO SELAR FUTURO CONTRATO DE TRABALHO

*Entendemos como Representantes, Consultorias ou

CNPJ/ CPF:_____

Nome da Empresa:		
Endereço:		
Cidade:	UF:	CEP:
Segmento da empresa: ☐ Industria ☐ Comércio ☐ Construção Civil ☐ Hotelaria ☐ Alimentos ☐ Confecção ☐ Rural ☐ Trabalhos Domésticos ☐ Outros		
Nome do representante:		
Documento do representante:		
Email:	Cel.:	

Eu, como representante legal da empresa, ao contratar o imigrante abaixo mencionado, **reafirmo meu compromisso a:**

- Observar e cumprir a legislação trabalhista vigente no Brasil, rejeitar todo tipo de preconceito, discriminação, exploração e intolerância, para não ferir a dignidade do imigrante ou incorrer em desrespeito aos Direitos Humanos;
- Promover um ambiente de respeito mútuo e de integração;
- Dar igualdade de oportunidade e tratamento aos empregados imigrantes e brasileiros
- Respeitar a cultura e costumes do imigrante, ciente de que ele precisa de tempo para adaptação no processo intercultural no Brasil.

PARA O TRABALHADOR Qual é seu status no Brasil? Imigrante ( ) Solicitante de Refúgio ( ) Refugiado ( )

Nome:	CPF:	
País de origem:	Contato em seu país:	
Tel.	Sexo:	Idade:
Documento de identidade (RNM ou protocolo):		Formação
Nº da carteira de trabalho:	Série:	UF:
Função:	Dias:	Horários:
Tipo de atividade: ☐ Serv. gerais ☐ Serv. técnicos ☐ Serv. manuais ☐ Serv. Domésticos ☐ Outros		
Salário:	Tipo de contrato: ☐ CLT ☐ Temporário	
Benefícios: ☐ Acomodação ☐ Alimentação (R$_____) ☐ Supermercado (R$_____) ☐ Transporte ☐ Plano de Saúde ☐ Plano Odonto ☐ Hora extra		

Eu, como novo trabalhador contratado pela empresa acima, **comprometo-me a:**

- Respeitar a legislação vigente no Brasil, principalmente no que tange aos direitos e deveres trabalhistas;
- Esforçar-me para minha inserção na nova realidade do Brasil.
- Dedicar-me a aprendizagem do idioma e dos costumes do país.

São Paulo, de de

_____ Assinatura do Empregador

_____ Assinatura do Trabalhador

Missão Paz São Paulo – SP Eixo Trabalho – Rua do Glicério, 225 – Liberdade – Tel 11-3340-6959 – Cel 11-96662-2244

ANEXO C – CADASTRO DO EMPREGADOR

Missão Paz
São Paulo

CADASTRO DO EMPREGADOR

(PREENCHER EM LETRA DE FORMA)
SE POSSÍVEL ANEXAR SEU CARTÃO DE VISITA

NOME FANTASIA				
RAZÃO SOCIAL (PJ)			CNPJ	
NOME (PF)			CPF	
CIDADE:		TEL. 01	TEL. 02	TEL. 03

CONTATO		E-MAIL	

ENDEREÇO:		N.º	

COMPLEMENTO:		BAIRRO:		CIDADE:		UF	

CEP		PONTO DE REFERENCIA

SEGMENTO DA EMPRESA	☐ INDÚSTRIA	☐ HOTELARIA	☐ RURAL
	☐ COMÉRCIO	☐ ALIMENTOS	☐ TRABALHOS DOMÉSTICOS
	☐ CONSTRUÇÃO CIVIL	☐ CONFECÇÃO	☐ OUTROS

DADOS DE PERFIS DE INTERESSE

TIPOS DE ATIVIDADES	OBSERVAÇÕES
☐ SERVIÇOS GERAIS	
☐ SERVIÇOS TÉCNICOS	
☐ SERVIÇOS MANUAIS	
☐ SERVIÇOS DOMÉSTICOS	
☐ OUTROS	

AFIRMO QUE ASSISTI À PALESTRA "IMIGRANTE – UM OUTRO OLHAR" E QUE ESTOU CIENTE QUE:

- ☐ Todas as vagas oferecidas devem respeitar às normas da CLT ou de contrato temporário, quando for o caso.
- ☐ Todas as vagas oferecidas devem ter jornada de trabalho pré-estabelecida, conforme legislação.
- ☐ Todas as vagas com possibilidade de hora extra devem ter este benefício formalizado.

....., ...de .....de 20.....

ASSINATURA

*PARA USO DA INSTITUIÇÃO - DOCUMENTOS NECESSÁRIOS (FOTOCÓPIAS)

COMPROVANTE DE ENDEREÇO	CÉDULA DE IDENTIDADE (R.G.)	CADASTRO DE PESSOA FÍSICA (CPF)	CADASTRO DE PESSOA JURÍDICA (CNPJ)

Rua do Glicério, 225 Liberdade CEP 01514-000 São Paulo Telefone – 11 3340-6950 E-mail trabalho@missaonspaz.org

CPMM